

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

WALTER DE ASSIS ALVES

**TRABALHADORES TÊXTEIS EM TRÊS LAGOAS-MS: EXPERIÊNCIAS DE
TRABALHO, PRÁTICAS SOCIAIS E ATUAÇÕES POLÍTICAS**

**UBERLÂNDIA
2009**

WALTER DE ASSIS ALVES

**TRABALHADORES TÊXTEIS EM TRÊS LAGOAS-MS: EXPERIÊNCIAS DE
TRABALHO, PRÁTICAS SOCIAIS E ATUAÇÕES POLÍTICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Dilma Andrade de Paula.

**UBERLÂNDIA
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- A474t Alves, Walter de Assis, 1974-
 Trabalhadores têxteis em Três Lagoas-MS : experiências de trabalho, práticas sociais e atuações políticas / Walter de Assis Alves. – 2009.
 178 f.
- Orientadora : Dilma Andrade de Paula.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia.
 Programa de Pós-Graduação em História.
 Inclui bibliografia.
1. Industrialização - Teses. 2. Trabalhadores - Aspectos sociais - Teses. 3. Indústria têxtil - Teses. I. Paula, Dilma Andrade de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 338.45

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Dilma Andrade de Paula – UFU (Orientadora)

Prof. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso – UFU (Examinadora)

Prof. Dra. Anna Beatriz de Sá Almeida – COC/Fiocruz – RJ (Examinadora)

*Em memória de meu pai, Manoel Cirilo Alves.
Pelos seus 82 anos de batalha incessante, sem tréguas!*

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato às pessoas que colaboraram cedendo seus depoimentos, contando-me suas histórias, ensinando um pouco mais sobre a arte de sobreviver em meio a essa sociedade tão pouco sensível.

Cláudio Antonio de Saul, Clayton Oliveira Acunha, Fábio César Barrios, Fábio Teodoro dos Santos, Jorge Henrique Vieira, Judson Vieira, Marisol Pires, Paulo Dias Jr., Roberto Ferreira da Silva, Sinvaldo de Souza e Verônica; vocês são os reais protagonistas dessa história que se levanta em solo três Lagoense. Obrigado por colaborarem.

Agradeço as pessoas que abriram as portas de várias instituições para que eu pudesse entrar e colher algumas informações, pois sem elas seria impossível levar este trabalho adiante. Em especial, a Sra. Maria Luiza Jorge Sanches do Escritório Contábil São Jorge, que faz um trabalho fantástico de arquivo dos exemplares do Jornal do Povo, desde meados da década de 1970; e a Clerildes Aparecida da 1ª Vara do Trabalho de Três Lagoas, se todas as repartições públicas tivessem pessoas esclarecidas como você, quanto à importância do trabalho de um pesquisador, nosso esforço seria bem menos custoso.

Dedico esse trabalho a Aparecida Silvério Alves, que em sua simplicidade entendeu o valor de meu esforço, e acompanhou todo o processo de construção dessa obra, auxiliando-me com o seu carinho e amor de mãe. Aos amigos da mesa redonda “que é redonda mesmo”: Mariana Quadros Gimenez, a moça que segurou firme a minha mão nesses primeiros passos por entre a extensão do espaço que compõe o estudo da história; Juliana e Carol Fresqui, Cleoslei de Faria, Fernando Toledo, Aline Bertuci, Alessandro Meneghetti e a Kemelly Alves Mello; foi um privilégio ter vocês tão próximos. No mais, aos meus irmãos Luiz Carlos Alves e Eloísa Alves Mello, que foram generosos colaboradores financeiros, desde a minha graduação, ou mesmo antes dela.

Agradeço a minha orientadora Dilma Andrade de Paula, pela colaboração no processo de construção desse trabalho, apontando perspectivas, dividindo suas experiências que me ajudaram a avançar em direção a uma melhor compreensão da historiografia, esforços que são objetivados na composição das páginas dessa dissertação. Sou grato aos professores Heloisa Helena Pacheco Cardoso, Carlos Lucena e Anna Beatriz de Sá Almeida, pela participação na qualificação e defesa da dissertação, suas considerações foram, e serão, de grande importância para enriquecer teórica e metodologicamente esse trabalho. E aos demais professores do Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia, Linha de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais”, o meu reconhecimento pela substancial colaboração através das aulas do mestrado. Aos professores Vitor Wagner de Oliveira Neto e Maria Celma Borges da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, agradeço por terem sido as pessoas que me iniciaram nessa arte maravilhosa que é a pesquisa histórica. A Giane Escobar e Virna Vieira Leite, mostro-me grato pela colaboração na leitura e considerações gramaticais do texto dessa dissertação. Não posso me esquecer dos colegas de mestrado, em especial, o Tadeu e o Paulo, pessoas que de forma simples e direta ajudaram-me a melhor entender alguns pontos essenciais da pesquisa que por meio de debates pouco formais, do café a cervejinha no bar, puderam ser esclarecidos. Por fim, agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), seria impossível levar adiante esse trabalho sem o apoio financeiro dessa instituição, obrigado!

RESUMO

Na pesquisa busco compreender parte do processo de industrialização que acontece em Três Lagoas a partir de meados da década de 1990, motivado pela oferta de mão-de-obra barata, juntamente com incentivos fiscais disponibilizados pelo Governo Municipal e Estadual. Com a chegada das fábricas a partir do ano de 1997, surge uma dinâmica diferenciada no cotidiano da cidade, colocando o trabalhador local frente a novas condições de vida e trabalho. Neste ambiente em que entrecruzam jovens trabalhadores inexperientes e trabalhadores com certa bagagem no que concerne ao trabalho na fábrica – sendo estes últimos, trabalhadores que vieram para Três Lagoas acompanhando as fábricas -, será forjado novos modos de vida em meio às formas de exploração do trabalho fabril. Mediante uma aproximação analítica do panorama fabril, delimitando minha apreciação nas ações desprendidas pelos trabalhadores das indústrias têxteis, foi possível entender como vem sendo construído o ambiente de relações de trabalho, conduzido por força da lógica do capitalismo industrial, e como têm reagido os agentes inseridos no interior desse processo para tentar amenizar o peso das mudanças ocorridas em suas vidas.

Palavras-chave: Industrialização, trabalhador, fábricas têxteis, hegemonia, ideologia, progresso, Jornal do Povo, Três Lagoas.

ABSTRACT

This research seeks to comprise part of industrialization process that happen in Três Lagoas City from mid decade 1990, motivated by the supply of cheap labor, herewith the fiscal incentives made available by municipal and state government. With the advent of factories from 1997, emerge a differentiated dynamical at quotidian life of the city, putting the local worker face to new conditions of life and work. In this setting that interlace young workers inexperienced and workers that have experience of manufactory labor – being the latest who coming to Três Lagoas City following the factories - will be forged a new way of life in the middle of exploration forms of labor factory. By means of a review of the production scenery, delimitating the appreciation in the actions made by the textile manufactory workers, it is possible to understand how is being built the labor relations setting, driven by virtue of the logic of the industrial capitalism, and how have reacted the agents inserted in this process to try smooth the weight of changes in their lives.

KEYWORDS: Industrialization, worker, textile manufactories, hegemony, ideology, progress, Jornal do Povo, Três Lagoas City.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E REIVINDICAÇÕES POR DIREITOS NAS FÁBRICAS TÊXTEIS DE TRÊS LAGOAS-MS.....	30
CAPÍTULO II	
HISTÓRIAS DE VIDA, O PASSADO E O PRESENTE COMO FORÇAS TRANSFORMADORAS NOS MODOS DE VIDA DE TRABALHADORES.....	73
CAPÍTULO III	
RECRUTAMENTO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, EMPREGO E DISCIPLINA FABRIL NA HISTÓRIA DO TRABALHO DE TRÊS LAGOAS.....	115
CONCLUSÃO.....	158
FONTES.....	163
BIBLIOGRAFIA.....	170
ANEXOS.....	174

INTRODUÇÃO

O estado de transformações econômicas pelos quais vem passando Três Lagoas¹ nos últimos dez anos configura-se no discurso hegemônico de seus idealizadores como desenvolvimento industrial objetivado em máquinas e fábricas. Um “*canteiro de empregos*” que vem “*gerando progresso e oportunidades em Três Lagoas*”, que por sua vez, recebe a denominação de “*maior pólo da tecelagem e vestuário*”² do Estado de Mato Grosso do Sul.

Esse fenômeno, sua significativa representatividade, também traz um complexo de outros *indivíduos*³ agregados a ele; com capacidade de alterar, uns mais, outros menos, os modos de vida dos moradores dessa cidade. Neste sentido, o conceito de *progresso* vem acompanhado de palavras como: *desenvolvimento, emprego, oportunidades, etc.*, propondo significar algo bom para a cidade e seus habitantes.

A definição que toma o conceito de *progresso*, no decorrer da pesquisa não acompanha a acepção que ele ocupa no discurso das elites dominantes, indo além de seu valor simbolicamente construído, materializado na produção fabril e geração de empregos. Busco fundamentar minha análise no pensamento do intelectual italiano Antônio Gramsci e no trabalho crítico de desconstrução do *mito do progresso* presente no discurso das classes hegemônicas capitalistas, abalizado pelo economista Gilberto Dupas.

¹ Situado a Leste do Estado de Mato Grosso do Sul, em uma região conhecida como Bolsão Sul-matogrossense, Três Lagoas conta hoje com aproximadamente 90 mil habitantes, a cidade teve o seu povoamento principiado por volta da década de 1880. - sua emancipação política vem ocorrer em 1915 tornando-se município -, motivada por criadores de gado que chegaram à região vindos dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, e posteriormente, na primeira década do século 20, pela construção do ramal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que liga a cidade de Bauru-SP a cidade de Corumbá-MS. A pecuária é a principal atividade econômica da cidade, mas, a partir da segunda metade da década de 1990 este seguimento econômico vem repartindo a atenção dos investidores com a indústria que começou a despontar em seu território. SECRETARIA Municipal de Assistência Social, Cidadania e Trabalho. *Conhecendo Três Lagoas*. Três Lagoas, 2005. Não paginado.

² Esses são alguns títulos apresentados nas matérias publicadas pela revista *Moda MS*, denominada a revista da indústria da tecelagem e do vestuário de Mato Grosso do Sul, em seu segundo número de julho de 2006. REVISTA Modas MS, Campo Grande-MS, n. 02, jul. 2006.

³ Para Julio Aróstegui os fenômenos sociais de toda espécie têm um grau de complexidade em seus componentes que nenhuma de suas análises podem ignorá-las, em seu entender a realidade social e cultural é um *complexo* formado por indivíduos. Sendo indivíduos, não somente homens, mas todo tipo de “unidades” em que os fenômenos sociais podem se decompor: ações, palavras, números, coisas materiais e símbolos culturais de qualquer gênero. In: ARÓSTEGUI, Julio. O objeto teórico da historiografia. In: _____. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 321.

Antônio Gramsci, afirma estar, o sentido de *progresso*, dependente de certa mentalidade constituída por elementos culturais historicamente determinados. Na sua acepção mais corrente está subentendida a possibilidade de uma mensuração quantitativa, *o mais e o melhor*. O autor salienta ainda:

*O nascimento e o desenvolvimento da idéia de progresso correspondem à consciência difusa de que se atingiu uma certa relação entre a sociedade e a natureza [...] relação de tal espécie que os homens – em seu conjunto – estão mais seguros quanto ao seu futuro, podendo conceber ‘racionalmente’ planos globais para sua vida.*⁴

Desse modo, delineia-se um quadro em que o desenvolvimento econômico de Três Lagoas, idealizado por um grupo de pessoas que tem interesses na instalação de algumas fábricas, pode despontar rumo ao *progresso*, a constituição de uma sociedade capitalista industrial que, no olhar dos agentes desse grupo, vai beneficiar quem nela encontra-se inserido. Entretanto, os sujeitos que trazem em seu discurso tal conceito, abrangem a cúpula dos dirigentes da cidade, e atuam em busca da realização de interesses particulares e não da sociedade como um todo.

Essas pessoas projetam a imagem de representantes dos interesses de todas as comunidades existentes no âmbito da cidade, nela a produção industrial é apontada como chave para a ascensão ao *progresso*, as mudanças ocorridas ecoam como desejadas, capacitadas a tornar a vida das pessoas mais justas. Todavia, ao adentrar a realidade existente no interior do universo social em processo de transformação por força da instalação de fábricas, o que se percebe pouco condiz com o que vem a ser a univocidade semântica que o conceito ocupa no discurso de parte da elite hegemônica de Três Lagoas.

Ao trabalhar com uma acepção mais realista, menos discursiva, dos sentidos apreendido no conceito de *progresso*, o economista Gilberto Dupas complementa: “A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer e assume plenamente a assunção de **progresso**; mas esse **progresso**, ato de fé secular, traz também consigo exclusão, concentração de renda e subdesenvolvimento”.⁵

⁴ GRAMSCI, Antônio. Introdução ao estudo da filosofia e do materialismo histórico. In: _____. *Concepção Dialética da História*. 9ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p.44-45.

⁵ DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso ou progresso como ideologia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006, p. 11. [grifo do autor].

É inelutável desejarmos o *progresso*. Para Gilberto Dupas, obtê-lo não significa a melhoria necessária da qualidade de vida para a maioria das pessoas. O conceito de *progresso* é contraditório quando avaliado sob a luz da evolução dos padrões civilizatórios e associado à realização plena das potencialidades humanas, em direção à justiça social, com igualdade e condição de garantir um melhor porvir.⁶

Empreendendo uma maior aproximação crítica do conceito, esse autor aponta que, em *progresso*, está incutida a idéia de caminhar em direção a algo benévolo que conduz a um maior número de existências felizes, com homens cada vez mais livres; ocultando o contraditório, as fissuras e fraturas que, com efeito, o desenvolvimento apresenta ao sobrecarregar a vida de milhares de pessoas, em todas as horas do dia. Por conseguinte, a exploração e repressão capitalista forjam novos sentidos plurais para suas ações, atuando com significados diferenciados em diferentes lugares. Em última análise, para Gilberto Dupas, nos países pobres:

[...] o entendimento de que se está inserido no progresso ou na evolução tecnológica é feito somente pela via do consumo. As elites – e a população em geral, por simbiose – pensam que basta usar os novos produtos para alcançar a modernidade; é o caso dos i-pods, das TVs de plasma e outras novidades sempre a surgir. Entramos, pois, apenas com o lado dos explorados, ou seja, as vantagens do desenvolvimento tecnológico – geração de riqueza através de empregos e renda para quem desenvolve, fabrica e comercializa produtos tecnológicos – ficam com os países ricos e suas corporações globais.⁷

A submissão ao aparato tecnológico, de certo modo, tem o atributo de trazer conforto e aumentar a produtividade do trabalho. Entretanto, é a partir dos olhares das pessoas comuns que teço considerações diferenciadas daquelas trazidas junto ao discurso das elites, sobre a evolução tecnológica, o *progresso*; expondo algumas perspectivas que demonstram determinada ineficiência na tentativa de garantir a realização desses predicados. O que conduz milhares de pessoas em direção a uma jornada de transformações em seus modos de vida, de submissão a interesses alheios, de enfrentamento em busca da subsistência diária.

O grupo composto por parte da elite que detém o monopólio dos meios que permitem levar adiante o projeto de atração de fábricas para Três Lagoas, é formado em seu

⁶ Ibidem, p. 14-26.

⁷ Ibidem, p. 279.

“grosso caldo” por empresários e políticos. A representação dessa elite hegemônica não se configura por meio de uma divisão com políticos e empresários definidos separadamente.

Alguns empresários locais possuem ou possuíram determinadas funções políticas, como exemplo, Magid Thomé Filho, que foi Secretário de Comércio, Turismo e Indústria no Governo Municipal de Issan Fares (1997-2000), e vice-prefeito no segundo mandato desse prefeito (2001-2004). Entrou recentemente no ramo industrial, com a empresa de envasamento de água, *Água Mineral Aquarela*. Sua família era proprietária da área imobiliária rural vendida para a prefeitura e destinado a doação para a instalação de algumas fábricas de tecido.⁸

Empresários locais atuam juntamente com empresários procedentes de outras cidades, investindo na implementação dos distritos industriais da cidade⁹, fazendo uso dos incentivos disponibilizados; José Paulo Rimolli, em Três Lagoas desde 1966, é empresário do ramo de formulários contínuos, expandiu seus investimentos nos últimos anos e fez uso dos incentivos fiscais disponibilizados.¹⁰

Admir Célis Gonçalves, aproveitou também os incentivos oferecidos para expandir seus negócios no ramo da indústria metalúrgica. Proprietário da empresa *Triaço Comércio e Indústria de Artefatos de Ferro Ltda*, além de incentivos fiscais, recebeu também doação de área para instalação de outra fábrica, a *Silotrês Indústria e Comércio de Artefatos de Ferro Ltda*.¹¹

Portanto, quando faço referência ao grupo que participa da elaboração do ideal de *progresso* para Três Lagoas, composto por empresários e políticos, não faço menção destes como sujeitos que se diferem no que tange a natureza de suas atuações, seja ela política ou

⁸ PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. Lei n. 1552, 16 jul. 1999.

⁹ Cf. *Anexo B - Maquete Distrito Industrial I de Três Lagoa*, e *Anexo C - Vista panorâmica do Distrito Industrial I de Três Lagoas*, na página 176, contendo ilustrações do Distrito industrial I de Três Lagoas.

¹⁰ As Leis de incentivos para a instalação de fábricas em Três Lagoas, não fazem referência à distinção entre empresários locais ou de outras unidades da federação. Consta no Art. 1º: “*Fica o Poder Executivo autorizado a conceder isenção às indústrias que vierem a se instalar ou que estejam em processo de instalação, referente ao Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) e Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), nos termos da presente Lei.*” Desse modo, alguns empresários locais, que antes não atuavam no setor industrial, aproveitam a abertura de oportunidades disponibilizadas e investem nesse setor. PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. *Altera dispositivos da lei nº 1.955, de 21 de fevereiro de 2005 e dá outras providências*. Lei n. 2.100, 28 nov. 2006, p. 01.

¹¹ PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. Lei n. 1937, 16 dez. 2004.

econômica, e sim como um grupo composto por agentes que podem ser possuidores de poderes tanto políticos, quanto econômicos no interior das relações plurais cidadinas.

A identificação desse grupo é feita com base na orientação de Antônio Gramsci que pontua que todo grupo social traz inserido em seu universo de relações uma ou mais camadas de intelectuais que proporcionam homogeneidade ao grupo, a sua conscientização tanto no campo econômico, quanto também no campo social e político, representa a ampliação e domínio desta camada sobre as outras existentes, seja no cenário local ou global.¹²

Por este viés, tem-se a condição de controle hegemônico dos interesses de classe, pois estes passam a atuar de forma mais orgânica. Desse modo, a elite hegemônica participa ativamente na elaboração e difusão de suas concepções acerca do que acham importante para suas vidas e seus interesses.

As ocasiões em que a elite hegemônica expõe suas idéias publicamente, ocorrem por meio de informações divulgadas na imprensa local. Dessa forma, os jornais como fontes de pesquisa colaboram para que eu possa ter contato com parte das informações que dizem respeito aos interesses desse grupo. Entre os jornais de circulação em Três Lagoas, o *Jornal do Povo*¹³ apresenta-se como o mais completo em assuntos direcionados a atender aos interesses de domínio político e econômicos.

Este periódico traz em suas matérias a possibilidade de analisarmos a atuação daqueles personagens que fomentaram, e fomentam, a busca pela atração de investimentos econômicos provenientes de capital industrial para Três Lagoas a partir da segunda metade da década de 1990. Através deste jornal abrangemos categorias analíticas pertinentes para apreendermos a intensidade do discurso e a identificação daqueles agentes que reelaboram¹⁴ idéias e práticas capazes de promover a edificação de fábricas na cidade.

¹² GRAMSCI, Antônio. Caderno 12 (1932). In: _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v. 2, p. 13-53.

¹³ O *Jornal do Povo* foi fundado em 1949 pelo Senador Filinto Mülher juntamente com a participação de um grupo político sob sua liderança. Inicialmente o jornal tinha como objetivo divulgar as idéias partidárias do Partido Social Democrata. Em 1962, o promotor público Stênio Congro assumiu a direção do jornal; como redator e administrador, colaboravam o professor Benedito Costa e o capitão do exército Oscar Ferreira Botelho, que escreviam, revisavam e dirigiam o jornal. Em 1978, Rosário Congro Neto passa a ser sócio do jornal, alterando o perfil do jornal, que passou a ser mais empresarial e menos político. HISTÓRICO. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 17 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.jptl.com.br/index1.htm>>. Acesso em 17 ago. 2007.

¹⁴ A configuração da intenção de promover a instalação de fábricas em Três Lagoas tem o seu germinar a partir da construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias - Usina de Jupia - que foi concluída em 1974. Nesse

O *Jornal do Povo* tem em seu histórico a presença de políticos em sua diretoria. Desde a década de 1960 sob a administração de uma mesma família, abarca no bojo de suas matérias a configuração de assuntos que versam sobre a tentativa de imprimir o desenvolvimento da cidade, o tema *industrialização* aparece em suas páginas acompanhado do nome de seus idealizadores, primeiramente na década de 1970, com o intuito de atribuir valores ao nome de determinados personagens como homens de ação, que têm visão empreendedora e caminham sempre em direção ao futuro:

*Ninguém pode negar que o Senhor Hélio Congro imprimiu novas e produtivas diretrizes a administração municipal. O Distrito Industrial de Jupia pelo qual batalhou e vem batalhando e que esperamos seja por ele implantado representa por si só uma administração. Aquilo que dali advirá para Três Lagoas **em um futuro não muito remoto** será qualquer coisa que só mais tarde poderá ser analisada com correção.*¹⁵

Desde já se percebe a tendência direcionada pelo jornal, que é cobrir a atuação do bloco de cidadãos que atuam politicamente e possuem prestígio econômico. Em 1997, ano da chegada das primeiras fábricas, temos nas palavras de Stênio Congro - que estava como diretor e redator do jornal em 1975, ano da publicação da matéria apresentada acima – a seguinte declaração:

*Acabamos de encerrar um ano difícil, repleto de fatores negativos, **providos de certo passado, não muito distante**, ou de alguns homens da comunidade que pensavam ser os vanguardeiros do progresso, quando em verdade eram os homens destinados a enterrar as melhores tradições da cidade [...] O ano de 1997 seria, porém, muito marcante, significativo mesmo, na história maior desta terra, onde os bons Deuses exerceram as suas influências por intermédio da figura singular, espartana até, de Issam Fares, que soube como ninguém enumerar problemas e equacioná-los com determinação.*¹⁶

O Prefeito Issam Fares é apontado como mentor “divinamente iluminado”, capacitado a salvaguardar e deliberar sobre os anseios de “seu povo” contra aqueles

momento, encabeçados pelo prefeito Hélio Congro, políticos e empresários passaram a tencionar a construção de um parque industrial na cidade, conduzidos pela perspectiva de utilizar o potencial energético disponível pela hidrelétrica. Cf. o “Anexo D – ‘Monumento das Indústrias’”, na página 177. Esse monumento erguido como marco simbólico da fundação do primeiro parque industrial da cidade traz em sua composição resíduos da representação dos ideais de desenvolvimento que surgem em Três Lagoas a partir da década de 1970.

¹⁵ FATO em Foco. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 02 fev. 1975, p. 01. [grifo meu].

¹⁶ CONGRO, Istênio. Aos que chegam, aos que ficam e aos que projetam deixar Três Lagoas. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 10 jan. 1998, p. 02. [grifo meu].

destinados a enterrar suas tradições, o que demonstra a existência de heterogenia de interesses também no seio da elite burguesa local. Fica legível que a tradição preservada pelo prefeito da cidade é a aspiração desse grupo de alcançar o desenvolvimento da cidade por meio de sua *industrialização*.

O desejo de *progresso* por meio da produção fabril aparece primeiramente na década de 1970. O ano de 1997, rememorado na matéria de Stênio Congro como um “*ano difícil*” também oferece a perspectiva de ser o ano do início da realização do anseio de ter um parque industrial em funcionamento na cidade: “*Wilson Citro atendendo a convite de Issan, fechou sua unidade de fabricação de plástico para embalagem em Andradina (SP) e a instalou em Três Lagoas, em janeiro*”.¹⁷

Na apresentação das matérias do *Jornal do Povo*, sobre as transações entre políticos e empresários, o que se percebe é uma negociação simples, quase informal, encobrindo todos os trâmites burocráticos e tensões que existem nas transações capitalistas. Desse modo, serão divulgados os meandros dos bastidores políticos e econômicos da cidade durante os anos em que vem ocorrendo a montagem de seu parque industrial.

O *Jornal do Povo* proporciona uma maior aproximação dos assuntos deliberados nos bastidores da política e economia três lagoense. A imprensa tem um papel relevante na pesquisa, uma vez que, o contato com as práticas e representações de pessoas que dominam tais estruturas no interior da “marcha rumo ao *progresso*” de Três Lagoas tornar-se-ia impossível de ser feita por meio de uma aproximação direta em seus gabinetes. O jornal, documento público, apresenta-se relevante para complementar o conjunto de fontes utilizadas na pesquisa.

Ao propor trabalhar com fontes publicadas em jornais, busco a orientação de Laura Antunes Maciel, que em sua reflexão sobre a utilização da produção de notícias como fontes históricas, aponta que já há algum tempo foi superada a rejeição de sua utilização ou sua incorporação acrítica como documento histórico, pois a imprensa é uma prática de realidade social:

[...] que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretende compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais

¹⁷ INCENTIVO deu novo fôlego à empresa, diz Wilson Citro. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 20 ago. 1997, p. 03.

*que se opõe em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.*¹⁸

A imprensa, por constituir-se em rico acervo para levantar determinadas experiências históricas, apresenta-se, ainda, segundo a autora, de forma a dar visibilidade por meio da repetição, insistência, intensidade da narrativa, destaque na composição. Com a frequência de registros a imprensa busca valorizar determinados acontecimentos, imagens de pessoas e instituições¹⁹. Nesta acepção, o formato das publicações do periódico três lagoense nos possibilita analisarmos cuidadosamente sua ótica, e em que consistem seus interesses.²⁰

Ressalto que o território historiográfico em que me atenho para pensar os sujeitos inseridos no processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas, não se delinea *a priori* no interior das ações de parte do grupo da elite hegemônica que possuem o monopólio econômico e político da cidade, e tem suas atuações constantemente registradas na imprensa.

Como afirma Lucia Helena Silva, em seu estudo sobre o processo de arrasamento do Morro do Castelo na cidade do Rio de Janeiro durante os anos 1920 e 1945, há maneiras distintas de se entender a dinâmica da cidade, “*A periodização [acrescento, o foco temático] para quem estuda a história da cidade não acompanha passo a passo a da história econômica ou política*”.²¹

Questões referentes à política e economia aparecem em meu trabalho, mas não se encerram nelas a temática proposta, pois a construção da pesquisa emerge da combinação

¹⁸ MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e história: algumas questões em torno da relação entre telegrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro (et al.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004, p. 15.

¹⁹ Ibidem, p. 26.

²⁰ Apesar de apresentar em suas origens certa tendência partidária, depois assumindo um direcionamento como órgão de divulgação empresarial, o perfil do *Jornal do Povo* não se apresenta específico, oscilando entre os tipos de jornal de informação e jornal de opinião. Neste sentido, me atenho à identificação dos tipos de jornais apresentada por Antônio Gramsci, que distingue o jornal de informação ou sem posição partidária explícita, do jornal de opinião que é órgão oficial de um determinado partido, com público necessariamente restrito. GRAMSCI, Antônio. Jornalismo. In: _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985, p. 188.

²¹ SILVA, Lucia Helena Pereira da. *Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze: 1920/1945*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2006, p.32.

existente entre o meu olhar sobre a cidade, o foco apresentado pelos documentos oficiais e os saberes daqueles que são os agentes que aqui contam a sua história, qual seja: os trabalhadores que labutam nas fábricas têxteis de Três Lagoas.

Em suas falas as tensões existentes no dia a dia nas fábricas têm valor expressivo, pois o trabalho fabril apresenta-se como algo novo em suas vidas. O que é mais enfatizado em seus depoimentos refere-se às aflições sofridas no trabalho, nos enfrentamentos com os patrões, na busca pela subsistência e no desejo de prosperar na vida profissional.

Desse modo, busco valorizar a interpretação que as pessoas fazem acerca de suas experiências. Seguindo as orientações de Alessandro Portelli - em sua crítica sobre a distinção entre fato e filosofia -, procuro perceber a sensibilidade existente no ato de recordar e contar, tendo como tarefa distingüir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Assim feito, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência, e sim a grande contribuição cognitiva apreendida das memórias e das fontes orais, promovendo a visibilidade do campo de ação de uma subjetividade socialmente compartilhada.²²

Ao privilegiar o foco dos olhares de trabalhadores fabris, o ambiente de trabalho é grandemente valorizado, sendo desta direção que a cidade emerge na pesquisa, respeitando os ensejos dessas pessoas que encontram em mim - partindo de minha proposta de ouví-los contar suas histórias - a oportunidade de confessarem suas mágoas, seus ressentimentos²³; de exporem seus desejos e sonhos, de narrarem suas vidas sofridas no mourejar diário no interior dos galpões de fábrica.

De modo crucial, o uso da História Oral toma seu espaço na pesquisa, ampliando, como referenda Déa Ribeiro Fenelon, “[...] o campo de nossas possibilidades de leitura e de interpretação do tempo histórico”²⁴. Campo este que, entre máquinas, fábricas e homens,

²² PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narrações, interpretações e significados nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1996, p. 63-70.

²³ O termo *ressentimento* toma aqui sua interpretação plural, não falo aqui somente de ressentimento dos ditos excluídos e dominados, procuro entender o termo nas preposições apresentadas por Pierre Ansart, que aponta a existência de tal sentimento no seio dos valores dominantes para com aqueles por eles dominados, tendo o termo, nesse sentido um valor tão destrutivo quanto em seus outros suscetíveis, existentes no interior dos movimentos sociais e das sensibilidades comuns. ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 19-22.

²⁴ FENELON, Déa Ribeiro, O papel da História Oral na historiografia moderna. In: MEIHY, JOSÉ Carlos Sebe Bom (org.) *(Re) introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 26.

encontro categorias analíticas para compreender os significados existentes nos desdobramentos que compõem e reordenam a paisagem urbana, com a presença de fábricas e pessoas que ocupam papéis singulares nesse quadro em transformação.

Ao contemplar as falas dos agentes, manter determinado contato com seus valores e sentimentos socialmente experimentados, os significados políticos e econômicos tomam outros sentidos, saindo de sua moldura institucionalizada, abrangendo as construções existentes no âmbito das expressões culturais populares²⁵, em estado de perdas, ganhos e reestruturação de valores, recriando significações do universo social vivido.

As narrativas abrangem a sensibilidade dos fatos memoráveis, expressos em relatos sobre acontecimentos que movimentam a vida cotidiana em seus múltiplos significados, que em suas peculiaridades acentuam nos modos de vida da gente simples da cidade. Como salienta Yara Khoury em seu texto sobre questões de memória e experiência social na história:

*Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. [...] temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social.*²⁶

Perceber as ações de indivíduos concretos dentro das determinações impostas por essa sociedade foi fundamental. Para tanto, tenho os aportes das reflexões de Enrique Moradiellos, que faz uma incursão no interior da combinação desses fatores, apontando um horizonte metodológico que concebe as sociedades compostas por esferas de atividades sempre presentes nas relações dos homens que, por sua vez, formam tal sociedade. Esse autor aponta, ainda, que no conjunto das práticas historiográficas, se faz necessário

²⁵ Sobre a constituição das múltiplas culturas presente no termo popular, é em Stuart Hall que me ateno. Para esse autor não existem culturas isoladas e paradigmaticamente fixadas, ainda que existam formações culturais distintas e variáveis: “As culturas de classe tendem a se entrecruzar e a sobrepôr num mesmo campo de luta. O termo ‘popular’ indica esse relacionamento um tanto deslocado entre a cultura e as classes, refere-se a aliança de classes e a força que constituem as ‘classes populares’. A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área a qual o termo ‘popular’ nos remete. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª impressão revista, 2006, p.245.

²⁶ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (et al.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004p. 125.

incorporar essas dimensões da atividade humana como ações diferenciadas, porém, conexas.²⁷

Neste sentido, ao problematizar a lógica das relações humanas presentes na arquitetura de tal edifício histórico - pontuando as interações econômicas, políticas e socioculturais forjados em uma dinâmica heterogênea, que se movimentam em condições materiais diversas -, procuro valorizar na pesquisa as *experiências humanas*²⁸ preexistentes e adquiridas após a interferência das fábricas na vida dos sujeitos inseridos no seio da produção fabril têxtil que emerge na cidade.

Entre as fábricas de tecidos que se apresentam atuantes na cidade, destacam-se como palco das relações de produção e de trabalho, a *Nellitex Indústria Têxtil*, e a *Avanti Comércio Importação e Exportação Ltda.*

A *Nellitex Indústria Têxtil* tem como sócio administrador Pedro Bazanelli, é oriunda de Americana, no Estado de São Paulo e instalou uma filial em Três Lagoas no ano 2000. Ela produz tecidos para confecções de artigos de cama, mesa, banho e decorações. No decorrer dos anos tem apresentado algumas alterações em sua denominação, hoje sua filial chama-se *MD8*.²⁹ Segundo alguns relatos de trabalhadores dessa fábrica, ela vem passando, nos últimos anos, por grandes problemas financeiros e de ordem judicial.

Por sua vez, a *Avanti Comércio Importação Exportação Ltda*, pertence ao *Grupo Avanti* que controla também a *Cortex Indústria Têxtil Ltda* e a *Lojas Seller*. Tem como diretor Roberto Faé, segundo ele, o grupo emprega em Três Lagoas 1180 funcionários e investe em outros seguimentos econômicos na cidade como o imobiliário.³⁰

Entendo a atuação da elite hegemônica como sendo promovida por agentes inseridos numa estrutura de interesses, que são divididos entre aqueles que procuram

²⁷ MORADIELLOS, Enrique. ¿Que es la historia? In: _____. *El oficio de historiador*. Madri: Siglo XXI, 2005, p. 22.

²⁸ Para E. P. Thompson, “experiência humana” é o termo ausente que Althusser quer expulsar do clube do pensamento, com o nome de “empirismo”, juntamente com as expressões “consciência” e “cultura” que também são excluídas de sua prática teórica, para esse autor: “*Os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo [experiência humana] - não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência como sua **consciência** e sua **cultura** [...]*”. THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. In: _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182, [grifo do autor].

²⁹ NELLITEX, A. *Empresa*. Disponível em: <<http://www.nellitex.com.br/empresa.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

³⁰ Revista Modas MS, op. cit., 2006, p.13.

estabelecer seus investimentos econômicos na cidade para melhor obter retorno por meio da apropriação do lucro. Montando assim bases sólidas institucionalizadas de extração desse lucro, constituído por meio de suas fábricas, agências de emprego, federações, escolas de formação de mão-de-obra especializada, etc. Tendo ainda apoio de entidades governamentais como: Ministério do Trabalho, Prefeitura, Justiça do Trabalho, escolas públicas, universidades, entre outros.

Por outro lado, têm-se os homens e mulheres que fornecem sua força de trabalho para atenderem a produção fabril, e que sofrem diariamente o peso do condicionamento aos interesses alheios, em alguns momentos, abrindo mão voluntariamente de suas particularidades, em outros, sendo coagidos a agirem em sentido contrário às suas vontades, expondo-se à lógica capitalista que, por sua vez, não foi por eles edificada.

Em meio a esse processo capitalista de produção industrial, que visualizo o germinar de novas experiências de vida, com suas práticas que possibilitam a identificação de posicionamentos diversos dos grupos e agentes que compõem o cenário de disputas nos espaços das relações sociais. Uns buscando lucros e poder econômico; outros procurando formas de ingresso a melhores salários e garantias de acesso à rede de consumo de bens materiais, ou procurando, apenas, manter a sua subsistência e a de seus familiares.

Considero os agentes inseridos no panorama fabril três lagoense atuando, em determinados momentos de sua trajetória, em sentido conducente ao germinar de certa consciência social enquanto classes distintas.

Proponho-me a pensar o conceito de classes em um diálogo com a perspectiva de dois pesquisadores, sendo eles: E. P. Thompson, historiador inglês que desenvolveu estudos acerca das tradições de lutas populares na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, com intensa vivacidade; e Pierre Bourdieu, cientista social, dono de obra intelectual inovadora, com competência de promover estimulante diálogo interdisciplinar entre as disciplinas das ciências humanas e sociais.

Estes autores colaboram para identificarmos, na pluralidade social, o ponto de partida para a possível definição dos grupos atuantes, ou em formação, no seio das estruturas políticas, econômicas e culturais que promovem articulações capazes de reordenar e elaborar um novo sentido as práticas sociais existentes em Três Lagoas.

E. P. Thompson traz sua contribuição para a compreensão da noção de classe, seus estudos sobre o mundo do trabalho apresentam-se como ferramenta intelectual de grande valor para o manejo dos acontecimentos existentes no cenário social em transformação na cidade. Desse modo, sua orientação redimensiona a percepção dos espaços de convivência como algo dinâmico, que não pode ser imobilizado em um determinado momento, pois se trata de um lugar em que existem pessoas vivendo em contextos reais, com atuações humanas compartilhadas por meio de experiências comuns, articulando *determinada* identificação de seus interesses em contradição com os interesses de outros que os diferem.³¹

Nesta perspectiva de abordagem sobre a noção de classe, E. P. Thompson enfatiza:

*Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência, como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.*³²

A consciência de classe, para esse historiador, pode ser vista sob dois aspectos. Em um primeiro sentido, tem-se a percepção de uma consciência da identidade de interesses diferenciados e buscando vários níveis de realizações, cada grupo aspirando melhoras mediante suas dificuldades particulares; na outra acepção a consciência aparece mediante uma identidade de classe, contrariando as aspirações das outras classes.³³

No primeiro aspecto da abordagem da noção de classe de E. P. Thompson, é que aproximo de Pierre Bourdieu, que pontua ser muito mais aproveitável pensar a diferenciação social - para além de sua acepção definida em formas de grupos determinados como populações, por meio da noção de classe, ou mesmo de antagonismo entre os grupos - como forma de um espaço de relações, percebendo as posições ocupadas nos diferentes *campos* e *subcampos*, sobretudo nas relações de produção cultural.³⁴

³¹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 1, p. 9-10.

³² Ibidem, p. 09.

³³ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: A maldição de Adão*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, v. 2, p. 411.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p.28.

Busco compreender parte da histórica recente de Três Lagoas com distinção na complexidade da abrangência presente em um universo que envolve pessoas diversas, dispostas a construir suas histórias, seja individual ou coletiva, em meio a práticas e representações culturais objetivadas em ações e acontecimentos existentes no interior de determinados espaços de relações, que Pierre Bourdieu define como sendo:

[...] um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos direto ao campo de produção econômica; no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas).³⁵

O que se apresenta no decorrer do texto pode ser apreciado como o encontro de novas estruturas econômicas e políticas que vêm causando transformações na vida de um número representativo de pessoas, que por sua vez, se vêem obrigadas, mesmo que sem muito entender tal processo, a agirem no sentido de assumirem novas condutas, que os levam a reordenarem seus modos de perceberem o universo social no qual se encontram inseridos.

Ao trabalhar com a perspectiva de que o tempo da história é todo o tempo em que o homem vive, atendo-me às palavras de Julio Aróstegui, que define *testemunho* e *legado* como objetos da historiografia em uma distinção condicional, e não absoluta; estando a abrangência da questão no problema do tempo, da variabilidade temporal de todos os fatos humanos, e não somente no problema do passado histórico. Esse autor considera ainda que o presente não é estudo privilegiado de outras disciplinas das ciências sociais, e nem o passado se apresenta domínio exclusivo da história.³⁶

Neste estudo, analiso acontecimentos que pude vivenciar como agente de meu tempo³⁷. Nele procuro tecer uma avaliação crítica e coerente dos eventos recentes em que a

³⁵ Ibidem, p. 153.

³⁶ ARÓSTEGUI, op. cit., 2006, p. 309.

³⁷ O tema em tela tem seus desdobramentos delineado a luz do tempo histórico recente. Trata-se de um estudo que parte de acontecimentos do final do ano de 2007, e segue fazendo um curto recuo historiográfico até o ano de 1997, que é o início do incremento da instalação de fábricas em Três Lagoas.

cidade, as fábricas e suas máquinas, juntamente com homens e mulheres atuam de forma articulada, construindo significados plurais para o enriquecimento de suas vidas, desenhadas em formas nem sempre geométricas dentro de um quadro urbano em constante transformação.

Ao refletir sobre o trabalho na fábrica, por vezes, me vejo nos relatos daqueles que lá mourejam diariamente. Problematicar parte da história do trabalho fabril em Três Lagoas, transitar em meio às diversas histórias de vida, é exercício que contempla mais que um olhar acadêmico, pois, além de pesquisador, sou também sujeito dessas histórias, uma vez que, por quase dois anos de minha vida, encerrei-me em um galpão de fábrica, na condição de operador de fiação.

Desse modo, tive no trabalho fabril, o meu labutar diário durante o ano de 2001 até meados de 2002, e muitas foram às experiências e lembranças que levei comigo para o interior da academia. Desse interior, do contato com a historiografia do trabalho, me vi tentado a transpor os diálogos teóricos e por meio do reencontro com o universo de trabalho fabril, questionar, compreender e explicar, a partir de diálogos que contemplem teoria e prática, as transformações que ocorrem, e como ocorrem, com a vida de milhares de pessoas que se inserem no mundo do trabalho fabril, em dias atuais.

Entretanto, o fato de ser testemunha ativa do processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas não me pôs a ignorar a severidade científica que tal trabalho historiográfico demanda. Não tenho como proposta fazer uma avaliação de quanto a minha presença objetiva ou mesmo subjetiva toma espaço nesse trabalho - por conseguinte, sem também negá-la -, seja no momento da execução de entrevistas com trabalhadores, ou mesmo na confecção dos textos dessa dissertação. Asseguro que, a identificação com o tema e a curiosidade pelos fatos a mim narrados em forma de relatos de vida e experiências de trabalho, me faz muito mais historiador que testemunha.

Neste sentido, moldado à perspectiva de Pierre Bourdieu que, na condição de cientista social desenvolve trabalhos tendo como temporalidade o presente, afirma:

É preciso, de certo modo, ter-se renunciado à tentação de se servir da ciência para intervir no objeto, para se estar em estado de operar uma objetivação que não seja a simples visão redutora e parcial que se pode ter, no interior do jogo, de outro jogador,

*mas sim a visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saiu dele.*³⁸

Também não me sirvo aqui da história para acertar contas de um passado recente em que me ative à condição de trabalhador fabril. A pesquisa histórica desenvolvida nas páginas que seguem nessa dissertação refere-se à necessidade de reflexão e busca pelo conhecimento dos eventos históricos que dizem respeito às atuações humanas no interior de determinada sociedade, no caso em tela, as pessoas que tem como palco de suas vivências a cidade de Três Lagoas.

No trabalho de busca e catalogação de documentos para a pesquisa, já quase no término da coleta de fontes na imprensa, deparei-me com algumas manchetes no *Jornal do Povo* que chamaram a atenção pelo seu teor comemorativo. Nessas manchetes são apresentados os saldos de empregos distribuídos na cidade, nesses dez anos em que as fábricas foram sendo instaladas. Os números apresentados nessas manchetes de jornal têm como mola essencial o recrutamento de mão-de-obra efetuado por fábricas que encontram estabelecidas ou em processo de instalação.

É a partir do *status* que ocupam os números de vagas de trabalho disponíveis, elevados à condição de resultados positivos da marcha em direção ao *progresso* de Três Lagoas, que construo a reflexão do primeiro capítulo da dissertação. Todavia, ao aproximar-me das pessoas que compõem essa estatística, outros valores vão sendo descortinados, expondo a realidade existente por detrás dos números, desfazendo a idéia de que a quantidade de empregos gerados pelas fábricas simboliza a grande força geradora do “*progresso* para todos”.

Ao mesmo tempo em que são divulgados na imprensa os resultados das contratações de mão-de-obra para atender a produção nas fábricas, ocorre na cidade uma movimentação social de pequeno vulto envolvendo os trabalhadores da fábrica de tecidos *Nellitex*, evento esse que se encerra na paralisação da atividade produtiva desta fábrica.

Para ter melhor contato com fatos referentes a esse evento, me aproximo de Fábio Barrios. Esse trabalhador tem posição relevante no interior das relações que foram construídas a partir do galpão da fábrica, da função de Frentista de Rama à ocupação de

³⁸ BOURDIEU, op. cit., 2005, p.58.

determinada liderança frente aos companheiros de trabalho, ele vivenciou grande parte dos acontecimentos que dizem respeito às questões do trabalho na fábrica.

Fábio Barrios se mostrou bem disposto a falar de sua vida, e no contato com suas memórias outras perspectivas de compreensão do cenário fabril emergiram, trazendo a tona casos que, em sua simplicidade de narrador que abre os capítulos de sua vida, abre também os portões da fábrica para um quase estranho. Esse feito já demonstra grande valor, porém, mais que isto, ele colabora para que a história de pessoas simples como ele, ocupe acentuado espaço, que lhe é de direito, entre outras histórias.

Os episódios que contextualizam a paralisação trazem em seu bojo uma miríade de outros significados que, em suas peculiaridades, expressam a articulação de práticas socialmente experimentadas, numa intensa releitura de valores ignorados pelo tempo da máquina, ainda que, por vezes, forjados no seio da atividade produtiva e adaptado pelas pessoas comuns, na tentativa de amenizarem o peso desse processo tão brutal que é a atuação no interior do sistema capitalista fabril.

Para entender parte das articulações - entre industriais, Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado do Mato Grosso do Sul, justiça e advogados do trabalho - em torno da construção e aplicação das leis trabalhistas, fundamento minha análise no livro de E. P. Thompson intitulado *Senhores e Caçadores*, que versa sobre as leis inglesas durante o período de domínio político dos *Wighs hanoverianos*.

Esse trabalho de E. P. Thompson é ferramenta teórica que possibilita a abertura de um leque de questionamentos acerca de questões em que autoridades procedentes das leis aparecem, por vezes, mais como utensílio de domínio e manutenção de certa ordem, segundo a visão daqueles que se encontram no poder, que para fazer com que seja promovida a manutenção de direitos adquiridos por determinada sociedade.³⁹

Na busca de compreensão de como são constituídas as relações de trabalho no interior das fábricas, e, por sua vez, os motivos que levaram trabalhadores a lutarem por

³⁹ E. P. Thompson, buscando mais uma vez as peculiaridades dos ingleses, promove um excepcional estudo sobre a lei, a justiça e seus autores. Em sua perspectiva que vai além do olhar marxista estrutural, a lei como instituição ou pessoas pode ser facilmente assimilada como a lei dos dominantes, “*Mas nem tudo que está vinculada a ‘a lei’ subsume-se a essa instituição. A lei pode ser vista como ideologia ou regras e sanções específicas que mantêm uma relação ativa e definida (muitas vezes um campo de conflito) com as normas sociais; e, por fim, pode ser vista simplesmente em termos de sua lógica, regras e procedimentos próprios – isto é, simplesmente enquanto lei*”. THOMPSON, E. P. *Senhores e Caçadores: a origem da Lei Negra*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 349-351. [grifo do autor].

seus direitos, mesmo com pouco conhecimento ou tradições em lutas trabalhistas organizadas, busco, além dos relatos de experiências de vida, informações em alguns processos trabalhistas cedidos pela 2ª Vara da Justiça do Trabalho de Três Lagoas.

Esses processos trabalhistas são utilizados na pesquisa com o intuito de fornecer informações sobre os motivos que levam trabalhadores a buscarem nas leis apoio para se defenderem contra a exploração patronal. E por outro lado, articulado a ação dos trabalhadores, procuro visualizar os meios utilizados pelos patrões para fazerem uso das leis trabalhistas, suas manobras que, quase sempre, distorcem as prerrogativas prescritas na CLT, em busca de benefício próprio.

Inerente a isso, nos momentos em que me aproximo das questões referente às leis trabalhistas e procuro entender as ações das instituições que as representam, tenho em Marisol Pires, secretária da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul, a pessoa que me auxilia, contando casos que passaram por sua mesa de trabalho na Federação, apontando questões e expondo a abrangência do foco de atuação dessa instituição, na hora de atender aos interesses de seus filiados.

A fragilidade apresentada nas ações dos trabalhadores ao tentarem se organizarem e levar adiante suas intenções, o que resultou em deficiência na hora de partir para o enfrentamento diante do patronato, apontou-me outros caminhos para a pesquisa, chamando a atenção para a necessidade de retornar um pouco mais no tempo, e buscar entender os agentes sociais inseridos nesse processo para além de sua condição enquanto grupo.

Na composição do segundo capítulo, é a partir da análise de comportamentos individuais, numa leitura que envolve tais abordagens ao corpo das práticas sociais, das experiências e representações de trabalhadores, que visualizo esses valores em seu conjunto como forças determinantes para a configuração de uma variedade de atributos que dará margem para alguns agentes atuarem de forma individual.

As práticas socialmente experimentadas, que surgem no interior da planta fabril, conduzem alguns trabalhadores a optarem por ações que seguem em sentido oposto, afastando-se da esfera dos ideais do grupo, seguindo por trilhas que levam a aventuras individuais, o que possibilita o forjar de estratégias de sobrevivência totalmente distintas, estranhas ao olhar dos outros que, em parte, ainda os vêem como pessoas do grupo, seja,

por exemplo, pelo fator simbólico do uso do uniforme da mesma empresa ou por estar sujeito às mesmas turbulências que, por vezes, assola os seus dias na fábrica.

Neste sentido consigo avançar um pouco mais, e tentar entender os motivos que levaram grande parte dos trabalhadores têxteis trêslagoenses a ignorarem, nesses anos de fábrica, a possibilidade de organização por meio de uma entidade sindical capacitada a melhor orientá-los, visualizada por alguns como ferramenta propícia para representar os interesses dos trabalhadores em momentos de tentativa de diálogo com os patrões.

A partir disso, no transitar entre as ações individuais e de grupo, pude perceber que o trabalho na fábrica dá margem também para alimentar desejos e apontar expectativas de sucesso profissional. Forjando determinados sentidos de ambição profissional, o que leva aqueles trabalhadores com tendência a se distanciaram do grupo, a buscar na figura de seus superiores exemplos a serem seguidos, na expectativa de galgarem posições na pirâmide hierárquica fabril.

A busca por melhores cargos promove um jogo de disputa entre trabalhadores que sonham com melhor posição na hierarquia fabril, o que dificulta a identificação destes com a maioria de seus colegas de trabalho. Entretanto, é nestes mesmos espaços de disputa por melhores cargos que surge o contraditório, emergindo em meio a esses novos possuidores de “cargos de confiança” outros personagens que não se desprendem dos anseios coletivos.

Digo contraditório, pois, em meio a esse universo de disputas forjado por trabalhadores qualificados e com perspectiva de avanço de posição na hierarquia fabril, que encontro um grupo de trabalhadores, na sua maioria possuidores dos ditos “cargos de confiança”, determinados a usarem de seu posicionamento enquanto chefes de setores, para tentar levar adiante uma disputa intensa com os patrões na tentativa de promover a implantação de um sindicato.

Essa perspectiva fornece instrumentos analíticos para a possível percepção da diversidade de comportamentos existentes no interior da fábrica, contradizendo a imagem de homogeneidade de comportamento existente entre trabalhadores.

A idéia de sindicalização, ao partir das mãos dos encarregados de produção Cláudio de Saul, Francisco Silvestre e do operador de máquinas Clayton Acunha dentre outros de seus companheiros, é articulada de maneira peculiar, e seu conteúdo tende a contrariar algumas normas existentes no dia-a-dia da fábrica.

Em meio às inspirações individuais e atuações coletivas, percorro parte da história dessas pessoas comuns, mantendo contato com seus sonhos, intrigas e luta diária pela busca da felicidade. Movimento esse composto por uma dinâmica que, em alguns momentos, sustenta certa aproximação, e em outros, afastam essas pessoas uma das outras, tendo por força movedora as tensões causadas pelo sujeitar-se ao ambiente de trabalho árduo da fábrica.

No terceiro capítulo me atendo a questões que dizem respeito ao germinar das articulações ideológicas de parte do grupo dirigente, na tentativa de incutir na população a responsabilidade de atender o chamado de recrutamento de mão-de-obra para servir na linha de produção fabril. Surgindo daí um dos grandes problemas que irá percorrer os primeiros anos de edificação do parque fabril de Três Lagoas, que é a carência de trabalhadores qualificados para atenderem a demanda da linha de produção.

As fileiras crescem frente à possibilidade de uma vaga de trabalho na fábrica, novos cursos de capacitação profissional são criados por entidades como SENAI, SENAC, entre outras, para tentar amenizar o desencontro entre máquinas possuidoras de alta tecnologia e trabalhadores inexperientes. Estes, por sua vez, sofrem o impacto da carência de meios adequados para capacitar-lhes frente às novas funções que o mercado de trabalho exige.

Em meio a isto, pode ser percebida a tensão que toma conta das relações de trabalho fabril em Três Lagoas. Tentativas de impor a idéia de colaboracionismo, submissão e dedicação no trabalhador, caminham lado a lado com o emergir de realidades que levam em direção aos sentimentos de desilusão e negação da imagem de que o trabalho por si só, é capaz de promover a melhora de condições de vida, de cidadania.

Por fim, encerro o exercício historiográfico a que me propus, sem fechar a questão, pois ao propor trabalhar com um tempo histórico que privilegia um passado tão recente, pude perceber que o tempo da pesquisa não acompanha a dinâmica do tempo dos acontecimentos históricos, expondo a grande dimensão dos fenômenos históricos diante do simples olhar de um pesquisador.

Esse é o resultado do ato de debruçar-me sobre uma pequena centelha de um corpo maior, que é a constituição da história dos homens e mulheres que exercem suas ações no interior do mundo do trabalho, em um local específico, que é a cidade de Três Lagoas. A seguir, o desenrolar dessa trama.

CAPÍTULO I

EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E REIVINDICAÇÕES POR DIREITOS NAS FÁBRICAS TÊXTEIS DE TRÊS LAGOAS-MS

*Isto não é vento nas árvores, meu menino
Não é uma canção para a estrela solitária
É o bramido selvagem da nossa labuta diária
Nós o amaldiçoamos e o elegemos
Pois é a voz de nossas cidades
É a canção que em nós cala fundo
É a linguagem que entendemos
Em breve a língua-mãe do mundo.
Bertolt Brecht⁴⁰*

No ano de 2007, completou uma década que despontaram em solo três lagoense as primeiras fábricas⁴¹ atraídas por força de incentivos fiscais disponibilizados pelos governos Federal, Estadual e Municipal⁴². No mês de setembro deste mesmo ano, em teor comemorativo, o *Jornal do Povo*, em suas matérias, traz informações para a população sobre o aumento na geração de empregos, sedimentado por força dos avanços em investimentos econômicos na região: “Três Lagoas é a que mais gerou emprego no Estado este ano, aponta dados do Caged: Setor industrial é o que mais contratou trabalhadores, colocando a cidade em destaque no cenário de Mato Grosso do Sul”.⁴³

⁴⁰ BRECHT, Bertolt. O canto das máquinas. In: _____. *Poemas (1913-1956)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁴¹ A indústria de plástico Plásticetro e a de papéis e embalagens Citro Caixas, dos irmãos Wilson e Marcos Citro, foram as primeiras a adquirirem aprovação de incentivos fiscais do Conselho de Desenvolvimento Industrial do MS ainda no mês de maio de 1997 se instalando em Três Lagoas ainda neste ano. CONSELHO aprova incentivos para indústrias. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 10 mai. 1997, p. 15.

⁴² Em meados da década de noventa é retomado o diálogo com o intuito de atrair para Três Lagoas várias indústrias, apoiados na oferta de incentivos fiscais oferecidos pelas três esferas do Governo, tais como: isenção financeira de 67% do ICMS a pagar (prazo de 10 anos) e o Fundo Constitucional do Centro-Oeste, com intermédio do Banco do Brasil, que concede financiamento com juros de 8,75% a 14% sem indexador e descontos de 15% no juro da parcela paga na adimplência, além de carência com prazo de até três anos na construção do prédio e de até nove anos para a compra de maquinário. Os incentivos fiscais foram importantes na venda da imagem de uma cidade que se pretende industrializada. PREFEITURA Municipal de Três Lagoas. Incentivos Industriais existentes. Gerência de Desenvolvimento Econômico - Indústria, Comércio, Turismo e Cultura. *O impacto da política de incentivos fiscais no município de Três Lagoas*. Documento em forma de slide (Microsoft PowerPoint), utilizado para a divulgação de Três Lagoas no cenário econômico nacional. (entre 1997 a 2004) p. 06.

⁴³ TRÊS LAGOAS e a que mais gerou emprego no Estado este ano, aponta dados do Caged. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 17 out. 2007, p. 04.

A matéria mostra que de janeiro a setembro de 2007, Três Lagoas se destacou com um saldo positivo de empregos gerados, alcançando o número de 1.656 contratações com carteira assinada, contra 194 contratações no mesmo período do ano anterior⁴⁴. O setor industrial assume a frente na abertura de vagas de trabalho por força da vinda de grandes indústrias para a região, este setor foi o principal responsável por essa reação, gerando 640 destes novos postos de trabalho. Estes valores apresentam-se dentro dos 1.607 milhões de novos postos de trabalho abertos no país.

Em outra matéria publicada no início do ano de 2008, o mesmo jornal aponta que a abertura de vagas de trabalho tem entusiasmado e atraído atenção de jovens trabalhadores para buscarem seu primeiro emprego com carteira de trabalho assinada. É o caso de Ana Paula Ferreira, de vinte e dois anos que, sabendo do crescimento de vagas de trabalho, procurou pelo escritório regional do Ministério do Trabalho e Emprego para tirar a sua primeira carteira de trabalho e entrar na fila daqueles que buscam por trabalho nas fábricas.

A jovem trabalhadora, desempregada, relata o seu interesse: “*vou direto na agência [contratante de mão-de-obra] para ver se consigo uma vaga como auxiliar de produção*”. Enquanto tirava sua carteira de trabalho, algumas pessoas também aguardavam para fazer o mesmo. Contrastando com esse cenário, outros trabalhadores esperavam para fazerem sua rescisão contratual⁴⁵. Esse momento ilustra a dinâmica do fluxo de rotatividade que vem acontecendo na cidade em função da abertura de novas vagas de trabalho.

Retomando os números do Ministério do Trabalho e Emprego para 2007, Três Lagoas fecha esse ano com o número de 3.993 contratações de trabalhadores, ficando em 69º lugar no “ranking” das 200 cidades que mais empregam no país. De setembro a dezembro duplicou o número de contratações, tendo como maior motivo a abertura de vagas de trabalho para atender às instalações das fábricas de papel e celulose, encabeçadas pela empresa multinacional *International Paper* e o grupo nacional Votorantin.⁴⁶

⁴⁴ Sobre os números de contratações referente aos anos de 2000 a 2007, ver *Tabela 03 – Fluxo de empregos formais de todos os setores contratantes de mão-de-obra e do setor têxtil: admissões, desligamento e emprego consolidado*, na página 154 do terceiro capítulo dessa dissertação.

⁴⁵ LIMA, Léo. Três Lagoas é a 69º na geração de emprego: Lista dos 200 municípios do Ministério de Trabalho destaca a Cidade no "ranking do emprego" no País. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 26 jan. 2008, p. 03.

⁴⁶ Ibidem.

Estes números impressionam, levando-se em consideração: a acepção abordada pelas matérias publicadas no *Jornal do Povo* que versam sobre o crescimento das vagas de emprego e do surgimento de novos empreendimentos econômicos; e a capacidade das matérias publicadas no *Jornal do Povo* de nutrir *status* de notícia extraordinária, demonstrando as “conquistas” realizadas por Três Lagoas, que deixa por um instante seu caráter substantivo, enquanto cidade, e passa a ser redimensionada como sujeito que participa de jogos, disputando posições com outras cidades para ver qual delas consegue maior destaque na geração de empregos.

O Ministro do Trabalho, Carlos Lupi, atribuiu a boa performance na criação de novos postos de trabalho no Brasil ao bom andamento da economia nacional com crescimento representativo, especialmente na indústria. Medidas de incentivos por meio de ofertas de créditos, atribuídas pelo governo tanto para os empresários industriais quanto para os consumidores contribuíram para a ascensão dos números na economia nacional.⁴⁷

Valendo-se do sentimento de avanço em direção ao desenvolvimento, nota-se o discurso inflamado do Editorial do *Jornal do Povo*, publicado com o título “*Auto-estima em alta*”, as linhas do editorial enfatizam:

*A realização de obras, a melhoria da qualidade dos serviços da administração pública municipal e a celebração de grandes e significativas datas exornam o orgulho do povo, que gradativamente vai se animando pelas conquistas que vão se tornando permanentes na comunidade. [...] é inegável que a cidade vive um dos melhores tempos de sua vida administrativa, além de se apresentar bem cuidada. Dos que aqui chegam para investir se recolhe palavras convictas pelo acerto e escolha da cidade para instalação de seus empreendimentos.*⁴⁸

Se os recursos utilizados para a divulgação de informações para a população estão descomprometidos com seus significados para além do factual, logo, tais informações sobre os resultados do processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas podem ser entendidas apenas como resultante do empenho de alguns agentes pertencentes ao bloco compostos por políticos e empresários locais.

A imagem desses personagens é projetada, por parte dos veículos de informação, como aqueles que se empenharam em trazer *progresso* para a cidade, proporcionando

⁴⁷ *Jornal do Povo*, Três Lagoas. op. cit., 17 out. 2007, p. 04.

⁴⁸ AUTO-ESTIMA em Alta, Editorial. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 08 dez. 2007, p. 02, [grifos meus].

condições de inserção de mais pessoas no mercado formal de trabalho, fato apontado como vantagem significativa para a população.

A busca dos empreendedores por novos territórios capacitados para atender a implantação de parques fabris, o “*acerto e escolha*” de Três Lagoas como local propício para tais investimentos segue o novo modelo internacional de reestruturação capitalista. Esse modelo contempla interesses que vão além da busca por incentivos fiscais, e, por certo, da idéia de colaboração para a geração de empregos na cidade.

Marcelo Badaró Mattos⁴⁹ no texto intitulado “*Políticas nacionais e poder sindical*”, faz considerações acerca do conjunto de transformações que envolvem o processo de reestruturação do capital no Brasil, trazendo colaborações para tornar substancial a avaliação que faço da realidade três lagoense, no chamado processo de *industrialização*.

Na perspectiva desse autor, tem-se como um dos pontos nodais da nova lógica capitalista, a fuga de fábricas dos grandes centros produtivos do país em direção a regiões até então sem tradições associativas, carentes de sindicatos ativos e combativos para atender aos interesses dos agentes envolvidos nas relações de produção nestas regiões, facilitando a atuação de empreendedores em direção a um melhor aproveitamento da mão-de-obra disponível e maior obtenção de lucro.⁵⁰

Ao propor uma leitura dos significados presentes nos desdobramentos que compõem parte da construção histórica de Três Lagoas, redimensiono a análise procurando realizar uma avaliação sistemática e crítica dos acontecimentos históricos, oferecendo maior caráter demonstrativo, necessário e objetivo para as evidências que, de certo modo, foram suplantadas por uma acepção revestida de *senso comum*.⁵¹

⁴⁹ Marcelo Badaró pontua algumas características da reorganização do processo produtivo articulado pelos interesses das classes dominantes, gerando uma disputa política entre trabalhadores e representantes da economia nacional, repercutindo em todas as esferas do ser social, em um período que o poder de barganha dos trabalhadores se encontra em processo de arrefecimento, com a perda de conquistas já adquiridas em épocas anteriores. Na década de 1990 passa a serem configuradas novas regras de controle e apropriação da força de trabalho em moldes neoliberais, abarcando reformas do Estado no que concerne às leis trabalhistas, entre outras ações do capital para enquadrar a política nacional nos alicerces competitivos do mundo econômico atual. MATTOS, Marcelo Badaró. Políticas nacionais e poder sindical: uma perspectiva comparada. In: MENDONÇA, Sonia e MOTTA, Márcia (orgs.) *Nação e poder: as dimensões da história*. Niterói, RJ: Eduff, 1998, p. 47-66.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Para Antônio Gramsci, por meio da atuação dos intelectuais, a serviço de grupos dominantes, constrói-se o *consenso* que, em muitas vezes, é expresso no *senso comum*. Os intelectuais, enquanto organizadores da cultura, possuem determinadas ferramentas que lhes capacitam para a formulação de idéias e, por

Desse modo, parte dos dirigentes três Lagoenses, participam ativamente na elaboração e difusão de suas concepções acerca do que acham importante para suas vidas e para a vida do conjunto geral da população, enquanto submissos aos seus interesses. No parecer do grupo que atua de maneira hegemônica na cidade, o crescimento das vagas de emprego é apresentado como “boa performance” de desenvolvimento.

A ausência de planos, de uma coordenação central, com objetivos pré-definidos para atender aos interesses dos trabalhadores, por outro lado, conduz alguns homens e mulheres, por força de sua condição social, a não apreciarem com o mesmo entusiasmo as estatísticas levantadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego e seu Cadastro Geral de Empregados e Desempregado - o Caged.

Esses dados revestidos de conseqüências nem sempre positivas atingem a grande maioria dos agentes que ocupam, ou passaram a ocupar, a condição de trabalhadores empregados, componentes da estatística, e mola propulsora do saldo “positivo” apresentado no levantamento quantitativo do Ministério do Trabalho e Emprego.

As mudanças socioeconômicas ocorridas no panorama urbano em função da diversificação das relações de produção, não se encerram na quantificação de frentes de trabalho aberto e nem no número de fábricas instaladas na região. Estes números são históricos e a história é feita de episódios, com homens e mulheres vivendo experiências e situados em contextos reais e que disputam espaços em práticas constantes de interação e oposição, atuando de forma ativa para as transformações dos lugares onde vivem.

Pensando as relações socioculturais que se encontram implícitas nos números de trabalhadores com emprego - que por si só tende a querer expressar a idéia de avanço e melhoria da condição de vida para o quadro geral da população -, é que parto para o trabalho de observação dos eventos, direcionado à tentativa de desconstrução do que vem a ser a leitura oficial do processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas.

1.1 Para além dos números do Ministério do Trabalho: emprego, exploração e insurgência no trabalho

consequente, oferecem a possibilidade de divulgação de seu ideário no interior da sociedade, projetando formas de pensar e agir, construindo e renovando a hegemonia. GRAMSCI, op. cit., 2001, v. 2, p. 21

Contrastando com a opinião de que as fábricas instaladas em Três Lagoas simbolizam “*progresso para todos*”. Em setembro - mesmo mês em que começou a veicular as primeiras informações acerca do avanço no número de vagas de trabalho -, entre os dias dezenove e vinte, ocorre uma paralisação de pequeno vulto em uma das fábricas têxteis da cidade.

A paralisação da produção da fábrica de tecidos *Nellitex* obteve pouca repercussão pública, por não enquadrar, suponho, no modelo de informações privilegiadas para a divulgação na mídia local⁵². Mas se fez capaz de alterar a rotina de parte da população que se encontrava envolvida na atividade produtiva têxtil e, por conseguinte, provocou o levantamento de questionamentos acerca da importância manifesta no quantitativo de abertura de vagas de emprego, como sinônimo de desenvolvimento social urbano.

Levar em consideração os testemunhos acerca das ações que culminaram com a paralisação do trabalho na fábrica de tecidos *Nellitex* - os atores sociais envolvidos em tal evento, seus relatos de experiências de trabalho e de vida - possibilitou-me, por meio da interpretação dos eventos enquanto categorias analíticas que compõem a narrativa, adentrar os portões da fábrica e buscar por melhor compreensão dos acontecimentos, sem desconsiderar a parcialidade dos relatos⁵³, contextualizados em uma época.

A partir das experiências de Fábio Barrios⁵⁴, tenho as ferramentas norteadoras que permitem a aproximação e contato com outras memórias. Estas memórias, juntas em

⁵² A divulgação de informações tende a ser construída, dita, percebida, segundo os interesses dos agentes representantes da *nomeação oficial*, o que corresponde ao ato de imposição simbólica que tem a seu favor toda força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por mandatários do Estado, que, por sua vez, operam por meio do *trabalho de representação*, realizados para imporem a sua visão do mundo ou a visão de sua própria posição nesse mundo. BOURDIEU, op. cit., 2005, p.146-151.

⁵³ Segundo Mercedes Vilanova, a fonte oral é parcial, posto que é viva, defendendo a parcialidade da fonte oral, justifica “não só porque é inacabada, como também porque nos põe em confronto com o outro”. Neste sentido é política, na dinâmica do confronto entre entrevistado e entrevistador pode-se buscar as diferenças e também a unidade dos fatos. VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade - Estatística e fontes orais. FERREIRA, Marieta (org). *História Oral*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, Diadorin, 1994, p. 47.

⁵⁴ Fábio César Barrios - 29 anos, solteiro, natural de Três Lagoas. É Frentista de Rama, mora em casa alugada com sua mãe Ivandir, de 58 anos, que trabalha há 28 anos como costureira. Ele trabalhou como ajudante de mecânico diesel durante três anos em uma empresa ferroviária chamada FerroNorte. Após ser dispensado desta empresa resolveu voltar para a casa de sua mãe. De volta para Três Lagoas, ficou desempregado mais da metade do ano de 2005, conseguindo arrumar emprego somente em novembro deste mesmo ano na empresa *Nellitex*. Entrevista realizada no dia 11 de fevereiro de 2008.

diálogo constante fazendo emergir conjunturas e modos de viver que proporcionam recursos para a interpretação dos eventos.

Ao posicionar determinado depoimento como fio condutor da análise representada por meio da paralisação de trabalhadores têxteis, não estou pretendendo privilegiar um agente dentro de seu universo social. A posição que determinado agente passa a representar no seio das relações fabris é uma construção simbólica carregada de valores sociais experimentados por ele e pelo grupo em que se encontra inserido.

Fábio Barrios está em constante contato com os demais companheiros de trabalho, sua função é de operador de rama, máquina apresentada na foto abaixo.



Foto 1 - BARRIOS, Fábio C. “Rama”: Setor de resinagem de tecidos⁵⁵. 15 ago. 2008. il. color, 9 cm.

Essa máquina compõe, e dá nome, ao setor de resinagem de tecidos, que é conhecido como setor da “rama”. Para os trabalhadores entrarem nas imediações da fábrica em direção à área de produção, eles devem passar pelo refeitório, escritório administrativo,

⁵⁵ O setor de resinagem executa duas etapas do processo da fabricação do tecido. Primeiro o tecido passa pela agulhadeira recebendo uma multiplicidade de golpes de perfuração (primeira máquina da Foto 01). Esse processo deixa o tecido pronto para a segunda etapa que é a aplicação de resina na parte posterior do tecido, trabalho executado pela máquina rama (segunda máquina da Foto 01). A resinagem do tecido é feita com produtos que contém grande quantidade de agentes químicos, e o setor é possuidor de alto nível de ruídos. BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24ª Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 079/2003. Três Lagoas-MS, 19 mai. 2004. p. 227-233.

depois pela rama, que é o primeiro setor de produção, seguindo dos setores: tecelagem, urdideira, almoxarifado e fiação.

Ao descrever sua rotina na fábrica, Fabio Barrios relata:

E passam muitas pessoas ali por dia: mecânicos, encarregados; é igual eu falei pra você, eu sou uma pessoa muito conhecido ali dentro da fábrica, todo mundo pára ali pra conversar comigo, se não parar ali pra conversar todo dia, ou pegar na minha mão e falar sobre um time, entendeu? Ou pedir uma opinião de trabalho mesmo, parece que não está legal. A minha rotina é passar o dia inteiro... ficar ali olhando tecido, fazendo resina mexendo com produtos químicos, trabalhando bastante, fazer o serviço de dois as vezes que faltam, que estão doentes ou com problemas na rua aí. É isso aí! É uma rotina legal, não tem aquela... tanta discussão todo dia, só algumas vezes, desentendimento.

Se por um lado há essa aproximação com os trabalhadores da linha de produção, por outro, tem-se o contato com o administrativo:

Eu mesmo tenho contato com o Rodrigo que trabalha no RH que é nosso supervisor, converso muito com ele sobre melhoria, sobre o pagamento; ele também conversa muito comigo sobre a opinião do pessoal. Os trabalhadores, ele percebeu que eu sou uma pessoa popular dentro da fábrica, todo mundo conversa comigo, você entende? Então a relação dele comigo é só interesse da fábrica, só trabalho.⁵⁶

A existência desta dupla aproximação fez emergir um certo poder de representatividade ligado à imagem de Fábio Barrios. Esta autoridade, construída no bojo das realidades vividas, Pierre Bourdieu⁵⁷ vê como imposta pela posição que determinados agentes ocupam nos diferentes campos dos espaços sociais, revestidos como instrumento de apropriação do produto objetivado do trabalho social acumulado, o que vem a definir o estado das relações de força entre os agentes e a posição de cada um nestas relações.

A partir da relação objetiva de camaradagem, demonstrada por meio de gestos e palavras, surgem outras relações, mais profundas, subjetivas, que se tornam ponto sensível dentro da fábrica: se o contato entre Fábio Barrios e os outros companheiros arrefece, ele percebe que o clima reflete o regular andamento das relações dentro da fábrica.

A sensibilidade para perceber a “pulsção” da fábrica, ou seja, o clima existente no seio das relações entre os trabalhadores da produção, torna-se ferramenta conveniente para a administração da empresa, que vê com bons olhos esse poder depositado na imagem de

⁵⁶ Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁵⁷ BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 134-135.

um de seus funcionários, o que facilita a vigilância e maior controle sobre os acontecimentos gerados em suas instalações. Por outro lado, é também utilizada pelos próprios trabalhadores, que elegem Fábio Barrios como uma espécie de porta-voz⁵⁸ autorizado a representá-los frente ao patronato.

Na madrugada do dia 19 de setembro, ao chegar à fábrica para dar início ao trabalho no turno que vai das cinco horas da manhã até a uma hora e meia da tarde, alguns trabalhadores, após reavaliarem a situação em que se encontram, não tolerando mais os atrasos no pagamento, decidem agir, mesmo sabendo que seus atos, impulsionados pela insatisfação, careciam de uma coordenação central - tendo como apoio apenas alguns trabalhadores com vocação para liderança -, o que certamente diminuiria o peso causado pela falta de líder e de objetivos pré-definidos.

Os trabalhadores reuniram-se antes do pessoal da administração e da diretoria da fábrica chegar, tendo como pauta da reunião, alcançar um consenso sobre o que fazer para conseguir a atenção de seus patrões, visto que o diálogo formal não é prática constante dentro das relações de trabalho naquela fábrica. Sendo mesmo ignorados, insultados, e quando não, tratados com ironia.

A reunião dos trabalhadores insatisfeitos alcança a participação de três setores da fábrica, sendo eles: urdideira, tecelagem e a rama; deste encontro decidem ir para a frente da fábrica e esperar o pessoal da diretoria chegar - estes só trabalham a partir das sete horas - sem iniciarem o trabalho na linha de produção e dispostos a partir para uma paralisação parcial, que certamente resulta na paralisação total da atividade produtiva.

Após avançarem até o portão de entrada da fábrica, saindo de seus galpões, aguardaram a chegada do gerente geral, Hélio Leonardo. Após a chegada deste, informaram-no sobre suas decisões. Segundo Fábio Barrios, na discussão seus chefes argumentaram que:

[...] se parassem ia piorar mais a situação e quem ia sofrer mais era a gente, e quem ia perder era a gente. Aí que a gente resolveu articular uma parada e resolvemos conversar e falamos, falando mal para eles mesmo e que a gente não estava contente

⁵⁸ Segundo Pierre Bourdieu, o porta-voz, adquire poderes de falar e de agir em nome do grupo. Ele faz sair do estado de indivíduos separados os que ele pretende representar, permitindo-lhes agir e falar através dele, recebendo, em contrapartida, o direito de se assumir pelo grupo. Ao falar do grupo, ao falar em lugar do grupo, põe a existência deste em questão, institui-lhe, pela operação da magia que é inerente a todo o ato de nomeação. Ibidem, p. 158-159.

*na fábrica e que a gente queria sair e a gente não estava trabalhando com pessoas direita, teve até uns que chegou até xingar lá, entendeu, ficar bravo. Uma mulher mesmo que desmaiou porque falaram que não tinham condições de pagar ela, ela desmaiou porque ficou nervosa demais.*⁵⁹

Ao articular uma paralisação como instrumento de reivindicação imediata, tal ação torna-se sinônimo de conflito explícito entre trabalhadores e patrões. Para estes últimos poderem manter a lógica de acumulação do capital, torna-se pertinente a atitude de resistência às mínimas pretensões de seus funcionários.

A imagem do trabalhador em sua batalha incessante dentro do movimento do capital vai ultrapassar seus limites de subjetividade, tornando-se algo determinado, palpável, reconhecido. A intenção de uma paralisação objetiva-se como instrumento de ação voltada para seus interesses manifestos, o fazer-se deste ato é fato tanto político, econômico quanto sociocultural, e de fundamental relevância na luta por direitos.

Esta leitura dos fatos vem contradizer parte das informações vendidas pela imprensa acerca do projeto de desenvolvimento implantado em Três Lagoas. Torna-se visível a incoerência existente na interpretação dos aspectos que permeiam as relações de produção, por vezes vista como algo homogêneo. Desse modo, da aproximação com os fatos emerge o real, exibindo uma outra verdade, muito mais complexa, diferente daquela dos cálculos percentuais do Ministério do Trabalho e Emprego.

Os trabalhadores insurgentes, atuando enquanto empregados da *Nellitex*, percebem que não conseguiriam avançar por meio de diálogo com seus superiores, por certo resolvem então seguir, saindo de frente da fábrica - uns andando a pé, outros de bicicletas, alguns poucos de automóveis - até a sede do Sindicato do Comércio de Três Lagoas, local onde está instalada a equipe de representantes da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul.

Chegando à Federação⁶⁰ por volta das nove horas, após uns quatro quilômetros de caminhada, os trabalhadores se defrontam com um novo obstáculo: a dificuldade de exporem a sua visão dos fatos, de se fazerem entender pelos trabalhadores da Federação, a

⁵⁹ Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁶⁰ Optei por usar somente *Federação* quando se referir a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul, porque é assim que os trabalhadores se referem a essa instituição em suas narrativas.

desigualdade de percepção dos acontecimentos e da maneira de expressarem sua compreensão destes.

Ao analisar os aspectos da vida privada dos trabalhadores urbanos ingleses, como membros de um grupo que se diferencia de outros grupos, em suas formas de expressarem seus modos e linguagens, desprovidos de frases emolientes, de rodeios e cautelas características de sua maneira de falar, Richard Hoggart⁶¹ conclui que: “*Essa forma de expressão é pois consequência não só de uma ausência de hipocrisia, mas também do embrutecimento das relações humanas [...]*”.⁶²

As diferenças nos modos de se expressarem, a incompatibilidade de entendimento, vêm a se repetir em outras situações. Três Lagoas é lugar que possui uma expressiva quantidade de homens e mulheres no início de sua experiência de trabalho fabril. Prática essa que tende a impulsioná-los em direção a uma vida carregada de privações, sem muito tempo para refinamentos, forjada no seio da vida simples que permeia o cotidiano das pessoas pobres da cidade, e alimentada pela rusticidade das relações tecidas no chão da fábrica.

No primeiro contato com os atendentes da Federação - sujeitos, por vezes, impregnados de valores, normas e costumes institucionalizados -, os trabalhadores se vêm obrigados a enfrentarem um diálogo instável e de difícil compreensão, emergindo daí a dificuldade de compreender o outro, e por sua vez, se fazerem compreensíveis, como nos relata a secretária Marisol Pires:

*Quando eu fui lá fora conversar com eles, quer dizer, se a pessoa não tiver um pouco de calma para te falar, pra você ir ouvindo uma coisa de cada vez ela te atropela, aí **você não consegue assimilar nem um e nem outro**. Então, a princípio ele me atropelou, ele falou... falou... falou... que eu nem entendi, aí eu deixei ele falar, na hora que ele acalmou: bom, tá calmo! Agora vamos conversar, o que está acontecendo’ aí um fala, o outro fala... o outro fala... aí quer dizer, todo mundo quer falar ao mesmo tempo, aí volta aquele alvoroço de novo; aí eu falei: não gente, calma!*

⁶¹ Richard Hoggart faz um estudo sobre a cultura da classe trabalhadora abrangendo o período de finais do século XVI até as três primeiras décadas do século XVII, em seu livro *As utilizações da Cultura* apresenta análise sobre a reconstrução histórica da formação da cultura de classe e das tradições populares. Para Stuart Hall: “O livro de Hoggart teve como referência ‘o debate cultural’ há muito sustentado nas discussões acerca da ‘sociedade de massa’ bem como na tradição do trabalho intelectual identificado com Leavis e a revista *Scrutiny*”. HALL, Stuart. Estudos Culturais, dois paradigmas. In: _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 123-124. [grifo do autor].

⁶² HOGGART, Richard. “Nós” e “eles”. In: _____. *As utilizações da cultura. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Presença, 1973, p. 110.

*Nós vamos ter que falar um de cada vez, eu sou uma só e eu tenho que ouvir um de cada vez, pra eu poder assimilar o que vocês querem me dizer, pra eu poder ver o que eu posso fazer por vocês.*⁶³

Os trabalhadores sentem perder o seu pilar de apoio: a) na hora de partirem para o campo de disputas, exauridos de suas condições de subordinados dentro do espaço de trabalho; b) ao tentarem articular suas manifestações políticas, apoiadas em estruturas culturais construídas no seio das relações sociais, em seu cotidiano, tanto nas fábricas como em seus lares e ambientes de lazer, locais em que é forjado o fazer-se enquanto sujeitos pertencentes a um grupo que se reconhecem; c) ao tentarem se expor fora desse universo *que é seu*, por direito ou conveniência. São, talvez, fragilizados pelo movimento desarmônico apreendido entre identificação e diferença presente nos significados utilizados pelos agentes para se posicionarem diante dos acontecimentos:

*A princípio [segue o depoimento de Marisol Pires] eles falam que a Federação não faz nada, eles chegam acusando que a Federação não faz nada, que pra que existe a Federação, eu falei: não gente espere aí, eu não tenho bola de cristal, eu não posso sair daqui batendo de porta em porta de empresa pra poder falar pra empresa: ‘eu quero saber, vocês estão pagando’, eu não tenho esse poder. O único poder quem tem de pedir pra ver folha de pagamento, folha de fundo de garantia é o auditor fiscal do Ministério do Trabalho, quem tem o único poder de delegar o que a empresa tem que te pagar ou não, caso você pense entrar na Justiça é o Juiz, então a Federação ela está aqui para intermediar vocês, pra poder orientar como que deve ser feito, como que é e como que não é [...].*⁶⁴

As aspirações construídas no seio do grupo, que motivam a busca por direitos trabalhistas, tanto por meio da tentativa de diálogo ou de uma paralisação, chocam-se com a dificuldade dos funcionários da Federação de entenderem o sentido destas ações, por serem alheios à realidade experimentada no seio da atividade produtiva.

Mesmo considerando que estão posicionados como entidade direcionada a atender os interesses dos trabalhadores, os funcionários da Federação apreendem, neste caso, um diálogo incompreendido entre os agentes envolvidos na paralisação. Explicitando a oposição que os separam entre si, e que em um primeiro momento certamente não é

⁶³ Marisol Pires - 38 anos, casada, natural de Andradina, SP. Secretária da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul. Ela é a pessoa que fez o primeiro contato com os trabalhadores da *Nellitex* no dia da paralisação, também acompanhou todo o processo das negociações entre Federação e trabalhadores. Nesta parte de seu relato, ela aponta a dificuldade que teve para entender o que os trabalhadores queriam, não compreendia a maneira de expressarem suas idéias. Entrevista realizada no dia 17 de março de 2008. [grifo meu].

⁶⁴ Marisol Pires, depoimento citado.

percebida, dando a entender que pertencem a um mesmo grupo, tanto funcionários da Federação como os trabalhadores.

A Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul, uma instituição para trabalhadores e não de trabalhadores, compõe-se de representantes que são estranhos aos que labutam na fábrica, ocupantes da tarefa de intermediar o diálogo entre o *nós e os outros*. Isso expõe a incompatibilidade de linguagens estruturadas pelo lugar de onde falam, tornando-se quase incapazes de levarem adiante suas funções. E os trabalhadores, estes enquanto grupo, fazem brotar suas forças a impulsioná-los em direção a tentativa de diálogo com o patrão.

Os trabalhadores, ao questionar a posição da Federação, acerca das discussões trabalhistas, acusando-a de nada fazer para defendê-los, apreendem a situação como uma negação de auxílio aos seus apelos. A força oportuna do patronato tende a alimentar discussões que levam a construção dessa mentalidade, pois, o capitalista através do tempo, tem atuado como grupo hegemônico desenvolvido no sentido de coagir e desmotivar ações em direção à formação de grupos representantes dos interesses que não sejam os seus.

O movimento que impulsiona os trabalhadores em direção ao conflito aberto contra seus patrões está representado pelo descaso quanto à execução legal das normas que regem as relações de produção, levado a sério por aqueles que se encontram agregados do lado mais fraco da balança econômica. No olhar dos que estão vivenciando os eventos de dentro da própria atividade produtiva, o que motivou a insurgência por meio da paralisação, vai além de reivindicação do salário em atraso.

Para esses trabalhadores o que ocorre é um despropósito quanto às condições de trabalho a que se encontram expostos, provocando um sentimento de insatisfação por não receberem adequadamente pelos serviços prestados. O que os motivam a levar todos os dias aquela rotina degradante é a esperança de poderem contar com o suor de seu trabalho para conseguirem melhores condições de vida.

No bojo das representações que os agentes fazem do universo social a que estão condicionados, alguns valores simbólicos aparecem em evidência nessa expansão da sociedade de consumo e de comunicação em massa. Muitas dessas fábricas garantem o mínimo para seus trabalhadores, que é o pagamento em dia.

Se o pagamento for efetuado no dia combinado, aumenta a possibilidade de homens e mulheres adquirirem créditos para compra de alguns bens materiais, que são revelados como símbolo do direito à promoção social, desta forma possibilitando que se possa dar continuidade em suas vidas de maneira ativa e desejável.

Entretanto, alguns patrões agem com descaso no cumprimento do contrato de trabalho, excluindo parte significativa de seus funcionários da possibilidade de possuírem renda estável, o que lhes permitiria acesso menos instável à posse de determinados bens materiais. Como é mantida certa relação de convivência entre trabalhadores de várias fábricas, fora do espaço fabril, gera-se, deste modo, uma incompatibilidade de *status* econômico entre trabalhadores, o que faz emergir um descontentamento naqueles que possuem menor poder de consumo.

Na realidade das ações humanas, os homens e mulheres comuns, conduzem seus espaços de lutas no interior das ideologias neoliberais, com seus desejos plurais que agitam os ânimos existentes também no chão da fábrica. A idéia de liberdade, para o capitalismo, pode ser entendida como função de propriedade, como nos diz Jorge Acanda, “*Sem propriedade não pode haver liberdade; é a propriedade que fundamenta a capacidade política das pessoas. É por meio dela que o homem se converte em ‘cidadão’, em sujeito de direitos políticos.*”⁶⁵

Esse desejo de liberdade, sem limite de fronteiras subjetivas, não se torna restrito a determinadas camadas sociais. Ao tocar os espíritos da gente pobre que labuta na fábrica, esses passam a olhar para os símbolos de prestígio como provedores do direito à cidadania, sedimentados no poder de crédito, na posse de um automóvel, na constituição de uma família.

As disputas travadas no seio do mundo do trabalho trazem isso, os trabalhadores e patrões seguem na brutal batalha negociando espaços no seu interior. Em meio a interesses diversos, as disputas prosseguem conforme as relações sociais vão sendo tecidas, sem que exista um ponto de equilíbrio entre ambos os anseios de liberdade, impossibilitando a existência de harmonia na essência das relações de trabalho.

Sobre esse aspecto, para os funcionários da *Nellitex*, a prosperidade dos trabalhadores de outras fábricas têxteis apresenta-se simbolizada por meio da capacidade

⁶⁵ ACANDA, Jorge Luiz. *Sociedade Civil e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 81.

que essas fábricas oferecem para alguns de seus funcionários possuírem determinados bens materiais. O acesso à posse de determinados bens materiais surge como símbolo diferenciado de renda salarial existente nas relações de produção, instigando parte dos que labutam na fábrica a alimentarem determinado inconformismo diante das condições de trabalho.

Sem que isso venha a forjar uma imagem de cobiça pelos bens alheios dentro dos espaços sociais em que os trabalhadores se encontram inseridos, o que emerge é a percepção de que se pode ganhar mais pelo seu trabalho, pois, nas fábricas têxteis é utilizado de forma quase geral o mesmo tipo de profissional. Desse modo, a incompatibilidade de salário, não vem a corresponder à diferenciação de cargo, deixando, a título de exemplo, uma questão que incomoda muito os trabalhadores têxteis de Três Lagoas: por que o tecelão da outra fábrica ganha mais do que o tecelão da fábrica em que trabalha?

Numa visão comparativa entre os trabalhadores das diferentes fábricas, observa Fábio Barrios:

*A diferença de pátio ali é enorme, e os caras lá [trabalhadores da Nellitex] não financiam. Coitado de um amigo meu, o baixinho lá, o Ari, financiou uma moto 150 [cilindradas] esses dias na Honda, financiou e no próximo mês caiu num facão de trinta pessoas, fiquei com dó do cara. [...] E o pessoal lá indigna com essa diferença de pátio aí, vê lá essa diferença de estrutura.*⁶⁶

É no pátio das fábricas que se inicia a percepção da diferença existente entre os agentes empenhados no trabalho fabril. Os carros e as motos ali estacionados simbolizam prestígio e reputação para alguns e alimenta o desejo de outros, por estarem essas pessoas sujeitas a padrões de existência imposta pela sociedade de consumo e de produção em massa. Configurado, em certos casos, a infundada idéia de melhor distribuição de renda, de liberdade de indivíduos, ou seja, do bom andamento das relações entre patrões e empregados.

Judson Vieira⁶⁷, por meio de suas experiências, relata a dificuldade de se tentar levar uma vida social estável estando na condição de empregado da *Nellitex*:

⁶⁶ Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁶⁷ Judson Vieira - 33 anos, solteiro, natural de Corumbá/MS. Veio de Corumbá para Três Lagoas em 2001, juntamente com mais um de seus irmãos com o intuito de trabalhar nas fábricas de tecidos. Sua mudança de

Foi difícil pra manter, pagar aluguel, pagar as contas, tirei uma moto na época e tive que devolver a moto porque não consegui pagar, então devolvi. Tava ruim para trabalhar na Nellitex. Tive que passar a moto para outro colega meu pra poder pagar ela, eu fiquei desesperado um tempo, não tinha dinheiro, demorou pra pagar hein! Atrasava muito o pagamento lá.

As posições existentes nos diferentes campos dos espaços sociais vivenciados pelos trabalhadores das fábricas de tecido de Três Lagoas colaboram para inflamar o descontentamento acerca de sua condição de vida e trabalho. Segundo Roberto Leme Batista⁶⁸, em estudo crítico sobre a noção de competência e empregabilidade, não são todos aqueles trabalhadores que estão inseridos no chamado “mundo das competências”, livres de se sujeitarem a brutalização do processo de trabalho, mesmo os que se encontram menos sujeitos a tais condições acabam sentindo seus efeitos.

Para esse autor, a expectativa de certa satisfação no trabalho, para aquelas pessoas melhor qualificadas, é conduzida a uma frustração e pânico diante da possibilidade concreta de demissão, de conviver com baixos salários. Esta mudança do “estado de espírito” nos trabalhadores pode ser acelerada com a participação dos patrões que não conseguem manter por muito tempo a pedagogia de trabalho que tenta inserir a conformação normativa de comportamento, a construção de atitudes e valores dirigidos ao labor fabril.⁶⁹

O relato dos trabalhadores confronta com a possível viabilidade de aplicação do modelo capitalista de competências, pois o que se percebe em suas falas corresponde muito mais às várias faces e desdobramentos heterogêneos do real, presentes bem ali, na vida de cada um daqueles ocupantes das vagas disponíveis no mercado de trabalho:

Por mim mesmo o que eu queria era estar trabalhando, queria estar recebendo pra fazer plano. De repente entrar num lugar daquele ali [a fábrica] a gente pensa né, a maioria dos trabalhadores pensa: ‘depois que eu registrar dá pra eu comprar uma

cidade foi incentivada por seu irmão mais velho que já estava em Três Lagoas atuando como instrutor no Senai, local onde é ministrado cursos de qualificação para atender a demanda de mão-de-obra das fábricas têxteis. Em Corumbá trabalhava no comércio, na *Nellitex* atuou durante cinco anos como Operador de Fiação, mudando de emprego em março de 2006, indo trabalhar na Adar Indústria, Comércio, Importação e Exportação como revisor de tecidos. Justifica a sua troca de emprego como busca de melhores condições de vida e trabalho. Entrevista realizada no dia 17 de fevereiro de 2008.

⁶⁸ BATISTA, Roberto Leme. Reestruturação produtiva, ideologia e qualificação: crítica da noção de competência e empregabilidade. In: BATISTA, Roberto Leme; ARAUJO, Renan (orgs.). *Desafios do Trabalho: capital e luta de classes no Século XXI*. Londrina, PR: Práxis, 2003, p. 143-172.

⁶⁹ Ibidem, p.160.

casa, financiar uma moto'; então depois dessa paralisação não deu para acreditar mais. É ruim você estar num lugar onde quer ter esperança e não sabe de onde tirar, é ruim. [...] Até hoje, pelo tempo que eu estou lá eu não vejo ninguém feliz lá dentro, só está [trabalhando] porque precisa mesmo e tem medo de sair, e perder os direitos [trabalhistas]. Igual eu vejo outros companheiros perderem também, fica sem volta, fica perdido, só trabalha para defender o do mês mesmo, mas receber no dia, na hora... Igual o vizinho dele lá [as outras fábricas] que é a Corttex, paga certinho, a Adar. Ah! Não acontece [o não pagamento na data certa] é só atraso, eu já cheguei a ver pessoas chorando, levar talão de água e luz lá, chegar com conta de supermercado, aluguel; e eles [os administradores] fingirem que não é com eles.⁷⁰

O desejo de prosperar na vida, a busca pela realização pessoal, que para muitos trabalhadores significa acesso a créditos e capacidade de possuir certos bens materiais, mesmo estando na condição de trabalhador e no auge de sua servidão⁷¹, em determinados casos podem motivar os homens ao trabalho árduo, por conseguinte, tal desejo pode também levá-los a partir para a insurgência.

A paralisação do dia 19 de setembro está obviamente pautada nas dificuldades econômicas dos trabalhadores, no descrédito da figura do patrão e no sistema da Justiça do Trabalho, haja vista que os trabalhadores acabaram se vendo forçados pelas circunstâncias a tomarem atitudes nunca antes experimentadas: pararem a produção e se voltarem contra seus superiores dentro da hierarquia fabril.

O debate travado entre os trabalhadores e o advogado da Federação apresentou-se satisfatório naquela quarta-feira. Para apaziguar os ânimos dos trabalhadores que se negavam a retornarem para a fábrica sem uma resposta para suas indagações, foi proposto que entrassem com pedido de Reclamação Trabalhista junto a Justiça do Trabalho.

⁷⁰Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁷¹ Karl Marx, ao examinar a *objetivação*, a produção do trabalhador, estando inserida nela o *estranhamento*, a perda do objeto e de seu produto, tece algumas considerações, apontando ser a *natureza, o mundo exterior sensível* matéria na qual o trabalho se efetiva, se torna ativo, e a partir da qual e por meio da qual esse mesmo *mundo exterior sensível* produz o trabalho. A natureza oferece *os meios de vida*, para a subsistência do trabalhador. Portanto, em um primeiro sentido, quanto mais o trabalhador se apropria do mundo externo da natureza sensível por meio de seu trabalho, muito mais ele se priva dos *meios de vida*, deixando de ser o *mundo exterior sensível* objeto pertencente ao seu trabalho, um meio de vida. Em outro sentido, o *mundo exterior sensível* deixa de ser meio de vida imediato, *meio para a sua subsistência*, tornando-se, o trabalhador, em última análise, um servo de seu objeto, passando a receber trabalho, receber meios para a sua subsistência. Neste sentido alcançando o auge de sua servidão, pois, o homem ao receber trabalho se torna subjugado aos interesses de outros homens, tornando-se condicionado ao fato de que somente como trabalhador ele pode se manter como *sujeito físico* e apenas como *sujeito físico* ele é trabalhador. MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: _____. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 82. [os grifos do autor foram mantidos nessa síntese]

Nos autos dessa reclamação, pretendia-se prescrever um pedido de rescisão indireta do contrato de trabalho firmado entre trabalhador e patrão, esta seria a maneira encontrada para que o contrato fosse quebrado sem que os trabalhadores sofressem maiores perdas, pois forçaria a empresa a demiti-los. Ficou acertado com os trabalhadores que levassem seus documentos no dia seguinte até a Federação para dar entrada ao processo trabalhista.

1.2 Instituições e leis *versus* prática social

No dia seguinte, o discurso do advogado adquiriu outro tom: *“ele disse que já não tinha como fazer a minha rescisão [...] ele só me respondeu isso aí e não quis conversar comigo mais”*⁷². As palavras do advogado deixaram os trabalhadores desiludidos, causando certo estranhamento quanto à mudança no tratamento recebido, sem saber ao menos o motivo que levou a Federação a negar dar continuidade na ação em defesa dos trabalhadores, sem entender o porquê da dificuldade para encontrar ferramentas capazes de manejar as leis para que estas possam ser aplicadas de modo a garantir-lhes o que é de direito.

Em meio a vários questionamentos, segundo a percepção dos trabalhadores, emerge uma verdade antes despercebida e crucial para proporcionar uma melhor identificação do terreno em que estão pisando: a instituição, que é direcionada a proceder legalmente diante das negociações trabalhistas, mostrou-se incapacitada a atender e orientar seus filiados.

Considerando essencialmente as forças que, de certo modo, levaram o advogado da Federação a negar continuar o diálogo, sem me deter no teor do tratamento dispensado por ele aos trabalhadores, me reporto ao relato de Marisol Pires, sobre o motivo que impediu a possível entrada com Reclamação Trabalhista junto a Justiça do Trabalho pedindo rescisão indireta do contrato de trabalho.

Para Marisol Pires, *“a primeira vista poderia-se entrar com uma rescisão indireta, mas a lei diz que a rescisão indireta tem que ter três pagamentos atrasados, então antes de vencer a terceira parcela eles [a empresa] foram lá e pagaram”*⁷³. Ou seja, o advogado no primeiro dia da paralisação, ao dialogar com os trabalhadores, certamente achou que já se

⁷²Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁷³ Marisol Pires, depoimento citado.

passavam três meses sem que a empresa pagasse seus funcionários, o que poderia tornar legítima a rescisão indireta.

Jeanne Silva, em sua dissertação de mestrado em História Social defendida em 2005 na Universidade Federal de Uberlândia, aponta a necessidade de se fazer um esforço analítico para entendermos “*esse objeto que se intitula lei*” procurando perceber a variação do conceito de direito e justiça em sua identificação com a definição de lei.

Para essa autora, “[...] *direito, lei e justiça são categorias que se apresentam aos agentes sociais com grau diferenciado de percepção, carregando consigo parcelas de imponderabilidade e de incertezas*”⁷⁴. Por assim estar determinado, os tais conceitos trazem diferentes formas de apreciação, não conseguindo responder consistentemente as necessidades que emanam do social.

Em perspectiva semelhante à de Jeanne Silva sobre a representatividade da lei, o historiador estadunidense John French, especializado em História do Brasil e estudioso do mundo do trabalho, tenta entender o papel que as disposições legais, neste caso a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que foi supostamente criada para garantir os direitos do trabalhador, tem ocupado no seio da formação política e cultural dos trabalhadores brasileiros. Para o autor:

*O notório e quase esquizofrênico contraste entre lei e realidade, teoria e prática, palavras e atos é, sem duvida, um problema clássico bastante discutido na historiografia e na literatura sobre relações de trabalho. Não é raro, de forma alguma, encontrar uma situação em que as coisas existem no papel mas não na realidade; em que a lei, a justiça e os direitos existem apenas nominalmente, formalmente e sem conseqüências.*⁷⁵

Nesta perspectiva, proponho uma leitura de parte da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), colaborando para a compreensão dos instrumentos jurídicos utilizados pelo advogado da Federação para responder a solicitação dos empregados da *Nellitex*, e também por outros trabalhadores que individualmente procuram pela justiça reagindo contra as práticas ilícitas de patrões.

⁷⁴ SILVA, Jeanne. *Sob o ju(o)go da lei: confronto histórico entre direito e justiça*, Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 17.

⁷⁵ FRENCH, John. *Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002, p. 25.

Para o empregado considerar rescindido o contrato de trabalho e pleitear o recebimento de seus direitos deve-se, segundo o item *d* do Artigo 483 da CLT⁷⁶: “*não cumprir o empregador as obrigações do contrato*”; no mesmo item, seguidamente é pedido para que se leia o Enunciado número 13 que apresenta: “*Mora: O só pagamento dos salários atrasados em audiência não elide a mora capaz de determinar a rescisão do contrato de trabalho*”. Tem-se, por efeito, a possibilidade de o trabalhador, em caso de atraso de pagamento, exigir que seja rescindido o contrato de trabalho.

Outras garantias vêm acompanhadas do § 3º que apresenta: “*Nas hipóteses das letras d e g, poderá o empregado pleitear a rescisão de seu contrato de trabalho e o pagamento das respectivas indenizações, permanecendo ou não no serviço até o final do processo*”. O aparato jurídico, até aqui se aproxima de garantir para o empregado o direito de libertação das amarras do severo patrão, quando este nega a garantir que faça cumprir a sua parte do Contrato de Trabalho.

Posteriormente, a CLT sofre algumas revisões, o Decreto Lei n. 368, de 19 de dezembro de 1968, editado no Governo do Presidente Costa e Silva abre espaço para o capitalista melhor usufruir no ato de aquisição de mão-de-obra. No Artigo 2º, § 1º aponta: “*considera-se mora contumaz o atraso ou sonegação de salários devidos aos empregados, por período igual ou superior a 3 (três) meses, sem motivo grave e relevante, excluídas as causas pertinentes ao risco do empreendimento*”.⁷⁷

Este decreto vem minar parte dos direitos prescritos anteriormente na CLT. Em se tratando de negociação da rescisão indireta do contrato de trabalho, ele pode, sim, entrar com Reclamação Trabalhista, *mas somente após o tempo de atraso no pagamento previsto por lei*.

Após a Federação entrar em contato com a *Nellitex*, tomou-se conhecimento de que ainda não havia completado os três meses de atraso no pagamento, e para assegurar seu poder de apropriação, exploração e consumo da força de trabalho no ato da produção, tal empresa utiliza-se dessa lacuna nas normas da CLT, agindo com a política do “jeitinho”,

⁷⁶ BRASIL. *Constituição Federal Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária*. Organizado por Nelson Mannrich, 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003, p. 318

⁷⁷ BRASIL. Decreto-lei n. 368, de 19 de dez. 1968. In: *Constituição Federal Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária*. op. cit., 2003, p. 693-694.

como costumeiramente é denominada a habilidade de burlar problemas burocráticos ou legais, por meios extraleais.⁷⁸

Por este viés, a empresa, sorrateiramente, institui um acordo, garantindo, caso seus funcionários retornassem ao trabalho, o pagamento antes do vencimento dos três meses de atraso no pagamento. Deste modo, acaba fechando o cerco contra os trabalhadores que participaram da paralisação, forçando um recuo do advogado diante da orientação anterior.

A Federação, tentando posicionar-se como órgão destinado a atender os interesses dos trabalhadores, em um misto de insuficiência na ação e complacência com o seu verdadeiro papel - sendo este último o que a movimenta, mesmo que lentamente, a agir em direção aos interesses do trabalhador -, parte para outra ação em direção à defesa dos trabalhadores, forjando uma ação por meio de um Termo de Denúncia, junto ao Ministério Público:

*[...] essa reclamação ela não foi nem para o Ministério do Trabalho, foi para o Ministério Público que é acima do Ministério do Trabalho. E o Ministério do Trabalho foi acionado para poder fazer a vistoria na empresa pra ver o que estava acontecendo, o porquê daquilo. Iria ser notificado, foi notificado, o Ministério do Trabalho compareceu, olhou, estava tudo irregular, não estava funcionando, era da forma que o trabalhador falou, foi notificado.*⁷⁹

Ora, o Ministério Público aqui é acionado como órgão apropriado para garantir que se cumpra a lei, em meio às instituições que regulamentam os conflitos existentes no seio das relações de trabalho. A realidade dos agentes sociais envolvidos no processo de venda e apropriação da força de trabalho perde o seu caráter objetivo, com suas peculiaridades palpáveis, humanas, reais; para tornarem-se abstratas, com estrutura modelar, enquadrado em normas gerais que, supostamente, darão condições ao aparato jurídico para atuar legalmente na regulamentação das relações que regem o mundo do trabalho, esbarrando, por conseguinte, na burocracia legítima:

*Essa documentação foi para o Ministério Público, só que tudo que tem que entrar na justiça existe um tramite legal, então o que acontece, foi em setembro isso daí né, até que vai... até que o processo vai ser analisado, então demora um tempo, aí chega o fim de ano infelizmente a justiça para, então foi retomado [...].*⁸⁰

⁷⁸ FRENCH, op. cit., 2002, p. 42.

⁷⁹ Marisol Pires, depoimento citado.

⁸⁰ Ibidem.

Para que a Justiça do Trabalho possa atuar plenamente, dentro da atividade produtiva, lugar em que homens e mulheres são rebaixados à condição de mercadoria e o capitalista é o senhor do trabalho, ela terá que seguir uma miríade de etapas impostas pela legislação trabalhista.

No caso dos eventos que envolvem a empresa *Nellitex* e seus funcionários, tem-se a notificação junto ao Ministério Público da exploração e não cumprimento do contrato de trabalho firmado entre as partes. Uma auditora fiscal é inquirida para confirmar o estado de degradação que homens e mulheres vêm sofrendo ao serem usurpados por capitalistas incapazes de verem em seus empregados mais que simples mercadoria a ser explorada.

Assim, quando a situação da empresa se aproxima do limite tolerado pelas leis do trabalho, que daria poderes ao judiciário para atuar na penhora de bens para saldar dívidas, seus dirigentes agem evitando exceder tal limite. Ou seja, nessa cadência a empresa mantém seu estado máximo de exploração; por um lado, sufocando os trabalhadores, e por outro, driblando a ação da Justiça do Trabalho que, afogada na burocracia, não consegue, por sua morosidade, manipulação e complicações jurídicas, chegar plenamente até a linha de produção fabril.

Nesta perspectiva, segundo salienta Jeanne Silva: “*A lei carrega em si contradições, oposições, lacunas, ambivalências, captadas pelos agentes que dela se apropriam e a elevam a sua potência máxima, por meio de seus argumentos retóricos e táticas procedimentais*”⁸¹. Tais efeitos tendem a aumentar o poder de manobra político, econômico e social da elite hegemônica e colabora para a degradação de famílias, levando ao desespero pessoas que necessitam do trabalho para manterem a sua subsistência e a de seus familiares. Como exemplo, a reflexão feita por Marisol Pires a respeito do clima de tensão que tomou conta dos trabalhadores na hora do encontro com o pessoal da Federação:

*[...] você tem que pensar na seguinte forma, ele está tenso, ele está nervoso porque ele está com problemas, atrás dele existe uma família que depende dele, que depende do que ele ganha, depende do suor dele, quer dizer, se ele sua e não está ganhando, a família cobra, certo, os filhos choram, o que acontece, o trabalhador ele tende a ficar nervoso, ele vai ficar tenso, lógico, porque a família dele está lá, é ele que está passando necessidade, são as contas dele que estão vencendo.*⁸²

⁸¹ SILVA, op. cit., 2006, p.15.

⁸² Marisol Pires, depoimento citado.

Esses homens e mulheres se encontram em estado de desespero, pressionados por seus familiares que exigem o direito de serem ao menos alimentadas, vendo suas contas vencerem, seus créditos serem cortados, sua dignidade sendo questionada por não cumprirem com o seu papel social, e sem conseguir avançar nas negociações com o apoio da Federação, sem ter um sindicato que represente a categoria dos trabalhadores têxteis atuando na cidade.⁸³

Se as coisas não parecem tomar o rumo esperado ao buscarem o apoio da Federação para forjar uma rescisão indireta do contrato de trabalho, o que lhes resta como ferramenta para defesa de seus interesses é manter a paralisação e tentar uma negociação direta com o patrão.

Sentindo-se pequeninos diante da opulência de homens que exploram e degradam a condição humana sob o símbolo mascarado de um modelo capitalista vencedor, supostamente capacitado a levar o *progresso* para as regiões mais remotas do planeta. Neste momento de desespero esses trabalhadores sentem-se sozinhos, desamparados, sem qualquer orientação digna de colocar um pouco de ordem em seus pensamentos, nem auxílio capaz de levar até seus superiores de fábrica seu recado, mostrar em palavras: “[...] *se você está ali todo dia trabalhando querendo defender o seu, você não é um mau elemento, você não é qualquer um, você é trabalhador*”.⁸⁴

Essa conformação subjetiva, esse consentimento do sujeito como sendo trabalhador⁸⁵, através dessa percepção simbólica inserida no *seu eu*, de que é na condição de trabalhador que ele é cidadão; então, como cidadão ele atua em determinada sociedade, mesmo que ocupando posição inferior nas relações construídas, mas ao ocupar uma posição, essa posição lhe dá direitos.

⁸³ Alguns trabalhadores das fábricas têxteis vêm articulando a fundação de um sindicato da categoria desde o ano de 2004, eles também encontraram pela frente barreiras forjadas sob o signo de retaliação patronal, o que discutiremos no capítulo seguinte.

⁸⁴ Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁸⁵ Maurice Godelier analisando o termo trabalho, entre os seus diversos significados e valores simbólicos aponta que este tem como função expressar não somente o dever, mas também o direito dos homens ao trabalho, a sobrevivência quando este é o último que se tem para vender para manter a vida: “E não só o direito ao trabalho mas também o direito que o homem conquista pelo seu trabalho: direito ao descanso, direito a reforma, etc., mesmo até o direito de não ser mais explorado, de abolição da exploração”. GODELIER, Maurice. Trabalho, In: Romano, R. (org.) Enciclopédia Einaudi. *Modo de produção/desenvolvimento/subdesenvolvimento*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda. 1986, v. 7, p. 11.

E é isso que estes homens estão pedindo, que se faça cumprir o contrato social, querem a sua “migalha desse pão”, sua por direito, trabalhado, sofrido, usurpado. Mesmo que insuficiente para resolver seus dilemas imediatos, é apenas por meio do trabalho que essas pessoas visualizam a possibilidade de alcançarem o direito de propriedade ou o que é essencial: a sua sobrevivência e um pouco de bem-estar em suas vidas.

Roberto da Silva⁸⁶ expõe seus anseios de prosperar na vida, segundo ele: “*hoje em dia você vale o que você tem*” seus desejos vão ao encontro de possuir uma casa própria, ter uma profissão, seu carro e criar seus filhos. Peças fundamentais que estes obreiros trazem imbricada em suas tradições adquiridas no seio do espírito do capitalismo, a idéia de se fazerem homens dignos, por meio do trabalho e salário, símbolos do “*estranhamento da atividade humana prática*”⁸⁷, mantida de forma involuntária dentro do mundo do trabalho, com suas fissuras e fraturas camufladas sob o bastão do neoliberalismo.

Na quinta feira, após serem informados da mudança de estratégia do advogado da Federação que optou por não entrar com Reclamação Trabalhista pedindo a rescisão indireta do contrato de trabalho, restou como solução aceitar a oferta da empresa, ou seja, se os trabalhadores retornassem, em quarenta e oito horas seriam depositado em conta bancária os pagamentos em atraso. Muitos retornaram ao trabalho, outros resolveram entrar individualmente com pedido de rescisão indireta do Contrato de Trabalho.

Como exemplo de resistência individual daqueles que negaram o acordo com a empresa e prosseguiram no enfrentamento, temos o caso do tecelão Sidney Pereira⁸⁸. Em seu processo de Reclamação Trabalhista declara ter sido - durante os anos em que labutou

⁸⁶ Roberto Ferreira da Silva - 26 anos, casado, natural de Pernambuco. Morou no Ceará onde trabalhou como operador de linhas de transmissão, veio para Três Lagoas em busca de emprego nas fábricas têxteis. Empregado a partir de 2006, na *Nellitex* ocupou primeiramente a função de Auxiliar de Mecânico e hoje atua como Mecânico Industrial. Esse é seu primeiro emprego em fábrica e tinha como expectativa a melhora de vida em função de bons salários, mesmo não estando satisfeito com o valor que recebe vê-se em estado de crescimento profissional por ter conseguido subir de cargo. Entrevista realizada no dia 22 de março de 2008.

⁸⁷ MARX, op. cit., 2004, p. 83.

⁸⁸ Sidney Luiz Pereira, trabalhou durante um ano e seis meses na *Nellitex*, primeiramente como auxiliar de tecelagem e posteriormente sendo promovido a tecelão. Em sua rotina de trabalho operava máquinas de fabricação de fios destinados a compor tecido, colocava rolos de linha e atuava nos teares. BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24º Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 1646/2007. Três Lagoas-MS, 08 out. 2007, p. 02-10.

na fábrica - sujeitado a agentes físicos e químicos nocivos a saúde, além de trabalhar em ambiente com barulho ensurdecedor e ultrapassando a jornada de oito horas diariamente.

Consta em sua reclamação que, ao procurar saber sobre o pagamento de seu salário, ouviu do supervisor de produção Hélio Leonardo, que não haveria pagamento enquanto não houvesse produção. Segundo ordens dos proprietários da fábrica, se não fosse atingida a quota estabelecida de produção era para fechar a empresa e não pagar ninguém e quem não estivesse satisfeito que pedisse a demissão.

Não sobrando motivo para Sidney Pereira continuar prestando serviços para a empresa, estando inseguro quanto à atuação da Federação, ao invés de desfazer de seus direitos e pedir demissão, conforme vontade dos patrões, achou por certo continuar a batalha na Justiça do Trabalho com auxílio de advogado particular, pedindo a rescisão indireta do Contrato de Trabalho, demonstrando capacidade de dar seqüência em seus objetivos.

Como esse tecelão, vários outros trabalhadores a partir da paralisação, não aceitaram a proposta imposta pelo patrão, não mais acreditando na possibilidade de melhora em suas vidas enquanto trabalhadores da *Nellitex* e constrangidos com a instituição destinada a intermediar as negociações de seus direitos trabalhistas.

Alguns trabalhadores entram com Reclamação Trabalhista exigindo rescisão indireta do contrato, acreditando ter o patrão desrespeitado os regimentos da lei e do contrato de trabalho, e outros, menos esperançosos e necessitando arrumar emprego com urgência, pedem pelo encerramento do contrato, deixando as decisões à mercê do contratante, exigindo somente a baixa em suas carteiras de trabalho.

Quando a opressão torna-se insuportável, fecha-se o cerco contra seus direitos e liberdade profissional: se o trabalhador está insatisfeito, ele que se demita e, se quiser receber por seus direitos, que procure a justiça trabalhista, essa é a postura básica nas negociações de trabalhadores com a *Nellitex*, nos momentos em que há insatisfação e pedido de demissão.

No mais, é comum o seguinte procedimento nas negociações de encerramento dos contratos entre as partes envolvidas nas relações de trabalho dessa empresa: no Termo de Rescisão do contrato de trabalho é lançado o valor correspondente à verba rescisória. Todavia, sem que seja efetuado o pagamento dos valores de que o trabalhador tem direito,

como garantia, é feita uma ressalva no verso do termo, pelo órgão que fez a homologação, alegando que o contrato de trabalho foi rescindido sem o pagamento das devidas verbas rescisórias.

Marisol Pires, atuando como pessoa responsável por fazer as homologações dos trabalhadores fabris trêslagoenses, possui grande conhecimento destes casos de encerramento de contratos sem pagamento dos valores de direito dos trabalhadores. Ela relata a experiência de uma moça - que preferiu não identificar - que trabalhava no setor administrativo da *Nellitex* e foi coagida pela empresa a fazer sua rescisão de contrato sem receber nada de que tem direito, somente tendo acesso à sua conta de fundo de garantia, ficando combinado entre a empresa e sua funcionária, o pagamento das verbas rescisórias posteriormente:

Eu deixei eles virem aqui, quando chegou aqui que eu peguei a rescisão na mão, tinha uma verba rescisória de três mil reais para receber, aí eu conversei com a moça, e falei: 'é você vai receber isso daqui, eu não aconselho tá'; eu falei para ela: 'eu não aconselho você a assinar, estou te orientando que você não deve assinar porque se você assinar você não vai poder requerer esses três mil reais na justiça, por que você assinou, você recebeu' [...] é assim que funciona, você assinou você não vai receber, pro juiz ele vai entender que você recebeu, então é melhor você pegar e entrar direto na justiça.⁸⁹

Para o trabalhador recusar o recebimento de um “acerto de contas” somando o direito de receber três mil reais pelos serviços prestados, é porque a sua condição de vida certamente alcançou limite intolerável. Alguma saída deveria ser encontrada para tentar aliviar o sofrimento: a existência do fundo de garantia e o seguro desemprego aparecem nessa hora como única forma de alívio momentâneo.

O ato de reivindicar por direitos diante do patrão é uma empreitada muito difícil. Os interesses de um trabalhador tornam-se insignificantes diante do interesse do capital, e para aquele que vivencia tal (des) encontro de interesses, a realidade se apresenta excessivamente dramática e dolorosa:

[...] aí ela pegou e começou a chorar, me cortou o coração, porque ela é sozinha, ela tem uma criança pra sustentar e já fazia dois dias que o filho dela estava sem leite, ela não tinha de onde tirar, ela ficou tão revoltada que ela esmurrava a mesa [...] ela perdeu as estribeiras disse que ia lá dar uns tapas no diretor, eu disse: 'não adianta que você vai perder os seus direitos'; é revoltante, mas infelizmente é dessa forma que funciona.⁹⁰

⁸⁹ Marisol Pires, depoimento citado.

⁹⁰ Ibidem.

Essas ações de usurpação são utilizadas para servir de exemplo dentro da fábrica, para que outros trabalhadores não tentem seguir o mesmo caminho. Ao desrespeitar os direitos de liberdade profissional, o contratante mantém o nível de exploração e evita que seus funcionários mais antigos migrem para outras empresas⁹¹. É desejo de grande parte dos trabalhadores da *Nellitex* trocarem de emprego, mas temem sair sem receberem os valores rescisórios de que têm direito.

Sabe-se, que na maioria das vezes, são trabalhadores com mais de cinco anos de serviços prestados e, por força disto temem sair da firma e perder seus direitos trabalhistas. Rotineiramente, quando insatisfeitos com as normas da fábrica, procuram seus administradores para que “os mandem embora”, ou façam um “acerto de contas”, entretanto, é negado qualquer tipo de acordo ou dispensa, o que acarretaria ônus para a empresa.

O empregado acaba ficando atado a uma empresa que não lhe dá a mínima satisfação no que tange às negociações trabalhistas, perdendo o direito à liberdade profissional, o temor de sair “com uma mão na frente e a outra atrás” faz baixar o ânimo daquele empregado que pretende trocar de emprego em busca de melhor oportunidade. Desse modo, vai-se mantendo o controle das negociações dentro dos galpões de fábrica, e o empregado continua a mercê das intenções de seus empregadores.

Ao coagir a atuação da Federação, impedindo que ela corresponda ao apelo de seus filiados, forja-se um consenso entre trabalhadores de que a representação por meio de entidades trabalhistas é perda de tempo: “a Federação não faz nada”. Por este motivo, o trabalhador passa a ignorar o possível poder de um representante, não acredita mais no seu papel diante das negociações trabalhistas:

[...] nunca vi esses caras fazerem nada, só descontando do nosso salário, inclusive eu até cortei, ainda porque vintão [vinte reais] pra mim já faz falta [...] eles não fazem

⁹¹ Esse método há anos vem sendo praticado como meio de manter o trabalhador na empresa, mesmo que insatisfeito; observa-se em Três Lagoas o aumento da procura por mão-de-obra, mesmo que sem grande qualificação, a migração de trabalhadores de empregos menos rentáveis para outras áreas de serviço que oferecem melhores condições de emprego e salário, mobiliza todos os seguimentos empresariais da cidade, como mostra o presidente da Federação dos Trabalhadores do Comércio do MS, Idelmar Lima: “*Estamos perdendo Bons Profissionais e precisamos agir para recompor o quadro de profissionais de igual competência*”. COMÉRCIO local está perdendo mão-de-obra com qualificação para o setor industrial. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 25 jan. 2008, p. 08.

*nada mesmo pela gente, então não sei porque de sindicato, parece que o sindicato é meio comprado.*⁹²

Com efeito, o esvaziamento do número de filiados vem a enfraquecer ainda mais o poder de negociação trabalhista dessas instituições. Em última análise, os trabalhadores ficam sem representação de peso, o sindicato fica desprestigiado, sem ter forças para atuar diante das negociações trabalhistas, e, por fim, os patrões ficam com maior controle sobre as relações de trabalho dentro de suas fábricas.

1.3 “Banco de horas”⁹³: controle e usurpação patronal

Os trabalhadores encontram-se sempre coagidos a obedecerem a um aparato de normas impostas pelas relações trabalhistas, incorporando o trabalho à sua vida cotidiana e fornecendo sua força de trabalho de forma efetiva e disciplinar durante horas a fio nas dependências das fábricas, com seus galpões opulentos e frios. Uma vez estando lá dentro não se percebe com muita facilidade se é dia ou noite e o único momento em que se espera com ansiedade e lassidão é o momento da batida dos ponteiros do relógio revelando mais um final de jornada.

Neste momento os sentimentos se misturam em um grandioso paradoxo: para uns, manifesta-se à felicidade de poder retornar para casa após horas intensas de trabalho; e para outros, ergue-se, em meio ao sentimento de tristeza, o início de mais uma jornada de labuta frente à linha de produção. Desse modo, na fábrica, homens e mulheres condicionados ao

⁹² Fábio Teodoro dos Santos - 24 anos, casado, natural de Três Lagoas. Atua na *Nellitex* desde o ano 2000, começou a trabalhar nesta empresa antes de completar maioridade, na função de Auxiliar de Serviços Gerais. Hoje ocupa a função de Contra Mestre no setor de fiação de tecidos. É casado e tem uma filha, trabalha no turno das dez horas da noite às cinco horas da madrugada, por vezes, durante o dia faz “bicos” de auxiliar de pedreiro, pois seu salário não garante todas as despesas de seu lar. Entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2007.

⁹³ Ao longo da década de 1990, foram sendo introduzindo modificações importantes no padrão de regulamentação das relações de trabalho. Dentre as medidas adotadas encontra-se o “banco de horas” que, Cláudio Dedecca, entende como ato que contraria os preceitos da CLT, no mais, essa medida permitiu reconhecer as jornadas de trabalho variáveis como regra, abandonando a visão de excepcionalidade que havia caracterizado a ação do Estado nesse campo desde os anos 1940, ao reconhecer o direito das partes em regular a jornada de trabalho, que nem sempre é feita com participação efetiva dos trabalhadores, observa-se mais uma vez redução do papel regulatório do Estado dentro das negociações trabalhistas. DEDECCA, Cláudio Salvadori. Anos 1990: a estabilidade com desigualdade. In: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. (orgs.) *Além da Fábrica: Trabalhadores, sindicato e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 134 -135.

espírito do capitalismo obedecem à sincronia incessante dos ponteiros do relógio a girarem em sua estrutura globular.

Em seu estudo sobre a reordenação do tempo e da disciplina nas oficinas e fábricas da Inglaterra do século XVIII, período em que a utilização da máquina começa a ocupar sistematicamente o cenário urbano como ferramenta de imposição das condições de trabalho e meio de aumentar a exploração da mão-de-obra, E. P. Thompson⁹⁴ aponta não se tratar somente da administração do tempo e sim dos mecanismos criados para usurpá-lo.

Dentro deste contexto, aponta o autor, o uso-econômico-do-tempo abrange vários desdobramentos, estando também desde os primórdios da divisão social do trabalho fortemente relacionado ao estado de contestação de trabalhadores. Neste sentido, a equação “tempo é dinheiro” tem uma abrangência muito maior na mentalidade do capitalista do que na dos trabalhadores que, por sua vez, pensam mais em amenizar o sentido de exploração que o de posse por meio do desgaste de seu tempo em função do suposto desejo de poder econômico.

Considerando que o empregador tende a utilizar o tempo a seu favor evitando que a mão-de-obra utilizada em suas fábricas seja desperdiçada, impressiona a estratégia de negociação trabalhista utilizada pela gerência da *Nellitex* para tirar proveito do tempo de trabalho de seus funcionários. Neste ambiente árduo e rotineiro em que as horas tornam-se objeto de conflito permanente, vê-se ser praticada uma miríade de métodos para poder arrancar até o último minuto possível de horas diárias dos trabalhadores.

Em um primeiro momento, a empresa argumenta que uma nova gestão administrativa estaria assumindo a fábrica e que o atendimento das reivindicações dos trabalhadores seria possível. A suposta nova gestão, chega dizendo que não se compromete com os atrasos de pagamento e horas extras de ninguém. No mais, decidem acertar com seus subordinados o encerramento do “banco de horas⁹⁵”, da seguinte maneira: os trabalhadores que tinham créditos de horas extras depositados no “banco de horas” ficaram

⁹⁴ THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*, São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 267-304.

⁹⁵ A prática do regime de “banco de horas” consiste no trabalho diário de duas horas a mais ou dias de compensação que ficarão depositados no referido banco, para serem posteriormente compensados. Seu objetivo é propiciar as empresas maior possibilidade de adequar a atividade trabalhista às necessidades da produção. FEDERAÇÃO dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul; Cortinas Cortex Ltda. *Acordo Coletivo de Trabalho*. Documento lavrado na Delegacia do Trabalho, Três Lagoas, 04 out. 2002, p. 01.

sem receber por essas horas a mais trabalhadas, foram rasgados todos os documentos que comprovam a existência desse método de controle de horas extras.⁹⁶

Após cancelar o método de controle de horas extras, o que aparentava uma vitória para o trabalhador da *Nellitex*, tornou-se mais um fardo a ser suportado nesta disputa sobre o tempo. A prática de forçar trabalhadores a ultrapassar o horário normal de trabalho se mantém no mesmo ritmo anterior à paralisação. Muitos funcionários recebem chamadas ou são recolhidos pelo carro da empresa em suas casas após o encerramento do turno, forçados a retomar o trabalho na fábrica sob ameaça de perder o direito de receber a cesta básica “doada” pela empresa.

A “doação” de cesta básica é utilizada pela maioria das fábricas têxteis de Três Lagoas como método de “incentivo” à manutenção da ordem e disciplina exigida por meio do controle de frequência, mantendo o trabalhador em seus postos de trabalho além das oito horas de jornada diária.

Não obstante, para a implantação de “banco de horas” e redução no tempo do intervalo entre as jornadas de trabalho a empresa tem que fazer um acordo coletivo junto aos trabalhadores e seus representantes, segundo informações adquiridas na Federação, a *Nellitex* até o momento da paralisação não tinha efetuado nenhum acordo coletivo neste sentido, ou seja, o “banco de horas” desta empresa encontrava-se na mais pura ilegalidade.

Os acordos firmados mediante Convenção Coletiva de Trabalho⁹⁷ é ferramenta muito utilizada por empresas que tentam legalizar judicialmente a exploração a que submetem seus funcionários, mantendo o que John French chama de “*um certo cinismo*” no que se refere à lei, pra ele: “[...] no Brasil se reconhece francamente que há, na prática,

⁹⁶ Fábio César Barrios, depoimento citado.

⁹⁷ Art. 611. Convenção Coletiva de Trabalho é o acordo de caráter normativo, na qual dois ou mais sindicatos representativos de categorias econômicas e profissionais estipulam condições de trabalho aplicáveis no âmbito das respectivas representações, as relações individuais de trabalho. [BRASIL. *Constituição Federal Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária*. op. cit., 2003, p. 346] Restabelecida nos anos 1980, por força do progressivo aumento do poder de mobilização e de organização de trabalhadores. Segundo Marco Antonio de Oliveira, as convenções coletivas tinham o intuito de garantir uma negociação direta entre trabalhadores e patrões para diminuir os conflitos trabalhistas. Tal instrumento com o passar dos anos e com o enfraquecimento da atuação dos sindicatos, passou a ser mais utilizada para garantir os interesses de empregadores do que dos trabalhadores. OLIVEIRA, Marco Antônio. Tendências Recentes das negociações coletivas no Brasil. In: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. (orgs.) *Além da Fábrica: Trabalhadores, Sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003, p.272.

*uma lei para os poderosos e outra para os fracos, uma para os que têm amigos influentes e outra para os que não os têm”.*⁹⁸

Esta abertura na CLT para a celebração de convenção coletiva colabora para dar margem à manutenção da má utilização das normas que regem as relações de trabalho, favorecendo o patronato a fazerem uso de dispositivos “legais” para justificarem os abusos e maus tratos de vidas humanas que se encontram subjugadas aos seus propósitos.

Vejamos no artigo número 59 da CLT⁹⁹: “*A duração normal de trabalho poderá ser acrescida de horas suplementares, em número não excedente de 2 (duas) [horas], mediante acordo escrito entre empregador e empregado [...]*”. Aqui posicionamos o dispositivo que dará certa abertura para o patronato manter a elevação das horas de trabalho em suas empresas dentro da ordem estabelecida, em seqüência o § 2º, com redação determinada pela Medida Provisória número 2.164-41 de 2001, traz a idéia de representar parte das doutrinas estabelecidas para atender as aspirações neoliberais do capital em tempos de flexibilização:

*Poderá ser dispensado o acréscimo de salário se, **por força de acordo ou convenção coletiva de trabalho**, o excesso de horas em um dia for compensado pela correspondente diminuição em outro dia, de maneira que não exceda, no período máximo de 1 (um) ano, a soma das jornadas semanais de trabalho previstas, nem seja ultrapassado o limite máximo de 10 (dez) horas diárias.*¹⁰⁰

Infelizmente não é dessa forma que tais leis são interpretadas e incorporadas à vida cotidiana do trabalhador, como orienta John French: seria ingenuidade tentar tirar conclusões apenas a partir de simples leitura de um texto jurídico.¹⁰¹

É claro que o aparente conteúdo das leis poderia, e pode, ser enfraquecido pela sua não prescrição ou mesmo por interpretações jurídicas ou administrativas equivocadas. Ao analisarmos parte dos eventos que compõem o mundo do trabalho torna-se evidente que apesar de possuir um escopo amplo e supostamente inclusivo, na prática, a CLT, sempre que possível, é aplicada irregularmente.

Quem garante a participação do trabalhador na hora de serem redigidas as normas das convenções coletivas? Por certo, ele nem chega a tomar conhecimento da confecção de

⁹⁸ FRENCH, op. cit., 2002, p. 36.

⁹⁹ BRASIL. *Constituição Federal, Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária*. 2003, op. cit., p. 256.

¹⁰⁰ Ibidem. [grifo meu].

¹⁰¹ FRENCH, op. cit., 2002, p. 15.

tais documentos. Ficando restrita à participação no forjar destes documentos ao âmbito burocrático de empresas e, no caso de Três Lagoas, da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul, como mostra o texto do acordo coletivo firmado pela empresa Cortinas Córtex Ltda:

*ACORDO COLETIVO DE TRABALHO que entre si celebram, de um lado como empregador a Empresa Cortinas Córtex Ltda [...] neste ato representado pelos seus Diretores, srs. WALTIER GALASSI E ROBERTO JOSÉ FAE, residente e domiciliado em Americana/SP., e do outro lado representando os trabalhadores, a FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL., entidade sindical de 2º grau, com sede própria situada na Rua Ilhéus n. 10 – Bairro Jardim Monte Verde - Campo Grande/MS, neste ato representado pelo seu Presidente JOSE ROBERTO SILVA., tem entre si firmar o presente Acordo Coletivo de Trabalho.*¹⁰²

Percebe-se que neste acordo coletivo, o trabalhador é representado por uma instituição federativa, o que vem a diminuir as chances de uma relação mais próxima com seus filiados, e a empresa que busca celebrar tal acordo tem sede em outro Estado da União. Os representantes trabalhistas e os patrões apresentam-se distantes da realidade social da localidade em que pretendem fazer atuar tal acordo.

Dessa forma, o patrão torna-se sujeito abstrato e nem todos os trabalhadores atuantes na atividade produtiva fabril têm conhecimento da existência de uma federação destinada a representá-los, ou ao menos é do saber geral a existência de acordos que pretende operar alterando seu modo de vida enquanto agente social, no mais, segundo o artigo 612 da CLT:

*Os sindicatos só poderão celebrar Convenções ou Acordos Coletivos de Trabalho, **por deliberação de assembléia geral especialmente convocada para esse fim**, consoante o disposto nos seguintes estatutos, dependendo a validade da mesma do comparecimento e votação, em primeira convocação de 2/3 (dois terços) dos associados da entidade, se se tratar de Convenção, e dos interessados, no caso de Acordo, e, em segunda, de 1/3 (um terço) dos membros.*¹⁰³

Sem a participação do trabalhador em assembléia geral para tratar de interesses que reciprocamente também são seus, este acordo coletivo certamente é apenas um artifício

¹⁰² FEDERAÇÃO dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul; Cortinas Corttex Ltda. op. cit. [grifo do autor].

¹⁰³ BRASIL. *Constituição Federal Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária*. op. cit., 2003, p. 346. [grifo meu].

utilizado pela empresa para tentar formalizar suas atitudes de exploração de mão-de-obra em sua fábrica.

Em se tratando de negociações trabalhistas, os assuntos iniciam e encerram-se nos gabinetes e a portas fechadas; a correta formalização e execução de acordos coletivos, por certo, passam longe dos galpões de fábrica e a utilização deste documento está, muito provavelmente, restrita àqueles momentos em que as disputas trabalhistas alcançam os tribunais da Justiça do Trabalho.

Analisando alguns processos trabalhistas abertos junto à Justiça do Trabalho de Três Lagoas, com o intuito de avaliar os motivos das dissidências individuais em contestação as injustiças sofridas durante o tempo em que se mourejou nas fábricas, pode-se perceber que configuram entre o grande número de reclamações, como mostra a Tabela 01, quantidade representativa de pedidos de reavaliação das horas trabalhadas.

Tabela 01- Entradas com Reclamação Trabalhista junto a Justiça do Trabalho de Três Lagoas/MS – Reclamações de trabalhadores do setor têxtil 2003/2007.

Fábrica	Início Atividades	2003	2004	2005	2006	2007	Total/Empresa
Avanti Com. Imp. Exp. Ltda	2001	03	19	40	27	51	140
Córttex Ind. Têxtil Ltda	2000	18	71	63	80	59	291
Multibrasil Ind. Com. Ltda	1999	-	-	-	01	01	02
Nellitex Ind. Têxtil Ltda/MD8	2000	13	13	56	46	64	192
Comask Ind. Com. Ltda	2000	04	04	05	03	02	18
Sultan Ind. Com. Ltda	2004	-	01	04	18	09	32
Adar Ind. Com. Ltda	2002	02	-	09	28	42	81
Fatex	-	-	-	-	-	02	02
Fibrasil Ind. Com. Ltda	2003	-	-	01	02	04	07
Total geral	-	40	108	178	205	234	765

Fonte: 1ª e 2ª Vara do Trabalho de Três Lagoas, TRT/MS. Elaboração: W. A. Alves.¹⁰⁴

Izabel da Silva¹⁰⁵ é uma destas pessoas que conscientemente entrou com Reclamação Trabalhista pedindo que sejam reavaliados os seus haveres, achando por certo que não recebeu devidamente seus direitos. Segundo esta trabalhadora, sua jornada iniciava

¹⁰⁴ Os dados que compõem o número de dispensa de trabalhadores foram fornecidos pela 1ª e 2ª Vara do Trabalho de Três Lagoas. O ano de início de atividade das fábricas foram colhidos em matérias de jornais ou por meio de ligações telefônicas para o setor administrativo das fábricas.

¹⁰⁵ Izabel Fátima da Silva Santos, divorciada, labutou como costureira em máquina industrial durante pouco mais de um ano – entre o ano de 2002 e 2003 - na fábrica Cortinas Cortex Ltda. Efetuava costuras em cortinas, consertava defeitos e também executava outras tarefas a critério de seus superiores, foi demitida sem motivo aparente. BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24º Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 491/2004. Três Lagoas-MS, 11 mai. 2004, p. 02-08.

às cinco horas e cinquenta minutos e encerrava as atividades na fábrica às duas horas e dez minutos do dia, com apenas trinta minutos de intervalo para refeições, repetindo esse tempo de serviços prestados durante os dias da semana e duas vezes por mês também aos sábados.

Neste caso, a empresa apresenta documentos à Justiça do Trabalho comprovando duas convenções coletivas, prescritas no modelo discutido acima, uma para justificar a existência do “banco de horas” e outra para a diminuição do tempo de refeição de seus funcionários para meia hora, enquanto que a lei permite, segundo a CLT, que seja feito um intervalo intrajornadas de, no mínimo, uma hora, cabendo apenas ao Ministro do Trabalho e Emprego tal redução de intervalo.¹⁰⁶

A costureira afirma também que, ao entrar e sair da empresa passava seu crachá na máquina registradora de hora de trabalhos, mas não tinha acesso algum aos horários registrados, no final do mês era obrigada a assinar a folha de ponto conhecida como “espelho” sob pena de não receber pagamento. No mais, na sua admissão, assinou uma série de documentos sem ao menos tomar conhecimento do que estava assinando, estes documentos eram estabelecidos pelo patrão, não cabendo a trabalhadora o direito de opinar sobre quais as horas que melhor assentava em sua rotina diária, cabendo somente ao contratante decidir as regras do contrato.

Coagida a executar horas de trabalho a fio, ultrapassando o limite tolerado por lei e pelo organismo humano, tendo seu tempo de vida parcialmente usurpado pelo patrão que, enquanto proprietário dos meios de produção, leva ao estágio máximo a exploração das energias humanas, mantendo rigorosos métodos de apropriação do uso-econômico-do-tempo em seu favor.

E quando o trabalhador abate-se por fraqueza ou acidente, que também pode ser interpretado como consequência da fadiga por excesso de trabalho, este encontra pela frente somente o descaso, rechaçado do trabalho como impróprio para atender a demanda nas frentes de trabalho, sendo substituído por outro em melhores condições de dispor sua energia para girar as engrenagens das máquinas.

¹⁰⁶ Art. 71, § 3º. “O limite mínimo de uma hora para repouso ou refeição poderá ser reduzido por ato do Ministro do Trabalho [...]”. BRASIL. Constituição Federal Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária. op. cit., 2003, p 258.

Luciane de Barros¹⁰⁷ teve como motivo de sua demissão o fato de ter sofrido um acidente de trabalho durante o expediente, segundo relatou a Justiça do Trabalho, ao tentar rever parte dos direitos que lhe cabe e que ficaram de fora das verbas rescisórias quando de sua demissão. Ela diz que, no dia quinze de outubro de 2003, ao iniciar o trabalho por volta das seis horas da manhã, quando estava se dirigindo de uma sessão a outra da fábrica pisou em uma renda de cortina que estava no chão, levando-a a escorregar e cair, batendo fortemente a cabeça e as costas no chão.

Após notificar a empresa do ocorrido, foi aconselhada a retornar ao trabalho sob ameaça de demissão. Ao procurar auxílio médico, constatou-se que, ao cair, Luciane de Barros sofreu lesão na coluna. O empregador, ao tomar conhecimento do fato, se recusou a emitir o Comprovante de Acidente de Trabalho, somente lhe entregando os papéis necessários que permitem seu afastamento temporário do trabalho.

Ao completar noventa dias de afastamento para tratar da lesão na coluna, retomou o trabalho, após sete dias do retorno foi dispensada sem motivo aparente. Segundo consta nos autos do processo de Reclamação Trabalhista¹⁰⁸, ao comprovar o acidente de trabalho, o empregado tem direito a doze meses de estabilidade provisória, o que também não foi respeitado pelo patrão, motivo pelo qual a costureira Luciane de Barros busca que se façam reconhecidos seus direitos e que seja garantido o seu retorno ao trabalho.

A intensidade da exploração da força de trabalho nas fábricas, com a utilização de máquinas de grande tecnologia construídas para “girarem” dia e noite ininterruptamente, mancomunado com a extensibilidade da jornada de trabalho, é aplicado por um cálculo simples: em uma empresa que necessite um determinado número de pessoas para executarem determinada tarefa em oito horas de trabalho, resultando em um rendimento que já se apresenta rentável para o empreendedor, esse número é reelaborado para satisfazer ainda mais as expectativas de lucro, diminuindo a quantidade de mão-de-obra contratada em quase metade e estendendo as horas da jornada de trabalho.

¹⁰⁷ Luciane Alves de Barros, casada, atuou na função de costureira em máquina industrial e posteriormente como arrematadeira a serviço da *Cortinas Corttex Ltda*, fazia costuras e acabamentos em cortinas, também fazia limpeza no estabelecimento. Viveu a experiência de ser rejeitada no trabalho após um ano e dois meses de trabalho prestados, de setembro de 2002 a janeiro de 2003. BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24ª Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 516/2004. Três Lagoas-MS, 19 mai. 2004, p. 02-10.

¹⁰⁸ Ibidem.

Dessa forma, mantém-se determinado equilíbrio no rendimento da produtividade com gastos bem menores de despesas com contratações de mão-de-obra, elevando o poder econômico do industrial, proprietário dos meios de produção e, por conseguinte, tornando o trabalhador uma mercadoria mais barata e melhor aproveitada. Rebaixa-se grande número de homens e mulheres a uma condição de pobreza ilimitada, submetidos a verem suas vidas degradadas e suas saúdes ceifadas pela imposição do ritmo mecânico acelerado.

Evidencia-se a diminuição do intervalo de descanso, prolongação de jornada, trabalho em domingos e feriados; justificados por acordos e convenções coletivas, induzindo essa gente que labuta diariamente na fábrica a se aventurarem em uma batalha incessante contra o gigante do capital. O dia de trabalho na fábrica vem tornar-se algo imprevisível, sabe-se como começa o dia, mas não se sabe como ele terminará.

Fábio Barrios e Luciane de Barros, pessoas que sofreram algum tipo de lesão física no trabalho, experimentaram o desgosto de verem sua saúde evadir-se entre as engrenagens das máquinas em função da acelerada rotina de trabalho. Ele relata que o intervalo de refeição na rama, setor em que é executada a resinagem de tecido, é de meia hora, articulado em forma de revezamento, pois existem poucos homens trabalhando neste setor.

Sem saber informar a data certa, ele conta a sua trágica experiência:

*Esse acidente foi o seguinte, eu tinha passado do horário já, na época do banco de horas ainda, e tinha passado já do horário, e ele [seu encarregado] tinha pedido para eu ficar até às cinco da tarde, **tinha entrado as cinco da manhã e tinha que ficar até as cinco da tarde** [...] era meio dia para meio dia e meio, meio dia e quinze por aí, e o pessoal estava tudo almoçando [...] aí o pessoal foi almoçar e ficou eu lá [...].¹⁰⁹*

Até aqui se percebe a presença da aplicação dos métodos de “banco de horas” e de redução de intervalo intrajornada, o que já venho analisando anteriormente. O trabalhador já tomou conhecimento de que seu dia será potencialmente desperdiçado dentro da atividade laboral, o que é motivo suficiente para arruinar-lhe o espírito, restando apenas a conformação de que terá pela frente mais um dia de privação, seguindo o relato:

¹⁰⁹ Fábio César Barrios, depoimento citado.

[...] aí tem um pano que chama Tereza que segura o carrinho, ele firma o carrinho no chão para acarretar o tecido. Eu fui trocar o carretel do tecido e esse pano ficou, aí **conforme eu acionei a máquina pra rodar, pra começar a rodar o tecido, ela enrolou e levou o meu dedo junto**, aí os botões de emergência não são pertinho da gente como nas outras máquinas, são tudo longe. O cilindro lá é tão forte que ele puxou a minha mão que nem puxa o tecido e é super quente, ele comeu esse couro todinho aqui assim [pele do antebraço] **aí eu brigava com ela [a máquina] para não levar e ela querendo levar o meu braço inteiro**, eu olhava para o botão de emergência e não alcançava lá, porque é daqui na porta [uns dois metros de distância] minha mão puxando e o botão lá. Eu resolvi dar um chute lá com os dois pés, se eu errar eu caio no chão e deixo levar o meu braço de uma vez; aí eu chutei, chutei e errei o botão de emergência, quando eu errei o peso do meu corpo puxou o meu braço pra traz, pra me puxar, aí estava só a carne aqui assim. Aí me levaram lá, me tacaram no hospital, me deixaram na fila.¹¹⁰

Essa narrativa remeteu-me ao romance de Miguel de Cervantes e seu aguerrido Dom Quixote, na aventureira batalha contra os gigantes moinhos de vento. A sua pequenez em consonância com a sua bravura guiou-o em direção ao enfrentamento, contra aquelas máquinas gigantes: “*e se aviou contra o primeiro moinho que estava diante, e dando-lhe uma lançada na vela, o vento a volveu com tanta fúria, que fez a lança em pedaços, levando desastrosamente cavalo e cavaleiro, que foi rodando miseravelmente pelo campo afora*”.¹¹¹

Neste caso, a realidade não é diferente da ficção. De modo crucial, estes homens e mulheres que mourejam diariamente na atividade produtiva, têm nos galpões de fábrica o seu campo de Montiel¹¹², com seus gigantes transformados em máquinas, ou máquinas metamorfoseadas em gigantes; irrompendo em um enfrentamento diário, em uma batalha incessante contra a máquina para que ela não os leve: o “*braço inteiro*”, a saúde, a felicidade, a vida.

No mais literal significado da palavra, são as experiências destes homens e mulheres que trazem até nós as informações destes eventos, essa realidade oculta, vivida singularmente, que quase passam despercebidas por serem histórias de batalhas vividas por pessoas simples, por serem seus esses enfrentamentos contra os gigantes das fábricas, essas

¹¹⁰ Ibidem. [grifos meus].

¹¹¹ CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Nova Cultura, 2002, p. 59.

¹¹² Montiel é apresentado no romance de Miguel de Cervantes como distrito de La Mancha, região em que Dom Quixote inicia suas aventuras de cavaleiro andante. Ibidem, p. 35.

máquinas que segundo Karl Marx¹¹³: “[...] *produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador*”.

Diante das condições de apropriação ilícita das horas de trabalho, causadora de um dramático conflito sobre o tempo da atividade produtiva, e como o ordenado industrial é quase sempre insuficiente, um misto de negação e aceitação toma conta dos trabalhadores subjugados aos métodos de “banco de horas” e de diminuição do intervalo de descanso.

A “doação” de cestas básicas surge oportunamente, de forma localizada como meio de forçar a aceitação da disciplina imposta no regime fabril, e parte dos trabalhadores, por sua vez, se sente desmotivada a submeter-se a mais essa negociata com o patrão.

Em um primeiro momento, negam a execução dos acordos que o levará a ter uma “premiação” no final do mês. Infelizmente é também no final do mês que “as coisas apertam” em seus lares, e qual família de trabalhadores fabris não conhecem os momentos de privação, que mesmo em tempos normais de bom andamento da produção atingem suas casas. É neste sentido, de falso alívio da penúria, que, por vezes, se enquadrar nas normas especulativas da fábrica termina por ser um negócio tolerável para as famílias de assalariados.

Paulo Dias vê como vantagem receber cestas básicas como prêmio por participação nos resultados da produção. Ele, que é trabalhador qualificado ocupante de melhor cargo e recebendo mais por isso, termina por assumir o papel de colaborador objetiva e subjetivamente, para a conscientização do trabalhador de sua condição de explorado: “*Que nem a gente aqui, hoje se a gente atingir a produção que é de 92% a gente ganha duas cestas básicas né. Não é um benefício, é um incentivo*”.¹¹⁴

E tem aqueles que interpretam tal ato como puro desrespeito quanto à sua condição de vida e trabalho: “às vezes tem muita gente que fala assim [argumenta Paulo Dias]: ‘pô!

¹¹³ MARX, op. cit., 2004, p. 82.

¹¹⁴ Paulo Dias Jr. - 32 anos, casado, natural de Três Lagoas. É Encarregado de Produção na fábrica MP Tecidos, que fabrica tecidos de tacetel para confecção de roupas esportivas e uniformes. Trabalhou desde os quatorze anos como operador e fazendo manutenção de máquinas copiadora. Teve facilidade para assimilar o tempo da fábrica, está convencido de que o que tem hoje: uma casa, um carro e família (esposa e um filho); é consequência de sua disciplina rígida de trabalho, seja trabalhando aos sábados, domingos ou feriados; e a humildade e companheirismo são suas grandes virtudes. Começou a trabalhar em fábricas têxteis como técnico de tecelagem e na função de contra mestre, considera-se pioneiro na área técnica de tecelagem no Mato Grosso do Sul, por ter participado desde a montagem das máquinas com a chegada das fábricas de tecido na cidade em 2000. Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2007.

*os caras [que] fazem isso ai tá achando que eu estou passando fome’, às vezes tem gente que fala isso, às vezes tem funcionário que fala isso aí”.*¹¹⁵

O método de “premiação” com cestas básicas para funcionários que mantiverem a disciplina e o respeito às normas do uso-econômico-do-tempo atinge proporções exorbitantes, atitude leviana, rotineiramente praticada nas fábricas de tecido de Três Lagoas que, muitas vezes, recebem o aval da legislação trabalhista e da Federação.

Essas empresas fazem uso de poderes consolidados legalmente. Agindo com seu cinismo diante das leis, redigem os acordos coletivos de trabalho que irão compor parte do núcleo de ferramentas utilizadas para manter os privilégios e as práticas de apropriação e utilização do tempo como mecanismos de controle e disciplina do trabalho em suas fábricas.

Por conseguinte, o tempo de trabalho acaba por consumir e degenerar o tempo de vida do trabalhador, que pouco consegue perceber e organizar-se de forma a manter certa demarcação entre o tempo de trabalho e o tempo de vida fora da fábrica. A vida difícil que levam e os maus ganhos fazem com que o tempo livre seja freqüentemente gasto com outros empregos, como o caso de Fabio Teodoro dos Santos que além da labuta diária na fábrica ainda encontra forças para prestar serviços como ajudante de pedreiro na construção civil.

A cadência do trabalho na fábrica impõe certas regras e limites, forçando os trabalhadores a estarem de prontidão, prontos para atender o chamado da fábrica e “pegar no batente”, mesmo depois de encerrado o expediente ou em dias de folga. Surgindo, desse modo, certa regulamentação (des) regulamentada dos novos ritmos de trabalho, impondo outras jornadas, para além do tempo de trabalho prescrito nas normas que regem as leis de trabalho, e da capacidade de resistência tolerada pelo organismo humano.

1.4 Das condições de trabalho ao florescer da camaradagem

Segundo Simone Weil¹¹⁶, todos nós sofremos certa deformação decorrente de nossa vivência na atmosfera da sociedade capitalista. A idéia de exploração do trabalho, do

¹¹⁵ Ibidem.

dinheiro extorquido para aumentar o lucro do empreendedor capitalista, é quase a única que conseguimos expressar com clareza, porque os números são inteligíveis, ao passo que as coisas que não podem ser traduzidas em números exigem maior esforço de atenção.

Para a autora, e pensando os eventos aqui apresentados neste texto¹¹⁷, é mais fácil reclamar de um salário em atraso do que avaliar o sofrimento suportado no decorrer de uma jornada de trabalho, neste sentido, a questão de salário promove o esquecimento de outras reivindicações vitais.

O ato de reivindicar, de exigir benefícios, individuais ou coletivos, tem valor e significado diferenciado condizente com a singularidade do grupo ou sujeito que reivindica. Para trabalhadores que nunca tomaram frente nas negociações e reivindicações diante do patrão - que para ele possui forma abstrata, está ali diariamente como um espectro circulando por entre as zonas produtiva da fábrica, concebido na figura de um contra-mestre, de um encarregado ou gerente de produção etc. -, o ato de paralisação tem uma representatividade significativa na experiência de vida de cada uma dessas pessoas.

Para outros agentes, pertencentes a outras realidades, uma simples paralisação talvez não venha a ter o mesmo sentido e valor que para este grupo de trabalhadores sem lideranças formalizadas, sem nenhuma tradição em disputas trabalhistas. Recebendo como apoio somente um pouco de fraternidade e solidariedade dos companheiros de trabalho, em consideração recíproca da condição de vida em que se encontram.

Este momento da aprendizagem do enfrentamento, do “partir para o tudo ou nada”, tem seus valores vitais. A vida, por vezes, força pessoas a agirem em direção ao desconhecido. Ao partirem para a batalha diante da opulência do patrão, que em posição superior, em princípio, acaba por esmagar a tentativa de movimentação de seus oponentes, dando a entender que se tem como resultado apenas a derrota, humilhados frente ao poder

¹¹⁶ A autora em seu texto, apresentado em 1937 para um auditório de trabalhadores, faz um estudo crítico da racionalização das atividades produtivas, pontuando a fragilidade dos trabalhadores em tomarem parte na luta contra esse regime dramático criado por Taylor com o intuito de aumentar o ritmo de trabalho nas fábricas, sacrificando ainda mais vidas humanas em detrimento do lucro excessivo do capital. WEIL, Simone. A racionalização. In: BOSI, Ecléa (org.) *Simone Weil. A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 112-113.

¹¹⁷ Levo em consideração se tratar de realidades bem distintas que ofereceram respaldo empírico para que fossem tiradas tais conclusões. O meu trabalho tem como mote a realidade de trabalhadores que estão iniciando a vida como fabris, já em Simone Weil, trata-se de trabalhadores franceses que certamente vivenciaram o auge e a crise do liberalismo econômico na Europa, possuidores de expressiva tradição em organizações partidárias e reivindicações em massa.

do capital, mas não é só este “saldo negativo” que resulta da ação dessas pessoas após o enfrentamento.

Ao abandonar seu estado individual, enquanto mão-de-obra servil, e percebendo em si e em seus colegas de trabalho a urgência de atuação em decorrência do descaso sofrido dentro do ambiente fabril, outros sentimentos emergem dessa aproximação de forças, forjando novas percepções de camaradagem que vão além da necessidade de reunirem para barganhar o que lhes é de direito.

No que diz respeito às leis que regem as relações de trabalho, a aproximação, mesmo que sem alcançar formas institucionalizadas como clubes ou sindicatos, traz para essas pessoas novo significado em suas vidas. O que pode vir a ter valor expressivo, talvez o maior que podem vir a germinar dentro das relações de trabalho, que é o de solidariedade entre os trabalhadores.

Contudo, daquele momento, configurado entre os dias dezenove e vinte de novembro de 2007, em meio ao encontro com o patrão no portão de entrada da fábrica e o contato com “o pessoal da Federação”, muitos daqueles ali presentes, que circulam diariamente no espaço da atividade produtiva, antes não tinham percebido que as pessoas da fábrica poderiam ser mais que colegas de trabalho.

Esses dois dias foram conducentes para nutrir uma aproximação que viria a sedimentar uma nova percepção do universo social em construção. Entre a fábrica que emprega e essa gente que trabalha existe mais do que relações de trabalho, a percepção dos espaços que circundam o universo fabril e suas transformações, aos poucos vão sendo incorporados ao palco em que atuam esses agentes.

A casa passa aos poucos a ocupar um lugar que antes não lhe cabia. Os lares, a família, cedem espaços para outros elementos ocuparem o seu interior, espaços antes privados, tornam-se público por necessidade; a sala, o quintal, acolhe a gente da fábrica, e os assuntos da fábrica, por conseguinte, agregam-se aos assuntos da família:

Depois que a gente terminou no sindicato [diz Fábio Barrios] a gente se reuniu na casa de um amigo nosso e começamos a conversar sobre serviço, [se] melhora para um [ou para] outro depois. Um outro perguntou se arrumar [trabalho] lá em tal lugar você me põe lá que eu preciso também, se caso desse errado né, se caso fosse mandar [dispensar do trabalho] os ‘cabeças’ da paralisação ou o pessoal que estava na paralisação mesmo, e a hora a gente percebeu que a lei não era assim o que a gente

*pensava. A gente foi lá no Sindicato sem entendimento nenhum né, só atrás dos direitos da gente, a gente sabia o que a gente tem de direito e o que não tinha.*¹¹⁸

A interação entre os trabalhadores no local de residência de um companheiro de trabalho é apresentada como algo novo e acolhedor, o ato de se encontrarem para dialogar a respeito de suas vidas fora do espaço da fábrica é inconstante na rotina dessas pessoas¹¹⁹. Quando a necessidade vem colaborar para essa inflexão em seus costumes, enquanto trabalhadores fabris, agindo como mola essencial para apontar-lhes novos horizontes, para além dos espaços de trabalho, seus corpos e mentes passam a apreciar algo novo, sem estranhamento, conduzido com certo teor idílico, fraternal:

*Pensamos em... já que a gente não vai receber, a gente já está de frente com a braveza então vamos deixar a água rolar, então foi isso aí. Um pensou: 'olha bicho! Precisando lá eu tenho um saco de arroz pro amigo'; o outro: 'oh! Precisando lá...', Igual tinha rapaz que tinha criança recém nascida, aí o outro lá: 'oh! Bicho tem um berço lá que eu não uso', se não dá né... então, oferecia ajuda do jeito que podia um para o outro ali, e fomos bastante unidos. Eu nem imaginei que o pessoal, assim... Que, na hora como aquela ali ia ser tão unido daquele jeito. A gente foi muito consciente, a gente confiou na lei, a gente fez tudo que a lei mandou [...] E foi isso aí, a gente conversou bastante lá [na casa do companheiro], teve uns caras que clarearam bastante, tinha uns que falaram que tinham até casa própria, tinham a casa da mãe para eles morar [descontraindo com a sua própria condição], tinha aqueles, uns ou outros assim, que estavam mais preocupados que... com medo assim por saber que se perdesse lá, com uma carteira [de trabalho] sem dar baixa ia ter que se virar por aí com qualquer coisa.*¹²⁰

É significativo o momento do encontro na casa de um companheiro de trabalho, todos eles ali com a porta de suas vidas abertas, tomando conhecimento das privações uns dos outros, se esforçando para tentar amenizar o sofrimento daqueles mais atingidos pelo peso da depreciação patronal.

Naquela hora tumultuada com elevado grau de tensão, irrompe um expressivo estado de harmonia, todos reunidos para pensarem sobre sua condição de vida, não mais de maneira individual, solitária, e sim em grupo, solidários uns com os outros, consentidos de suas condições, reconhecendo-se enquanto grupo e conhecendo o responsável por fazer

¹¹⁸ Fábio César Barrios, depoimento citado.

¹¹⁹ Por morarem em bairros muito afastados uns dos outros, a maioria dos trabalhadores das fábricas têxteis de Três Lagoas se vê com dificuldades para construir uma relação fora do ambiente da fábrica. São inexpressivos os projeto imobiliários destinados a atender as expectativas socioeconômicas dos trabalhadores de baixa renda de Três Lagoas, ficando estes espalhados em bairros da periferia.

¹²⁰ Ibidem.

florescer, longe das metrópoles do mundo, tanto um mal antigo, idealizado historicamente pela opulência do capital, quanto o espírito de camaradagem, tão em baixa em tempos de flexibilização produtiva e neoliberalismo.

No bojo das contradições, ao articular teorias e experiências de vida - resultando em interpretações que apontam as fissuras existentes no seio do sistema capitalista moderno, responsável por operar a potencialização da produção em meio a uma sociedade fragmentada, com grupos sociais e suas peculiares existentes na urbanidade -, tanto a atitude de parte do grupo de trabalhadores da *Nellitex*, quanto àqueles outros agentes, prestadores de serviços a outras fábricas, conseguiram perceber os meandros que podem levá-los ao encontro de sua auto-afirmação, lutaram por seus direitos adquiridos e deram exemplo de que estão vivos e atentos para o enfrentamento.

É em meio a este cenário que se levanta em Três Lagoas, com fábricas e máquinas conduzindo parte da população a uma inflexão em seus modos de vida, que me detenho a analisar as operações concretas realizadas por agentes diversos em seu cotidiano, propondo colher os resíduos de um passado recente encerrados no interior de um processo de mudança ainda em andamento.

Não são somente as fábricas e máquinas - em parte responsáveis por esse processo de transição, que aparece no discurso hegemônico de parte da elite local como “desenvolvimento industrial de Três Lagoas” - que, em princípio, alimentam a minha curiosidade. O que compõe o cerne de minha análise são as transformações ocorridas nas práticas socioculturais desses homens e mulheres sujeitados a gastar grande parte de seu tempo de vida no interior das fábricas, no convívio com as máquinas.

Portanto, é a partir da fábrica que analiso as mudanças nos modos de vida dos sujeitos sociais. Procuro compreender um pouco mais os sentidos das aflições, que articuladas a outras sensações, costumam tomar o espírito da gente pobre que trabalha na fábrica e que, por vezes, vem a objetivar-se em comportamentos e hábitos da vida cotidiana.

CAPÍTULO II

HISTÓRIAS DE VIDA, O PASSADO E O PRESENTE COMO FORÇAS TRANSFORMADORAS NOS MODOS DE VIDA DE TRABALHADORES

*Às vezes, os homens agem
não por seus próprios interesses,
mas conforme as expectativas e valores
vinculados a um certo papel.
E.P. Thompson.¹²¹*

A constituição de união entre trabalhadores, em termos de interesses mais ou menos comuns e específicos em relação às outras classes ou grupos sociais, é apresentada mediante práticas que possibilitam a assimilação cotidiana em seus costumes, suas necessidades e aspirações em partes compartilhadas. Essa aproximação de trabalhadores leva-os a perceberem a necessidade de se organizar criando possibilidade de defesa de seus interesses comuns.

Por outro lado, a postura individual também é forjada no entrelaçar das ações dos agentes sociais, dotados de determinados valores que podem ultrapassar o círculo do coletivismo e da camaradagem, no que tange às intenções e aspirações no espaço de trabalho, assim como fora dele, o que vem a demonstrar a pluralidade de posturas existentes nas relações de produção.

Tais valores estão relacionados à constituição de saberes, adquiridos na esfera escolar, profissional, político e cultural; construídos anteriormente à sua inserção no mercado de trabalho fabril que, por sua vez, se funde com as novas informações adquiridas na fábrica vindo a nutrir formas de experiências que colaboram para a erupção de comportamentos sociais heterogêneos dentro das relações de trabalho.

Antes da chegada das primeiras fábricas em Três Lagoas, encontravam-se números representativos de jovens sem qualificação profissional, desempregados ou subempregados¹²². Quando iniciaram as contratações, por parte das empresas, as vagas de

¹²¹ THOMPSON, E. P. op. cit., 1997, p. 243.

¹²² O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul e o Ministério do Trabalho, com a ajuda da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Católica Dom Bosco e entidades educacionais, sindicais e

empregos foram sendo ocupadas por trabalhadores originários de famílias pertencentes a diferentes posições da escala social, assim como por trabalhadores qualificados que saíram de cidades com tradição fabril, acompanhando a migração das fábricas.

Isso permite a estruturação das relações de trabalho de forma variada, levando esses trabalhadores a seguirem percursos movidos por inspirações tanto comuns como singulares, fazendo com que viesse a ocorrer uma assimilação e distinção não somente entre empregados e patrões, mas também entre os grupos de trabalhadores.

Neste capítulo, pretendo fazer um exercício de análise e compreensão das diferentes estratégias de mobilização social individual e também outras ações coletivas existentes dentro das relações de trabalho na fábrica, tendo por base¹²³ vários componentes da história de vida e do *status* de cada agente, ou seja, estruturas familiares, condições de socialização e herança sócio-cultural recebida, experiências profissionais adquiridas em empregos anteriores, valores que certamente refletem-se na maneira em que vêm atuando os vários sujeitos sociais dentro desse curto espaço de tempo em que se processa a chegada das fábricas em Três Lagoas.

Ao propor discutir questões acerca de ações coletivas de trabalhadores, fez-se necessário pensar os trabalhadores como agentes capacitados a expressarem suas idéias por meio de práticas coletivas. Neste caso, objetivada na tentativa de fundação de um sindicato para atender aos trabalhadores da categoria têxtil.

O sindicalismo não é apresentado como objeto central do estudo, mas ele torna-se presente nas ações daqueles homens e mulheres que idealizando um universo de trabalho mais digno, se lançaram em busca de ferramentas que pudessem vir a colaborar para tornar realidade seus desejos de dias melhores.

outras instituições como SESI, SENAI, SESC, lançaram, em 1997, um programa de qualificação profissional utilizando recursos do Fundo de Assistência ao Trabalhador, com o intuito de qualificar setenta mil trabalhadores até o final de 1998, para melhor atender ao mercado de trabalho que vem se ampliando com a instalação de novas fábricas em todo o Estado. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 14 mar. 1997, p. 04.

¹²³ Para fazer a análise de determinados agentes em seu contexto socioeconômico e político, busco alguns instrumentos metodológicos no estudo desenvolvido pelos sociólogos Antonio Sérgio Guimarães, Michel Agier e Nadya Araújo Castro, que realizaram um excelente trabalho de investigação histórico social na Bahia dos anos 1970 e 1980, momento em que a cidade de Salvador foi marcada por profundas mudanças no mercado de trabalho e nas relações profissionais por força das instalações do Complexo Petroquímico de Camaçari. GUIMARÃES, Antonio Sérgio; AGIER, Michel; CASTRO Nadya Araújo. (orgs.) *Imagens e Identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec, 1995.

2.1 Entre vivências em grupo e aspirações singulares, o desejo de “vencer na vida”

Ao atentar-me para os desdobramentos que culminaram com a paralisação de pequeno vulto dos trabalhadores da empresa *Nellitex*, discutida no primeiro capítulo, pude perceber, entre aquelas pessoas que partiram para o enfrentamento contra a exploração patronal, a presença de operadores e auxiliares de produção, ficando de fora da ação outros trabalhadores. Ao buscar identificar aqueles que acharam por certo evitar aderir à paralisação, foi constatado que estes eram ocupantes de cargos técnicos, contramestres, mestres e encarregados de setores e pessoal do administrativo da fábrica.

Em um primeiro momento, achei tratar-se de pura apatia diante dos acontecimentos, uma simples negação dos interesses de colaboração mútua dentro da fábrica em detrimento de um individualismo acerbado. Ao me aproximar dos agentes, outras histórias foram emergindo, trazendo novos conteúdos de experiências de vida que deram respaldo para enriquecer a análise, para além da idéia de homogenia dentro do espaço fabril.

Roberto da Silva é trabalhador que achou por certo não participar da ação de paralisação da fábrica *Nellitex*, mesmo se vendo oprimido pelas ações da empresa, ele argumenta:

*Eu não participei assim, por exemplo, eu não fui no Ministério que eles foram, no rádio, isso aí eu não fui, eu só fiquei na empresa. Eu não participei porque eu conheço um pouco o sistema de Ministério do Trabalho, sindicato, isso aí eu já conheço porque eu já trabalhei em vários lugares então eu sei como funciona esse tipo de coisa, sabe?*¹²⁴

Ao posicionar-se como um reconhecedor da fragilidade de atuação das instituições destinadas a fiscalizar e atender às reivindicações trabalhistas, por certo o que esse trabalhador pretende é tentar, por meio de justificativa, evitar a possível interpretação de que naquele momento, foi desencorajado a agir, temendo partir para o enfrentamento diante das normas da fábrica e sofrer retaliações maiores, culminando com a possível perda do emprego.

Após o contato com a história de vida de Roberto da Silva, pude perceber que não é somente a situação precária no trabalho que impossibilita a ele se colocar em movimento,

¹²⁴ Roberto Ferreira da Silva, depoimento citado.

não se envolver com a paralisação, está relacionada a outras questões que apontam a sua característica de perceber as conjunturas de sua vida e de seu trabalho.

Roberto da Silva, migrante nordestino, tem como causa de sua vinda para Três Lagoas, primeiramente, a saída da condição de desemprego, depois de empregado galgou algumas posições dentro da fábrica - de Auxiliar de Expedição chegando a Mecânico de Produção. Dessa maneira, recebendo uma injeção de ânimo para buscar outras realizações pessoais que puderam lhe proporcionar melhores condições de vida e trabalho.

A melhora de cargo, mesmo sem refletir objetivamente melhores salários, é suficiente para alimentar nele o desejo de conquistar novos espaços sociais, passando a impressão de estar “subindo alguns degraus” na vida sócio-profissional. Essa expectativa de sucesso vem acompanhada da obrigação de não falhar, não somente diante das regras da fábrica, o que acarretaria a perda de credibilidade e talvez até o emprego; mas possivelmente, também, diante da família.

Casado, morando de favor na casa da sogra de seu irmão, tem como plano, primeiramente, tentar livrar-se da condição de morar de favor:

*Eu não almejo riqueza, dinheiro, essas coisas, eu acho assim, carro, moto, essas coisas é consequência [...] da vida. Tá certo que tem aquele ditado: 'quem tem dinheiro caga longe', com dinheiro tudo é mais fácil, 'você vale o que você tem', hoje em dia é assim você vale o que você tem, mas eu não almejo isso não, eu almejo assim ter uma casa própria, ter profissão, quer dizer profissão eu já tenho, mas quer dizer ter a minha casa, acabar meu curso de técnico em segurança de trabalho e se Deus me permitir que eu tenha um carrinho, e fazer a minha faculdade e criar meus filhos, educar meus filhos [...].*¹²⁵

O silêncio desprendido na ocasião em que outros colegas de trabalho partiram para o enfrentamento, pode ser interpretado como ato de covardia, apatia, fraqueza, traição diante do grupo, talvez. Foi negado apoio aos colegas de trabalho, mas foi na sua realidade fora da fábrica, nos desejos sonhados junto com sua jovem esposa que o fizeram recuar e aceitar sua condição.

Seria essa atitude considerada alheia aos interesses do grupo? Os seus elementos históricos, *subjetivos e individuais*¹²⁶, é que definiram seu papel social impedindo-o de atuar

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Antônio Gramsci, ao questionar o que é o homem, traz o seguinte argumento: “O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos -

objetivamente em direção a interesses comuns? Dentre as relações ativas a que se deteve, por certo, os anseios familiares se apresentaram prioritários, com a sua posição no trabalho representando parte de um projeto maior a atingir, ficando os anseios do grupo constituído no espaço de trabalho em um plano que não permite a ele desprender maiores esforços que venham a comprometer suas aspirações familiares.

É plausível de análise que, neste paradoxo em que se encontra Roberto da Silva, a relação familiar torna-se mais significativa que a relação existente no chão da fábrica. Permanecendo suas aspirações subjetivas à frente dos acontecimentos vividos no presente, cultivando a esperança de que as coisas venham caminhar em direção a uma vida melhor, menos dramática no futuro.

Por enquanto, uma coisa é segura: a efetivação no emprego e a profissão. Esse mecânico de produção preferiu contar com isso, mantendo determinado ceticismo em relação aos interesses comuns do grupo, e não se arriscar em disputas contra um adversário mais forte, que é o patrão. Diante disso, a incerteza de encontrar ou não apoio nas leis que regem as relações de trabalho no país, o que poderia vir a culminar em resultados pouco satisfatórios.

A autonomia no trabalho, as aspirações de crescer profissionalmente, a idéia de encontrar no trabalho algo mais que garantia de emprego, leva alguns sujeitos a se lançarem em uma intensa jornada de disputas em direção à superação profissional. Esses seguem engajados em torno dos interesses da empresa, acreditando com isso estarem seguindo no rumo certo em busca da possível realização pessoal de “vencer na vida”.

Sinvaldo de Souza, jovem trabalhador, nos seus vinte e oito anos de idade percorreu todos os estágios de classificação existentes em seu setor na fábrica, de Auxiliar de Produção até alcançar o cargo de Mestre de Fiação, que é função de gerência de produção. No quadro em que se delineia esse percurso trilhado, configura-se uma história de vida carregada de eventos, interpretados por ele como exemplo de superação.

Filho de camponês, veio para a cidade ainda criança, seus pais trocaram a vida na fazenda pela cidade por força da necessidade de se ver livre do julgo *absenteísta* do patrão. Segundo os dizeres de seu pai sobre o trabalho no campo como empregado: “[...]

objetivos ou materiais - com os quais o indivíduo está em relação ativa. Transformando o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo”. GRAMSCI, op. cit., 1981, p. 07.

*trabalhando em fazenda você é muito confinado, porque o patrão é que lidera a administração da fazenda, então o patrão ele fica dentro da cidade, ele vai uma vez por mês e dá as ordens para você e você obedece”, enquanto que na cidade o leque de expectativas de vida se expande: “você estando em um lugar em que está influenciado por várias pessoas, a toda hora você está aprendendo uma coisa [...]”.*¹²⁷

A vinda para a cidade é vista como libertação do confinamento supostamente existente no meio rural, contrastando com os espaços de novas oportunidades citadinas. Ir para a cidade e continuar ligado ao campo somente pelo trabalho, saída que seus pais encontraram para tentar dar oportunidades para seus filhos seguirem por outros caminhos na vida profissional: “[...] ele não queria isso pros filhos dele, eu vi que tive muito apoio dos meus irmãos, do meu pai, minha mãe, pra quê? Não que eu erre igual a eles, mas para que eu não estacione onde que eu estou”.¹²⁸

Mesmo morando na cidade, seu pai continuou ligado ao campo pelo trabalho, trocando apenas de função, antes “lidando com gado” em fazendas particulares. Após a mudança para a cidade passou a “tocar roça” como meeiro, conseguindo desta maneira, segundo seus pais, criar os filhos conforme a instrução da cidade.

Os pais de Sinvaldo de Souza ajudaram na formação das cinco filhas, ficando apenas o filho mais novo sem completar os estudos até o nível superior. Mas esse filho, influenciado pelo ensinamento paterno, buscou seguir os exemplos de superação da família, vendo no trabalho mais que garantia de efetivação no mercado de trabalho formal:

Trabalhar para ter um emprego, não! Era sempre assim, a gente sempre conversávamos para trabalhar para conquistar o nosso espaço, o reconhecimento de nosso esforço, você entendeu? Então isso foi assim, pra mim foi uma geração de pai, irmã mais velha, de pai para filho também, que muitos desses conselhos ele me falou, tanto pai quanto mãe, então isso aí foi... Deixa a gente com a mente mais aberta, não só naquela função que a gente está, mais sim a gente buscar novos desafios que a gente tem dentro de nosso local de trabalho. Buscar o lado positivo, o lado do

¹²⁷ Sinvaldo de Souza - 28 anos, solteiro, natural de Três Lagoas. Passou parte de sua infância morando no campo, trabalhou no comércio e com vinte anos iniciou seu trabalho na *Nellitex* ocupando a função de Auxiliar de Produção no setor de produção de fios de tecido (Fiação), em oito anos de trabalho chegou a Mestre Têxtil, em um período em que a fábrica estava (e ainda está) passando por crise financeira. Trabalha diariamente das sete horas da manhã às sete horas da noite, sendo responsável pelo setor de fiação da fábrica, rotineiramente estende sua jornada até a meia noite, outras vezes é chamado de madrugada para atender a produção, condicionando quase todas as suas horas do dia em detrimento dos interesses da fábrica. Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2008. [grifo meu].

¹²⁸ Ibidem.

*profissionalismo [...] Então vejo que eu acertei, digamos assim, então eu acho que valeu a pena essa troca, essa nova oportunidade esse novo esforço, esse novo desafio que eu busquei pra mim mesmo, isso junto com conversa com meus irmãos, junto com conversa com meus pais, que foi o quê? Abrindo mais a minha cabeça de não só trabalhar... Trabalhar... Trabalhar; não! Trabalhar se profissionalizar e procurar crescer.*¹²⁹

Esse trabalhador, então, envida esforços totalmente pautados em comportamentos semelhantes ao modelo da lógica imposta pela reestruturação produtiva, com suas técnicas de organização do trabalho e da produção exigindo um trabalhador com qualidades individuais. Ele segue um percurso que atente para a configuração de um profissional capaz de manter grande interesse, motivação, responsabilidade profissional, procurando sempre buscar novas formas de capacitação, participando ativamente da vida na fábrica. Atributos que Ismael Gilio¹³⁰ vê como essenciais para a formação de um profissional apto para atender aos anseios do capitalismo neoliberal.

Para o autor, ao avaliar as prerrogativas da formação do profissional globalizado, além de habilidades cognitivas e conhecimento das técnicas da produção em maquinários de última geração, passam a ser valorizados atributos comportamentais e traços de personalidade. Como exemplo disto Ismael Gilio cita: “*responsabilidade, facilidade de relacionamento, interesse em aprender, iniciativa, calma, estabilidade emocional, dinamismo e organização no trabalho*”.¹³¹

Esses valores, condizentes com a promoção da dinâmica das fábricas, inseridos na ideologia da reestruturação produtiva, que exigem de seus “colaboradores” valores que se apresentam inseridos em suas novas bases técnicas e formas de gestão sob o signo da *noção de competência*¹³², são apresentados no discurso de Sinvaldo de Souza como forma correta

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Ismael Gilio avalia o crescimento econômico do Brasil como um crescimento com alta concentração de renda e desigualdade social, herança que se tem tentado reparar em tempos de reestruturação produtiva, estando a formação dos trabalhadores configurada como um problema estrutural de responsabilidade tanto do Estado como da Iniciativa privada. Para este autor a importância da educação em nenhuma época foi tão importante como agora. O processo de reestruturação produtiva e organizacional que no Brasil irrompe de maneira efetiva a partir dos anos 1990, convive com uma estrutura curricular de educação básica e de formação profissional que foram definidas nos anos 1970. GILIO, Ismael. *Trabalho e educação: Formação profissional e mercado de trabalho*, São Paulo: Nobel, 2000.

¹³¹ Ibidem. p. 68.

¹³² Em Roberto Leme Batista temos: “[...] a noção de competência é uma redefinição da qualificação profissional, no complexo de reestruturação produtiva, capaz de promover um rompimento entre as exigências de qualificação que se volta para os postos de trabalho onde imperava a rotina e a monotonia e o aprendizado

de atuar, assumindo o papel de agente sujeitado aos interesses do capitalismo, aceitando a sua posição no interior das relações de produção:

*Primeiro conhecimento, segundo você trabalhar dentro de seu grau de profissionalismo [...] então a gente também desde o início queira ou não, pra tudo que é uma nova oportunidade a gente é manipulável através de qualquer órgão, que seja um jornal, que seja rádio, que seja televisão [...] a gente somos como aprendizes na realidade, então assim, cabe a alguns que estão até hoje pelo esforço, pelo conhecimento, pela camisa que vestiu dentro da empresa, que ajudou e ao mesmo tempo até saiu beneficiado em cima de isso aí. [...] muitas pessoas também que hoje desconheço estão beneficiadas por isso daí, e tende o quê? Tudo agradecer.*¹³³

O bombardeio de informações oferecidas pelos meios de comunicação, legitimadora do discurso hegemônico de *progresso*, que é ferramenta para a manutenção da cultura dominante¹³⁴, aponta o trabalho como importante estágio da vida e da dignidade humana.

Neste sentido, tais instituições colaboram para redimensionar e estruturar a filosofia do “profissionalismo prudente” de Sinvaldo de Souza, oferecendo a ele postura para assumir sua condição de totalmente enquadrado e em perfeita sintonia com o sistema capitalista manipulador, distraíndo-se em meio à objetivação do papel de protagonista com “posição confortável” na hierarquia fabril. Mas, diga-se de passagem, reprimindo parte de suas pulsões naturais¹³⁵ em detrimento da manutenção dos resultados da produtividade fabril.

profissional ‘para toda a vida’. A noção de competência impõe novas exigências de conhecimentos ao trabalhador, que deve preparar-se – segundo seus ideólogos – inclusive para mudar de profissão várias vezes ao longo da vida [...] A noção de competência é uma forma funcionalista com que o capital arquiteta a participação manipulatória do trabalho – polivalente e multifuncional – capturando sua subjetividade, levando ao extremo a alienação e o estranhamento do indivíduo e o fetichismo social. BATISTA, op. cit., 2003, p.159.

¹³³ Sinvaldo de Souza, depoimento citado. [grifos meus].

¹³⁴ Pierre Bourdieu em sua segunda síntese sobre os sistemas simbólicos como estruturas estruturantes, faz a seguinte colocação: “As diferentes classes e frações de classe estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais”, sobre essa questão o autor conclui em nota: “As tomadas de posição ideológicas dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar *dentro* da classe e *fora* da classe a crença na legitimidade da dominação da classe. BOURDIEU, op. cit., 2005, p. 11. [grifos do autor]

¹³⁵ Gilberto Dumas, ao se ater no estudo crítico que propõe desconstruir o discurso hegemônico de progresso, utiliza Herbert Marcuse para responder a seguinte indagação: seria o progresso técnico a condição necessária a maior liberdade e felicidade do homem? No argumento de Marcuse encontra-se o pressuposto de que no tradicional conceito de progresso o trabalho havia se tornado conteúdo essencial da vida. Já no novo conceito de progresso, palavras como: paz, satisfação, realização e felicidade passaram a ser subordinado, deixando de representar finalidades em si mesmas. Sendo o ser humano formado de razão e pulsão, estando a razão como princípio de renúncia e a liberdade definida em relação à coação das pulsões e dos sentidos como transcendência que, por sua vez, é essencial a liberdade, ficando a liberdade representada como um fim em si,

Baseando-se na idéia de iniciativa individual, mas com capacidade de atuar em equipe em favor da produção, é para ele o motivo que abriu as portas das oportunidades na fábrica:

Pra mim tornou um hábito em cima disso daí, não querer saber da vida pessoal da pessoa lá fora, mas sim sempre estar conversando com elas que você vê como que está a mente dessa pessoa, porque você dialogando, seja uma piadinha ou alguma coisa que você faça dentro do setor, você sabe se a pessoa está satisfeita ou não, você consegue, queira ou não, arrancar isso dela [...] é até uma experiência legal da gente ficar buscando no dia a dia pra saber como que anda o companheirismo, como é que anda os funcionários dentro da seção.¹³⁶

Agindo com um espírito de companheirismo, mas um companheirismo limitado ao interior das relações produtivas, sem se importar com a vida particular dos colegas de trabalho, negando dirigir sua atenção para as questões geradas fora dos portões da fábrica, trabalhando em equipe sim, mas no que tange aos hábitos de organização do espaço fabril.

Nesse sentido, Sinvaldo de Souza percebe que as suas mobilizações frente à linha de produção foram bem vistas pelos seus superiores, sua comunicação junto ao pessoal da fábrica, sua experiência de liderança, como jeito singular de trabalhar. Destacando entre os outros, permitindo a sua ascensão, mas para galgar tal ascensão outros empregos tiveram que ser condenados, mas tudo em proveito da cadência mecânica da atividade produtiva:

A gente simplesmente mostra o profissionalismo, como eu disse, mas no mesmo tempo como a gente ganha o mérito, perde um companheiro de serviço [...] a gente recebe o prêmio, mas ciente que perdeu um companheiro de serviço, e às vezes até essa pessoa que a gente perdeu, esse companheirismo que perdeu lá dentro, essa comunicação. Às vezes a gente até aprendeu alguma coisa com essa pessoa.¹³⁷

O espaço da fábrica passa a ser percebido como uma arena onde se disputam jogos, com vencedores e perdedores, para se receber os louros da vitória outros tiveram que ser derrotados, o que aparenta ser um pouco doloroso, uma “vitória infeliz”. Mas recebido como ciclo natural do percurso de vida no seio das relações de produção, e estar

do mesmo modo que a produtividade é um fim em si. Dissociada da satisfação, a liberdade termina por tornar-se liberdade infeliz. Busca-se a liberdade em consonância com o enquadramento das regras e leis morais burguesa, sufocando as pulsações naturais do homem, tomando forma de um fardo pesado a ser carregado. DUPAS, op. cit., 2006, p. 74-75.

¹³⁶ Sinvaldo de Souza, depoimento citado.

¹³⁷ Ibidem.

substancialmente amparado nessas horas pode fazer a diferença, garantindo bons resultados.

Atuando como operador na fábrica, a influência paterna funde-se com a experiência de trabalho, emergindo em seu quadro de inspirações a figura de seu gerente, modelo profissional a ser seguido: “[...] foi uma pessoa que me empregou ali dentro da empresa, então eu ouvi as palavras dele, colhi e procurei me aperfeiçoar cada vez mais [...] eu me espelhava muito no que meu gerente falava [...]”.¹³⁸

A utilização da imagem de um sujeito mais bem posicionado na escala profissional como exemplo de superação é presente entre trabalhadores que tendem a buscar percorrer o caminho da carreira profissional na fábrica. Paulo Dias, que atua em fábricas há oito anos, ocupando a função de Encarregado de Produção em uma fábrica de pequeno porte, já passou por outros empregos e teve na figura de seu primeiro supervisor, de sobrenome Soléra, o grande exemplo a ser seguido.

Criado somente por sua mãe, também faz essa articulação entre as orientações dada pela família e as proporcionadas no interior da fábrica:

*A gente vem de família pobre, a única riqueza mesmo, que nem no meu caso, que a minha mãe pode me dar, por várias vezes ela me disse: ‘olha Junior a única riqueza que eu posso te dar é a educação, é você estudar e trabalhar, ser honesto certo! Ir lá e fazer o seu trabalho direitinho seja o que for, se tiver que trabalhar dia e noite vai’, então assim sobre essa questão de trabalho eu acho que pra muitos é necessário.*¹³⁹

Já no trabalho, a orientação que teve foi no sentido de dedicação à empresa, seguindo um modelo de competência cravado na idéia de ser parte do processo, de parceria: se há dedicação e se você se torna pessoa útil para o processo de produção, a empresa ganha e você também ganha; trazendo certa ilusão de estar participando, tomando como aceitável a exploração a que está sujeitado.

Essa é parte da cartilha do trabalhador padrão que foi lida para Paulo Dias por seu superior, que para ele passou a representar um pai, com “palavras maduras” a serem ouvidas, atingindo com seus conselhos pontos em que o papel materno não podia alcançar. Em seu relato reproduz parte do diálogo que teve por vezes com Soléra, uma história com certo grau de intensidade, essencial para percebermos parte do processo de como é forjado

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ Paulo Dias Jr., depoimento citado.

o diálogo entre o aprendiz inexperiente e o mestre conhecedor das trilhas a serem seguidas para se alcançar sucesso profissional:

*No meu caso tudo é devido ao Soléra, então sempre o que ele falava sobre essa questão de estar trabalhando, quanto mais tempo você ficar dentro da empresa e se realmente você é útil mais a empresa ela vai ganhar por isso aí, e você também, por quê? Porque com o seu salário você pode dar uma coisa melhor para sua família, esposa. Então, essa melhoria é assim, eu me espelhei foi em cima disso que o Soléra disse: ‘olha Paulo a vida que eu tenho é assim, eu sou um funcionário qualquer mas eu posso dar um certo conforto para a minha família’, **então eu me espelhei muito em que esse Soléra disse, e em cima disso eu tenho outros companheiros meu que se espelham em cima de mim**, as vezes o cara entra na fábrica, o cara tem um bicicletinha velha, o cara vem todo dia ali, ‘não, meu, tem que trabalhar, faz um consórcio’, quando o cara compra uma motinha eu fico feliz pelo fato de saber que ele está conseguindo conquistar aquilo que ele está querendo.¹⁴⁰*

Paulo Dias demonstra que as orientações recebidas são repassadas para frente, em uma corrente de disseminação de formas de comportamento, forjando o perfil de trabalhador que interessa para a empresa, com maior interesse em atuar entre as fileiras da linha de produção. Influenciado pelo seu supervisor, ele tende a absorver a idéia de que é a partir do trabalho árduo e disciplinar que poderá se tornar um “vencedor”, por conseguinte, tornando-se também exemplo a ser seguido, ocupando o papel simbólico de difusor dos valores que nutrem a vida para o trabalho na fábrica.

Ao instigar o desejo de “prosperar na vida” em alguns trabalhadores, imprime-se neles a idéia de que o esforço e a dedicação ao trabalho têm como retorno várias conquistas, por vezes objetivadas na posse de bens materiais. Logo, tais valores podem ser espalhados com maior precisão dentro do cenário fabril, levando a entender que mesmo sendo pequenino diante da opulência do patrão, o valor de sua dedicação irá ser recompensada com alguns benefícios:

Igual no meu caso [explana Paulo Dias] quando eu entrei lá na fábrica, quando eu comprei o meu primeiro terreno, o Soléra que era o meu encarregado, nossa! Ficou feliz e falou: ‘olha, Paulo é isso aí que eu quero, hoje você está comprando esse terreno, amanhã eu quero ver você construindo, depois de amanhã eu quero ver você com o seu carro, quero ver você com a sua família, porque é isso que a gente tem que buscar’.¹⁴¹

¹⁴⁰ Ibidem. [grifo meu].

¹⁴¹ Ibidem.

Nota-se na escala de bens materiais a serem conquistados: a necessidade de possuir uma casa, a aquisição de um carro e por fim a constituição da família; anseios que atingem os indivíduos enquanto consumidores, independente de seu poder aquisitivo e da capacidade de realização completa desse desejo. Portanto, fácil de ser incutido no espírito de um simples trabalhador fabril assalariado, espalhando-se com sucesso em meio às fileiras da produção, atingindo parte dos que labutam no chão de fábrica.

Paulo Dias, em princípio não entendeu muito bem o sentido das orientações recebidas, tendo dificuldade para assimilar o teor dos argumentos substanciais para moldar seu espírito no sentido de valorização do ganho monetário. Na perspectiva de que colaborando com o sistema da fábrica, respeitando a hierarquia e os princípios da economia liberal, terá maiores chances de avançar posições tanto na pirâmide profissional, galgando melhores cargos, como na social, aumentando seu poder de consumo e prestígio entre o grupo ao qual pertence:

*Como eu estou falando pra você sobre essa questão de cultura, mas isso é coisa minha, então ele a primeira vez que virou assim pra mim e falou: 'Paulo você tem que ser mais ambicioso'; aí eu falei: 'olha Soléra, ambicioso! Isso aí é ruim pô! Vou ser ambicioso, minha mãe não me ensinou isso aí não, isso aí é ruim!'; ele: 'não Paulo espera aí, **ambição é uma coisa, ganância é outra**, o que você está dizendo é a ganância tem uma diferença grande, tem uma diferença grande dependendo do ponto de vista, o que é você ter uma ambição, é você ter uma vontade de ter uma coisa melhor [...] essa vontade se chama ambição. Ambição, Paulo é aquilo que você conquista pelo seu esforço próprio sem ter que passar por cima de ninguém, sem derrubar ninguém, sem matar nem roubar, ganância aí não, você ser ganancioso, o cara vem se arruma com o diabo para ter o que tem, passa por cima de quem for, esse é o ganancioso, agora você ter ambição de dar uma coisa melhor pra sua família'; então assim, teve esse fato e eu aprendi.*¹⁴²

A educação para a vida, formada no seio de uma família simples traz a orientação de que a vida apresenta-se rude para pessoas desprovidas de certo poder aquisitivo, empenhados a lutarem com motivação a todo o tempo, com a força de trabalho representando sua maior virtude. Neste sentido, segundo os preceitos de sua mãe, se faz necessário trabalhar muito, se possível de dia e de noite para tornar-se homem digno e não perecer na miséria. Essa orientação materna, em princípio, vem chocar-se com as novas

¹⁴² Ibidem. [grifos meus].

aprendizagens adquiridas na fábrica, criando um pouco de estranhamento e dificuldade de abstrair os conselhos de seu supervisor.

Por esse motivo é utilizada uma linguagem figurada, jogando com as palavras para tentar promover a conscientização da disputa política entre os agentes atuantes na linha de produção. Os termos: *ambição* e *ganância*; são expostos de forma *eufemizada*, para suavizar a ilustração pedagógica do papel do trabalhador dentro do modelo capitalista. Por este viés, tentando aliviar a consciência contra os sentimentos adquiridos e enraizados em uma tradição familiar, que tem como legado padrões de comportamentos diferenciados daquele exigido pelo universo fabril.

Buscando em Silveira Bueno, temos, por um lado: “*AMBIÇÃO, desejo veemente de poder, glória, riqueza, etc; aspiração imoderada; pretensão; cobiça*”¹⁴³, por outro: “*GANÂNCIA: ambição, usura, avareza*”¹⁴⁴. Estando falsamente inculcada na palavra *ambição* códigos de virtude aceitos socialmente, e na palavra *ganância* simplesmente seu verdadeiro sentido, que é o sentido próprio de ambas as palavras.

Soléra utiliza desses mecanismos lingüísticos para passar aos aspirantes a líder de setor na fábrica a impressão de que agem conforme os princípios morais da existência humana. No mais, tem-se nessa escola a formação de novos regentes da cadência produtiva, amparados ideologicamente para manter sólida a base de sustentação dos sistemas de idéias capitalista.

Confiante de estar a fazer o certo, Paulo Dias, ao apreciar toda a ostentação promovida pelo poder de consumo de bens materiais, redimensiona seus passos em direção a busca de conforto objetivo. Por conseguinte, ao adentrar outros espaços que tende a transformar seu próprio universo social, ele desfaz de parte de seus *sentidos das realidades*¹⁴⁵, e se desvincilha de determinados valores adquiridos no seio da família, da comunidade; em detrimento da assimilação de novos valores, alimentados pelo desejo de posse, da sensação de se ter prestígio entre os muitos desprestigiados.

¹⁴³ BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*, São Paulo: FTD, 1996, p. 46. [grifo do autor].

¹⁴⁴ Ibidem, p. 317. [grifo do autor].

¹⁴⁵ Em Pierre Bourdieu, sentidos das realidades correspondem a uma representação explícita da posição ocupada na estrutura social e dos interesses coletivos que lhes são correlatos. BOURDIEU, op cit., 2005, p. 141.

Assim, Paulo Dias, como muitos outros jovens trabalhadores passam a receber informações e assimilar determinados valores, que tendem a ajustá-los ao movimento que dita a cadência no interior das relações de produção. Isso favorece a formação de um *senso comum* no chão da fábrica, modelando parte significativa dos que ali pelejam, diminuindo à resistência frente à disciplina regida pelas engrenagens das máquinas.

Pierre Bourdieu, pensando o mundo social em forma de um espaço e suas várias dimensões, fundamentados na base dos princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades atuantes no universo social considerado, aponta:

*Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas **posições relativas** neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer numa região determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço – mesmo que tal seja concebível. Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se construir este espaço são propriedades atuantes, ele pode ser também descrito como campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis as intenções dos agentes individuais ou mesmo às interações directas entre os agentes¹⁴⁶.*

Os trabalhadores que se encontram em estágio de formação de liderança, terminam por fazer o percurso de oscilação entre o grupo do qual fazem parte e o outro grupo do qual se aliam pela posição no ofício, submetendo-se ao papel de “homem de confiança”. A posição de liderança ocupada no seio do grupo faz com que surja um tipo de aproximação formal para com a administração e direção da fábrica, sem que seja permitido romper com o grupo do qual se encontra sujeitado pela sua existência enquanto trabalhador.

Essa questão é bastante tematizada pelos formadores de novos aliados na administração das linhas de produção, não deixando que “os de baixo” se sintam excessivamente confortáveis junto “aos de cima”, o que pode levar à desestabilização das relações de harmonia existentes na linha de produção. Sinvaldo de Souza compreende bem a importância de manter sobriamente sua posição no interior da atividade produtiva:

Eu não me dirijo tanto ao patrão, você entendeu? Porque a gente não se envolve junto a eles, a gente se envolve junto dentro da empresa, o gerente da empresa, os envolvidos no nível de produção ali dentro, os patrões já se isolam [...] pessoas que... Não que estão longe de você, mas assim, que você... A única pessoa que você tem que

¹⁴⁶ Ibidem, p. 134. [grifo do autor].

buscar suporte para que você tenha que ir e voltar é o gerente, mas o degrau que você está, lógico, a gente está um cargo acima, mas vamos colocar um degrau acima, mas você está a dez do gerente, mas na hora que você precisa do suporte, busca o gerente e volta para o mesmo degrau que você está, não fica querendo ficar junto com ele lá e distanciar do pessoal que sempre está te apoiando que é quem? Os operadores que está ali em escala de produção junto com você. Se você não produzir junto com eles se não tiver o companheirismo junto com eles e não produzir, você vai ser desmerecido daquilo dali.¹⁴⁷

A aproximação para com os intuitos patronais é feita em um estado de ir e vir constante. Busca-se uma forma de relação política com os patrões a fim de solidificar o seu papel na empresa, e por outro lado, procura-se manter certo “companheirismo” para com os operadores na certeza de que é da linha de produção que saem os pontos ganhos que poderão ser revertidos em prêmios, como, por exemplo, uma mudança de cargo ou somente a aquisição da confiança do patrão, revestida no signo de possuidor de “cargo de confiança”.

2.2 A existência de aspirações coletivas em meio ao individualismo no trabalho

O despertar do desejo de “se dar bem”, simbolizado por maiores salários e melhores cargos, em uma ocasião em que o seguimento industrial emerge na cidade, vem construindo um ambiente de disputas bastante claro entre alguns trabalhadores. Mas nem todos aqueles homens e mulheres inseridos nesse panorama seguem por essas trilhas, os modos de pensar e de agir dentro do universo de trabalho não se apresentam uniformes, formas plurais de relações e comportamentos é que movimentam o dia-a-dia na fábrica.

Entre os trabalhadores recrutados para atender à linha de produção nas fábricas de tecidos, era comum a presença de pessoas que vieram de outras cidades, em sua maioria daquelas de origem das fábricas, contratados para ocuparem cargos técnicos, administrativos, de instrutores de formação de mão-de-obra, etc.

Entre os migrantes encontramos Cláudio de Saul¹⁴⁸, trabalhador com experiência no que tange às relações de trabalho existentes no chão da fábrica e também da vivência no

¹⁴⁷ Sinvaldo de Souza, depoimento citado.

¹⁴⁸ Cláudio Antônio de Saul - 45 anos, casado, natural de Aparecida do Oeste, SP. Durante treze anos atuou como operador de fiação em fábricas têxteis de Americana-SP, cidade de origem da maioria das fábricas têxteis instaladas em Três Lagoas. Trabalhou três anos na *Avanti* ocupando a função de Encarregado de

seio do universo social construído fora de seus portões. Sua vinda para Três Lagoas foi a convite do gerente de produção Sérgio Bastos, que também veio de Americana no interior de São Paulo para trabalhar na empresa *Avanti Comércio Importação e Exportação Ltda*¹⁴⁹, que na ocasião procurava profissionais experientes para atuar em sua nova filial.

Ao iniciar suas atividades como encarregado de produção, Cláudio de Saul começa a se sentir sufocado e inseguro com algumas situações por ele vividas em seu novo emprego:

*[...] chegando aqui a indústria estava em fase de início, tinha poucas máquinas, encontrando assim uma certa dificuldade porque pelo fato de a empresa estar começando não existia uma estrutura inteira ainda, faltava ônibus, faltava pro pessoal ir trabalhar, faltava restaurante na empresa, o que a quem estava acostumado lá em Americana, sindicato então, ninguém fala em sindicato em Três Lagoas.*¹⁵⁰

A diferença de realidade existente no interior das relações de trabalho, vivenciada em seus anos de experiência em fábricas é a primeira questão que desperta a sua intenção de procurar organizar os trabalhadores para reivindicarem por melhorias. Em um segundo momento, o que lhe tocou foi o perfil dos trabalhadores a ele subordinado:

*Eu fiquei três anos trabalhando nessa empresa em contato com as pessoas [argumenta Cláudio de Saul], com os trabalhadores, encontrei aqui uma grande diferença na questão de educação, fato este que me deixou bastante empolgado pra fundar este sindicato em Três Lagoas, por quê? Porque aqui a média do empregado era de dezoito, dezenove, vinte, vinte e um anos até vinte e cinco anos; lá em Americana já eram senhores de sessenta, quarenta e cinco, cinquenta anos, entendeu? Então, eu peguei aqui um pessoal assim todo de colegial, pessoal de faculdade ingressando na indústria, só que não tinham experiência de fábrica, é diferente, não tinham experiência de fábrica.*¹⁵¹

A juventude e a falta de experiência em relação ao trabalho fabril é encarada por Cláudio de Saul como fator que, a princípio, pode dificultar a esses jovens trabalhadores conseguirem perceber a condição de trabalho a que estão expostos, e, por conseguinte,

Produção, antes de ser dispensado por motivo de seu envolvimento com a tentativa de fundação do Sindicato de Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de Três Lagoas-MS. Entrevista realizada no dia 06 de maio de 2007.

¹⁴⁹ Utilizarei a denominação *fabrica* ou empresa *Avanti*, quando for me referir a *Avanti Comércio Importação Exportação Ltda*, pois em certos momentos me refiro a fábrica propriamente dita e em outras ao *Grupo Avanti*.

¹⁵⁰ Cláudio Antonio de Saul, entrevista realizada no dia 06 de maio de 2007.

¹⁵¹ Cláudio Antonio de Saul, depoimento citado.

torna-se obstáculo no percurso de sedimentação do trabalho fabril como parte do corpo de suas práticas e representações.

Isso não quer dizer que esses trabalhadores estão sujeito a um limite intransponível, entre a inexperiência e a construção de certa consciência social e de trabalho fabril, pois se trata de relações dinâmicas em intenso estado de transformação, de maneira alguma estática e linear. Como ele mesmo evidencia ao considerar de grande valor o grau de escolaridade desses mesmos trabalhadores, apontando como algo que vem a somar, no que tange a fácil assimilação acerca do que é e o que não é importante para garantir melhora para suas vidas.

Ao propor ocupar a função de Encarregado de Produção atuando em meio a trabalhadores fabris dotados de pouco conhecimento do que é o trabalho na fábrica, Cláudio de Saul também assumiu o papel de formador de novos trabalhadores destinados a atender aos interesses do patrão. Mas o seu histórico de vida e trabalho vai dificultar a sua assimilação do método de tratamento, que segue o modelo *moralista mercantilista*¹⁵², pela qual foi orientado a dispensar aos trabalhadores por regras da fábrica¹⁵³, forçando-o redimensionar seus propósitos enquanto liderança na fábrica.

Entre as questões que irá intrigá-lo está a inferioridade salarial dos trabalhadores três lagoense em relação aos trabalhadores de Americana: “[...] *quando era operador em Americana ganhava mil reais por mês, na época. Aqui o trabalhador ganhava trezentos e cinqüenta, e faz o mesmo serviço que eu fazia*”.¹⁵⁴

Cláudio de Saul, por ter vindo para Três Lagoas ocupando cargo de encarregado, aparentemente, não consegue se desvencilhar de seu passado como operador. Ao mesmo

¹⁵² O que os moralistas mercantilistas do século XVIII disseram sobre o fato dos ingleses pobres não reagirem aos incentivos e as disciplinas, segundo E. P. Thompson, é freqüentemente repetido por teóricos do crescimento econômico, a respeito dos povos de países em desenvolvimento na época atual. E. P. THOMPSON, op. cit., 1998, p. 299. [É nessa perspectiva que segue as interpretações de alguns empregadores a respeito do perfil de seus contratados em Três Lagoas].

¹⁵³ Segundo Cláudio de Saul, a orientação que teve a respeito dos trabalhadores três lagoense foi de que os trabalhadores “*somente bebem tereré e planta mandioca*”, não querendo saber de trabalhar. Mas em sua percepção o que ocorria era falta de orientação, uma adequação do trabalhador na indústria. No mais, a produção sempre passava dos números estipulados mensalmente, aumentando a responsabilidade do trabalhador sem que a diretoria da fábrica retribuísse tal esforço, mantendo baixos salários e exigindo excesso de rigidez no tratamento com os trabalhadores, indo do fornecimento de marmitas estragadas a dispensa de trabalhador pego comendo pão fora do horário de refeição. Cláudio Antônio de Saul, depoimento citado.

¹⁵⁴ Ibidem.

tempo em que é o chefe responsável pela produção, para ele, a condição de empregado encontra-se muito presente:

*[...] eu tinha um cargo de confiança na empresa, tinha acesso à diretoria, aí comecei a falar com o gerente, e ele prometer, e a indústria começou a aumentar as máquinas, os maquinários [...] a produção era muito além do plano, nós combinávamos assim: vamos produzir esse mês cem mil toneladas, sempre passava, sempre além do estipulado [...] então começou a surgir aí essa idéia de sindicalismo, por quê? **A gente pedia... pedia, a gente prometia... prometia e só aumentava a responsabilidade do trabalhador e não cumpria com o combinado, o mês que vem melhora, o outro mês melhora, o mês que vem melhora e esses trabalhadores começaram a pressionar quem, os encarregados porque é o contato deles né, como já disse as pessoas aqui não tinham experiência de fábrica, mas também não são bobos não, eles sabem do que precisam!***¹⁵⁵

O encarregado é também trabalhador assalariado, e não consegue perder de vista essa realidade, terminando por achar-se em posição delicada, ficando inserido em meio a uma convergência de interesses: “a gente pedia... pedia”, aqui o Cláudio de Saul é empregado; “a gente prometia... prometia”, aqui ele representa a fábrica.

Trazendo valores adquiridos enraizados em sua história de vida, ao deparar com a realidade experimentada nas fábricas de Três Lagoas, acaba por sensibilizar-se com a situação dos trabalhadores locais, não conseguindo se distanciar dos problemas vividos por seus subordinados no seio da atividade produtiva e nem em suas realidades existentes no âmbito da vida privada.

Foram treze anos de trabalho como operador em fábricas, compreendendo o final dos anos 1980 entrando nos anos 1990, período em que segundo Ismael Gilio¹⁵⁶, ao avaliar a crise brasileira dos anos de 1980, aponta ser configurado no Brasil, em meio ao processo de tentativa de modernização econômica e abertura comercial, a tentativa de aplicação de um modelo de desenvolvimento que tentava contemplar crescimento econômico e promoção social.

Cláudio Salvadori Dedecca¹⁵⁷ conclui essa tese ao afirmar que nos anos 1990 as expectativas encontravam-se voltadas para a consolidação de um estado de bem-estar social, que não veio a tornar-se realidade. Com isso ocorreu o empobrecimento geral e o

¹⁵⁵ Ibidem.[grifos meus].

¹⁵⁶ GILIO, op. cit., 2000, p. 21.

¹⁵⁷ DEDECCA, op. cit., 2003, p.110-139.

crescimento diferenciado de renda dos ocupados. No mais, a promessa de retomada do crescimento econômico foi cumprida, configurando nos anos 1990 um período de estabilidade com desigualdade.

Em seu relato, Cláudio de Saul demonstra satisfação e orgulho de seu passado como operador de fiação, o que certamente lhe passava a impressão de segurança e conforto: *“era uma coisa assim muito... muito... muito voltada na parte social do trabalhador [...] todos os trabalhadores tinham esse amparo, na questão de qualidade de vida”*.¹⁵⁸

Considerando que esteve empregado como operador em uma fábrica multinacional compreendendo um período que abrange parte dos anos 1980 e 1990, posso supor que ele esteve entre aqueles trabalhadores que foram privilegiados com esse crescimento econômico e que, de longe, é uma situação menos dramática que a realidade contemporânea do trabalho fabril em Três Lagoas.

Fica evidente, também, a existência de uma ligação quase nostálgica entre o seu passado e seu presente, ele traz em sua memória lembranças desses anos em que atuou como operador de fiação em Americana, e isso se torna incentivador na esperança de ver as “coisas engrenarem” em sua nova realidade:

*E na questão de ir trabalhar, você ia trabalhar como se fosse passear, ia limpinho chegava lá tinha armário certinho, você tomava seu banho na hora de vir embora, vestia sua roupa limpa e deixava sua roupa de trabalho lá na empresa era um negócio muito bem organizado, isso na minha época, eu acredito que hoje continua assim. Enquanto que aqui em Três Lagoas, não tem esse amparo ao trabalhador, até porque está se iniciando né, por que? Porque falta talvez a questão da cobrança do sindicato, da organização dos trabalhadores, se organizar e reivindicar, porque enquanto isso não acontecer o empregador não vai tirar a bel prazer do bolso e te dar, se tem o direito você tem que cobrar o direito, e pra você cobrar, é um desequilíbrio muito grande entre o trabalhador e o empregador, se você não se organizar pra mais ao menos se equilibrar você não vai conseguir nunca né, é o que eles não querem deixar aqui em Três Lagoas, que a gente se organize e equipare a eles pra poder reivindicar.*¹⁵⁹

Para Cláudio de Saul, a atuação sindical em Americana é o grande exemplo a ser seguido: sindicato atuante marcando presença, com um empresariado consciente que sabe dos direitos do trabalhador; isso conquistado por força da organização dos trabalhadores.

¹⁵⁸ Cláudio Antonio de Saul, depoimento citado.

¹⁵⁹ Ibidem.

Ao transitar entre a memória de seu passado como Operador de Fiação e seu presente como Encarregado de Produção, passa então a idealizar um futuro como líder sindical, procurando sedimentar seu presente com alicerces rígidos trazidos em seu imaginário como quem supostamente viveu em um passado abundante.

Desse modo, filtrando em seu relato o que deve ser lembrado e dito, fornecendo a memória o *status* de gênese de uma aspiração para poder justificar e dar credibilidade para a sua atuação no presente, isso pode levar à conclusão de que, o que se pratica em seu presente é fruto de um desejo de dar seqüência a uma suposta história de vida bem vivida e harmoniosa.

A idéia de um sindicato atuante está muito presente em seu relato, as conquistas adquiridas com o apoio dessa instituição a que se refere em seu passado foram: empréstimo para a construção de casas, convênio médico hospitalar, campo de futebol no pátio da fábrica, parque para crianças e festas envolvendo toda a família em dias comemorativos como dia das crianças e natal.

Nota-se que, para ele, a atuação sindical está totalmente relacionada a questões assistencialistas, a sua preocupação com a realidade dos trabalhadores trêslagoense segue também nessa linha. A falta de um pouco de bem-estar social para ele e seus companheiros de trabalho é encarada como uma desqualificação do profissional, acreditando na possibilidade de que é por meio da organização sindical que poderá suprir essa carência existente na realidade fabril trêslagoense.

Ao retomar os anos que foram base para a construção das experiências rememoradas por Cláudio de Saul, me deparei com o estudo realizado em 1981 por professores e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Metodista de Piracicaba, este estudo versa sobre o sindicalismo no interior do Estado de São Paulo nos anos de 1978-1980, envolvendo uma fábrica metalúrgica de Piracicaba e a Fibra S.A., fábrica têxtil de Americana.

Após uma leitura quantitativa apresentada nesse estudo, apontando a presença de quase cinquenta por cento de mulheres e crianças trabalhando na fábrica têxtil de Americana¹⁶⁰, chega-se a seguinte conclusão: “*Tais constatações podem constituir alguns*

¹⁶⁰ Não pretendo com esse apontamento fazer distinção de gênero no trabalho para projetar uma imagem de desqualificação da história do sindicalismo têxtil de Americana. Mas não posso desconsiderar, buscando aqui apoio em Ricardo Antunes, que a utilização de mão-de-obra feminina e infantil está fortemente ligado a

dos elementos explicativos no que se refere a pouca organização e ao relativo atraso dos operários têxteis, que não avançam além da simples visão assistencialista quanto à atuação do sindicato.”¹⁶¹

Em meio a esse universo que Cláudio de Saul recebeu as primeiras informações que forjará a sua experiência enquanto trabalhador fabril, e que no ano de 2004 tentará socializar, tais valores vividos e socialmente experimentados, com os colegas de trabalho dentro dos galpões das fábricas têxteis de Três Lagoas, procurando proporcionar maior segurança, melhores condições de vida e trabalho tanto para ele quanto para seus subordinados.

Convencido de que é esse o seu papel verdadeiro dentro do cenário que se levanta, Cláudio de Saul não consegue visualizar a intensidade do embate que irá causar, com sua intenção de organização dos trabalhadores. Junto à perspectiva formada por parte da elite hegemônica quanto à movimentação em suas fábricas, suas ações e de seus companheiros ecoará como tentativa de criar uma rasura no contrato firmado entre os diferentes sujeitos e instituições, presentes no interior do cenário fabril estabelecido em Três Lagoas.

Um dos pontos conducentes do incentivo à migração de fábricas foi justamente a inexistência de sindicato ou qualquer tipo de associação de trabalhadores em fábrica, como mostra o documento redigido pelo empresário João Batista Gonçalves¹⁶²: “(a) *Grande Oferta de mão de Obra*; (b) *Ótimas condições de formação de Mão de obras (Sesi-Senai-*

desregulamentação e precarização do trabalho, colocando principalmente a mulher em setores mais elementares da atividade produtiva, lembrando também que os sindicatos tendem a excluir a participação feminina em suas frentes o que certamente colabora para a formalização de um sindicato menos combativo se comparado com aqueles de categorias onde o trabalho especializado possibilita – ou possibilitou – um maior grau de mobilização. ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do Trabalho, Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005. 101-117.

¹⁶¹ O estudo apresenta 21,7% de menores 24,6% de crianças atuando na fábrica Fibra S.A. CADERNOS do Mestrado. *O movimento sindical no interior: o caso dos trabalhadores têxteis e metalúrgicos* (1978-1980). Série “história do Trabalho”, n. 01, Piracicaba, SP: ed. Unimep, 1984, p. 16.

¹⁶² João Batista Gonçalves é empresário do ramo de hotelaria, ex-delegado da Secretaria da Fazenda Estadual é pessoa interessada no desenvolvimento econômico de Três Lagoas e possui grande influência no meio político local. Redigiu o documento que circulou em gabinetes de representantes municipais e instituições como a Associação Comercial e Industrial de Três Lagoas, orientando parte dos representantes da elite hegemônica local, a utilizarem como propaganda, a divulgação dos incentivos destinados a atrair investimentos para a cidade.

Senac); (c) *Custos abaixo dos grandes centros e livre da pressão asfixiante dos sindicatos*”.¹⁶³

A inexistência de agremiações, clubes ou sindicatos é parte das vantagens oferecidas aos empreendedores que instalaram suas fábricas nesta cidade. Já para determinados trabalhadores essa realidade é preocupante, ainda mais aqueles trabalhadores como Cláudio de Saul, que vêm de um ambiente em que a presença de sindicato, mesmo que com atuação precária, representa ainda um pouco de garantia e segurança no trabalho.

O sociólogo Adalberto Moreira Cardoso, ao avaliar os dados de pesquisas realizadas no Brasil entre 1996 e 2001¹⁶⁴, que visam à mensuração da insegurança que é decorrente da flexibilização global dos padrões de uso do trabalho, busca responder a seguinte questão: “[...] *pertencer a um sindicato tem alguma influência na percepção dos trabalhadores a respeito de sua segurança socioeconômica, e no acesso efetivo a medidas materiais dessa segurança?*”¹⁶⁵. Partindo de uma hipótese geral que sustenta serem os filiados a sindicato pertencentes à economia formal, podendo-se esperar que a filiação seja indicador de acesso a medidas de segurança econômica, não necessariamente indicando disposição para ação política.

Ao percorrer os dados, em um primeiro momento, conclui-se que aparentemente os trabalhadores sindicalizados se sentem mais seguros por trabalhar no setor formal da economia. Em um segundo, acredita-se que a filiação sindical é parte importante na configuração das relações formais de trabalho. Mas seu efeito *independente* no acesso a direitos trabalhistas é *residual*, pois, o seu reconhecimento – dos direitos trabalhistas - por

¹⁶³ GONSALVES, J. Batista. *Sugestão faz*. Documento que apresenta propostas a aplicação de estratégias de *marketing* para a implantação de um parque industrial em Três Lagoas endereçado a Associação Comercial, a Prefeitura Municipal de Três Lagoas e outros órgãos competentes do Município. (Secretaria de Indústria e Comércio). [1997 ou 1998]. Paginação irregular.[grifo meu].

¹⁶⁴ Pesquisa Mensal de Emprego – PME, realizada em 1996 em seis regiões metropolitanas do Brasil, e a pesquisa de nome *People’s Security Surveys* – PSS, realizada pela Organização Internacional do Trabalho – OIT, em que o Brasil tomou parte na pesquisa em 2001. Torna-se inviável a utilização dos resultados da mensuração estatística apresentadas, em forma de tabelas, no decorrer do texto de Adalberto Cardoso. Ficamos aqui apenas com uma pequena fração desse estudo, o que neste momento é considerável para complementar minhas análises. CARDOSO, Adalberto Moreira. Os Sindicatos e Segurança Socioeconômica no Brasil. In: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). *Além da Fábrica: trabalhadores, sindicato e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003.

¹⁶⁵ Para Adalberto Moreira Cardoso: “[...] *por insegurança socioeconômica entende-se a perda de garantias formais ou consuetudinárias de manutenção de padrões de vida, ou mesmo de expectativas quanto ao futuro, decorrentes da crescente fragilidade dos vínculos que conectam, de um lado, indivíduos e famílias e, de outro, as fontes de obtenção de meios de vida*”. Ibidem, p.228-229.

empregadores não está garantido prioritariamente. O autor termina seu artigo apontando que de fato a sindicalização é indicador de segurança no emprego.¹⁶⁶

Neste sentido, a experiência sindical assistencialista juntamente com a procura de segurança e estabilidade no emprego, por força da sensação de insegurança e fragilidade presente no seio das relações de trabalho em Três Lagoas, pode ser encarada como forças movedoras da inflexão dada por Cláudio de Saul em seus propósitos. Ao invés de executar apenas as tarefas destinadas a atender a realização da atividade produtiva, esse encarregado de produção, juntamente com alguns companheiros de trabalho, delineia sua atenção em direção aos trabalhadores.

Cláudio de Saul percebe a necessidade de orientar os trabalhadores da importância de se organizarem por meio de entidade sindical que, possivelmente, possibilita a obtenção de atributos que sustente e favoreça a conquista de maiores espaços no interior das relações de produção, capacitando-os a atuarem em unidade, melhor definindo as posições dentro da fábrica, gerando um estado de maior ordenação em sua rotina diária, diminuindo as tensões nos espaços da fábrica.

Ao divulgar a idéia de formar um grupo com capacidade de assentar o alicerce de organização de trabalhadores por meio da fundação de um sindicato, entre tantas dificuldades encontradas por Cláudio de Saul e seus companheiros, a maior foi tentar convencer os colegas de trabalho de que é por meio de organização no trabalho que poderão conseguir diminuir os efeitos da exploração a que estão sujeitos.

Clayton Oliveira Acunha, atuou como parceiro nas articulações entre os trabalhadores, faz a seguinte declaração:

*A gente procurou o melhor para o empregado também. Na época a gente fez uma fundação do sindicato que foi muito criticada tanto pelos trabalhadores que trabalhavam junto com nós na empresa como outros também, nem a própria diretoria da empresa aceitava isso [...].*¹⁶⁷

¹⁶⁶ Ibidem, p. 228-270.

¹⁶⁷ Clayton Oliveira Acunha - 37 anos, solteiro, natural de Três Lagoas. Trabalhou como Operador de Máquina na fábrica *Avanti* durante quatro anos e meio, hoje atua como Auxiliar Administrativo na Metalfrio Solution S.A. Esteve envolvido na tentativa de fundação do Sindicato. Segundo seu depoimento, ele foi a pessoa que deu a idéia a Cláudio de Saul para levar adiante a fundação do Sindicato. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2008. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2008.

O fato de a empresa não aceitar que seus funcionários se movimentassem em direção à tentativa de organização sindical, obrigou aqueles trabalhadores a trabalhar em segredo, longe dos olhos da diretoria da fábrica: *“A gente conversou com o pessoal do Ministério do Trabalho, acertamos todas as situações e passamos a convidar os trabalhadores, isso tudo ‘na surdina’ pra ter que não deixar vazar nenhuma informação pra diretoria [da fábrica]”*¹⁶⁸

Essa atitude, de tentar manter suas ações fora do ângulo de visão da diretoria da empresa, terminou por fazer surgir certa desconfiança entre os colegas de trabalho. Jorge Vieira é um desses trabalhadores que achou por certo negar-se a participar do movimento de organização dos trabalhadores:

*Quando abriu o sindicato eu não me envolvi, não por questões ‘ah! Eu estava defendendo a empresa, ah! Eu estava defendendo o trabalhador’, porque até então eu não tinha conhecimento do que estava acontecendo, esse que foi o problema. Às vezes se tivesse tido a comunicação do que estava acontecendo, o que ia ser feito, estar transmitindo sem ter medo, porque não é uma coisa errada você querer abrir um sindicato para favorecer quem realmente precisa. Lógico, que seja de forma justa. E acho que fazer uma coisa assim muito por traz dos panos, acaba as pessoas achando que você está querendo se favorecer nas costas dos outros.*¹⁶⁹

A falta de um mínimo de conhecimento do papel desempenhado pelo sindicato, aliado a dúvida diante das intenções de seus idealizadores, cria um ambiente não só de apatia contra a fundação do Sindicato, mas também leva alguns trabalhadores a partirem para a prática do boicote:

*Aconteceram vários atritos [aponta Jorge Vieira] porque eles iam fazer reuniões e algumas pessoas da empresa que eram contra o Sindicato acabavam indo às reuniões e boicotando as reuniões. Aconteceram vários acontecimentos porque muitas pessoas achavam que eles estavam querendo só favorecer a eles mesmos e o sindicato, acabava indo para boicotar esse sindicato, achando que poderiam ser prejudicados com isso, porque de certa formas um sindicato mal gerenciado acaba prejudicando mesmo um funcionário, o trabalhador.*¹⁷⁰

¹⁶⁸ Ibidem.

¹⁶⁹ Jorge Henrique Vieira - 24 anos, solteiro, natural de Três Lagoas. Trabalha na fábrica *Avanti* há seis anos, hoje ocupa a função de Analista de Laboratório Têxtil. Criado pela mãe e avó, tem duas irmãs; de família humilde, não vê como penoso o trabalho na fábrica e acredita ser este ambiente propício para o aprendizado e crescimento profissional. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008.

¹⁷⁰ Ibidem.

Esse boicote às ações dos trabalhadores intencionados a participarem na fundação do Sindicato, era objetivado em práticas de delação à empresa dos temas discutidos nas reuniões ou a identificação dos possíveis participantes.

Os trabalhadores que não participaram ativamente da proposta de sindicalização terminaram por atuar em sentido contrário, boicotar, nesse caso, era sinônimo de ligação com os interesses do patrão. Suponho que os funcionários que se posicionaram contrários à ação de fundação do sindicato possuem o perfil daqueles que apresentamos no início do capítulo, ou seja, são possuidores de interesses individuais e almejam fazer carreira na fábrica.

Para boa parte dos trabalhadores, o único discurso dirigido a eles por seus superiores era formulado em torno da falsa idéia de colaboração. O trabalho na fábrica segue a lógica do aparato ideológico capitalista, o que dificulta o entendimento, para aqueles que se posicionaram alheios ao ideário de organização dos trabalhadores, o que levam alguns trabalhadores a tecerem críticas no sentido de apontar que se houvessem maior elucidação sobre o que vem a ser o Sindicato, agindo abertamente e não “por traz dos panos”, as coisas teriam tomado rumo menos dramático.

O fato de terem trabalhado de maneira menos exposta, talvez esteja ligado ao receio ou mesmo medo da reação patronal, o comportamento patronal de dominação e controle frente a posição ocupada por seus funcionários no interior da fábrica é do conhecimento de trabalhadores um pouco mais experientes. Evitar que as coisas fossem feitas “às claras” trouxe uma maior expectativa quanto à tentativa de levar adiante seus ideais, favorecendo, ao menos, a saída do projeto do âmbito da abstração.

A partir da ocasião em que é formada a Comissão Pró-Fundação do Sindicato, da divulgação junto à imprensa da convocação de trabalhadores para participarem da assembléia geral de aprovação da entidade¹⁷¹, é que será descortinado de modo inteligível o real papel a ser desempenhado pelos personagens envolvidos na trama que vem sendo tecida em Três Lagoas.

¹⁷¹ CLASSIFICADOS. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 08 mai. 2004, p. 01; CLASSIFICADOS. *O Correio do Estado*, Campo Grande, 08 mai. 2004, p. 05.

2.3 Tentativa de organização dos trabalhadores das fábricas têxteis de Três Lagoas e a reação coercitiva do patronato

No dia 23 de maio do ano de 2004, reuniram-se alguns trabalhadores das indústrias têxteis para a assembléia geral extraordinária de aprovação da fundação do “Sindicato dos trabalhadores nas indústrias têxteis, calçados, confecções, papel, plástico, vidros, vestuários e afins do município de Três Lagoas-MS”¹⁷², à frente do grupo estava os encarregados de produção da fábrica *Avanti*, Cláudio de Saul e Francisco Silvestre.

O objetivo da reunião era deliberar sobre a fundação do Sindicato, a nomeação e posse da diretoria e aprovação de seu estatuto. Os trabalhadores presentes na ocasião aprovaram-na por aclamação e por unanimidade, dando-se por composto o grupo que supostamente tomariam frente nas negociações trabalhistas junto ao patronato.¹⁷³

Alguns dias após a assembléia de fundação do Sindicato, a empresa *Avanti* entrou com um pedido de liminar junto ao Poder Judiciário solicitando o cancelamento da entidade sindical, alegando que:

*[...] a formação do Sindicato requerido se deu de forma ilegal, uma vez que é impossível a constituição de um sindicato que proteja os interesses e a defesa de categorias tão heterogêneas, diversas e diferentes; que, além disso, os membros eleitos para a formação do sindicato requerido são exclusivamente de uma empresa.*¹⁷⁴

Por esse viés a empresa vem requerer a suspensão dos atos de fundação do Sindicato, argumentando que o mesmo traz em sua nomenclatura interesses de categorias econômicas diversas, tais como: têxteis, confecção, papel, plástico, vidro, calçados, vestuários e afins; fugindo das similitudes ou vínculos econômicos.

Por conseguinte, conforme o Termo de Conclusão do Poder Judiciário de Mato Grosso do Sul, a justificativa da empresa alegando que a maioria dos membros eleitos do Sindicato pertencem a seu quadro de funcionários - Cláudio de Saul e Francisco Silvestre juntamente com mais sete trabalhadores são funcionários desta fábrica e membros da

¹⁷² Denominarei *Sindicato* quando for fazer referência ao “Sindicato dos trabalhadores nas indústrias têxteis, calçados, confecções, papel, plástico, vidros, vestuários e afins do município de Três Lagoas-MS”, por força da extensão de sua nomenclatura.

¹⁷³ Ata da assembléia geral extraordinária de fundação do Sindicato dos trabalhadores nas indústrias têxteis, calçados, confecções, papel, plástico, vidros, vestuários e afins do município de Três Lagoas-MS, de posse da diretoria e aprovação do estatuto do sindicato. Três Lagoas-MS, 23 de maio de 2004, não paginado.

¹⁷⁴ PODER Judiciário de Mato Grosso do Sul - Comarca de Três Lagoas-MS. *Termo de Conclusão*. Três Lagoas-MS, 01 jun. 2004, p.01.

diretoria do Sindicato - não vem a representar nenhuma forma de obstáculo para a consolidação da fundação do sindicato, considerando que: “[...] a carta constitucional dá plena liberdade aos filiados votarem e serem votados para a organização sindical, não havendo proibição dos dirigentes eleitos serem da mesma empresa”.¹⁷⁵

Mesmo com os trabalhadores utilizando esse argumento em sua defesa, o poder judiciário, em sua interpretação acerca do caso em tela, entende que deve ser concedida a liminar que suspende o ato de fundação do Sindicato em face da ilegal heterogenia de categorias, suspendendo a eventual expedição da Carta Sindical até o julgamento do caso.

A liminar suspendendo o ato de fundação do Sindicato abre uma fenda nas regras desse jogo jurídico, possibilitando ao empregador conduzir a passos largos a sua total hegemonia no interior das relações de trabalho. Sem a estabilidade empregatícia garantida pela Justiça do Trabalho aos membros em face de candidatura ou eleitos do Sindicato¹⁷⁶, nada mais impede que seja dada seqüência às retaliações patronais trabalhistas.

No dia 02 de julho de 2004 inicia-se o processo de dispensa de trabalhadores envolvidos na fundação e pertencentes à diretoria do Sindicato. Em princípio foram treze os dispensados, sendo nove pessoas pertencentes à diretoria sindical e quatro outros que estavam envolvidos de forma participativa na assembléia de fundação da entidade.¹⁷⁷

O entrelaçar dos fatos referente ao processo de fundação do Sindicato colaboram para fazer emergir nas relações de trabalho das fábricas têxteis de Três Lagoas a percepção explícita de que neste ambiente encontram-se determinados agentes e entidades com finalidades claras e distintas em seus interesses e objetivos a atingir.

¹⁷⁵ PODER Judiciário de Mato Grosso do Sul, op. cit., 2004, p.03.

¹⁷⁶ Segundo o § 3º do Art. 540 da Consolidação das Leis do Trabalho: “fica vedada a dispensa do empregado sindicalizado ou associado, a partir do momento do registro de sua candidatura a cargo de direção ou representação de entidade sindical ou de associação profissional, até 1 (um) ano após o final de seu mandato, caso seja eleito inclusive como suplente, salvo se cometer falta grave devidamente apurada nos termos desta Consolidação”. BRASIL. Constituição Federal, Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação previdenciária. op. cit., 2003, p.331.

¹⁷⁷ Os trabalhadores pertencentes a diretoria do Sindicato que foram dispensados são: Adriana Sampaio Costa, Clayton Oliveira Acunha, Cristiane Aparecida de Oliveira, Valdecy Ananias, Noeli Alexandre Santana, Cláudio Antonio de Saul, Ivo Ortiz, Luciana Oliveira Acunha, Francisco Silvestre; e os trabalhadores dispensados que estavam somente participando da assembléia de fundação do sindicato são: José Raul Miranda, Orandi Evangelista, Eduardo Bento da Silva, Tarcisio dos Anjos Queiroz.. TRIBUNAL Regional do Trabalho de Mato Grosso do Sul, 24ª.Região. Processo n. 0989/2004. *Acórdão*. Campo Grande-MS, 17 nov. 2005, p.04.

Desse modo, demonstra-se a capacidade de atuação hegemônica de instituições forjadas no seio do capitalismo contemporâneo e, por sua vez, mina-se a possibilidade de pessoas comuns tentarem articular e colocar em pauta projetos elaborados, com a finalidade de promover práticas que sejam social e economicamente relevantes para lhes garantir espaço neste mercado de negociações trabalhistas.

Considera-se que o empregador tende a sempre buscar pelo lucro, conduzindo a porção de homens e mulheres que sobrevivem da venda de sua força de trabalho a procurarem articular formas de garantir uma maior aproximação das mesas de negociação com os patrões, criando assim formas de exporem suas reivindicações acerca do que acham melhor para suas vidas.

Os representantes da diretoria da fábrica, ao ter a conduta de manter certa cordialidade com seus “colaboradores”, procuram apaziguar os ânimos de parte da comunidade fabril trêslagoense, que tomou conhecimento dos fatos. Para tanto, esse grupo utiliza o jornal *Notícias & Negócios* para tentar justificar suas ações coercitivas, e indica para responder pela dispensa dos trabalhadores envolvidos no processo de tentativa de fundação do Sindicato, o coordenador de rotinas de trabalho da empresa *Avanti*, sujeito de sobrenome Capelline.¹⁷⁸

Para justificar suas ações é pontuado que na política administrativa da empresa não existe a prerrogativa de barrar nenhuma forma de sindicalismo, Capelline enfatiza ainda que os trabalhadores faltaram com bom senso na formação da diretoria do Sindicato, pegando-os de surpresa: “A *Avanti* não quer caçar sindicato, tanto é que na fábrica de Americana-SP a empresa obedece às normas do sindicato sempre com muita liberdade, mas o que dizer de uma entidade que é dirigida por pessoas de um único lugar?”.¹⁷⁹

No mais, argumenta que as demissões foram justificadas como resposta à falta de confiança por acreditar que os trabalhadores estavam mal intencionados: “O que diria de uma empresa que oferece de tudo ao trabalhador e acontece uma coisa dessas? Eram quase todos cargos de confiança e uma empresa não pode ficar [com] alguém que não se

¹⁷⁸ Segundo informações contidas na matéria publicada pelo Jornal *Notícias & Negócios*, o representante da empresa *Avanti* não quis fornecer o seu nome, preferindo apenas ser chamado de Capelline. “NÃO SOMOS contra a formação de sindicato”, diz empresa. *Notícias & Negócios*. Campo Grande-MS, 03 jul. 2004, p. 10.

¹⁷⁹ Ibidem.

confia”¹⁸⁰. Finaliza seu depoimento afirmando que as demissões são irrevogáveis, negando ainda que tais medidas tenham algum teor de retaliação trabalhista.

Percebe-se então que o representante patronal utiliza um discurso que tenta construir uma imagem de estado de decepção, exposta por meio de sentimento de traição por parte da iniciativa de seus colaboradores. Dessa forma, tentando “maquiar” suas ações coercitivas contra a fundação do Sindicato. Na realidade o que ocorre é a incapacidade da diretoria da empresa de, ao menos, respeitar alguns direitos básicos de cidadania, que é a livre iniciativa de seus empregados se organizarem, vindo nisso uma ameaça ao controle geral da movimentação existente em suas fábricas.

Várias pessoas perderam seus empregos por motivo de estarem tentando constituir a fundação de um sindicato. A decisão tomada pela diretoria da fábrica certamente vai além de simples ressentimento, envolvendo tanto a debilitação da legislação de proteção ao trabalho, que tem como hábito interpretar os fatos a luz dos interesses do capital, e o desejo deste último de sempre procurar meios para desarticular as iniciativas trabalhistas que venha a instrumentalizar o trabalhador, quer seja frente às grandes ou pequenas atuações políticas de manutenção da ordem fabril.

A respeito do fato de perderem seus empregos por tentarem se organizar, Cláudio de Saul faz as seguintes considerações sobre a empresa em que estava trabalhando:

*[...] ele [o empreendedor] saiu de Americana, do sufoco lá, ele saiu de uma área sufocada, de Americana e de outros lugares do país sufocado, onde tem sindicato atuante. Ele vê trabalhadores que tem vários cursos, que sabe o direito deles, e veio pra cá pra aproveitar aqui desse espaço, dos incentivos do Estado e do Município [...] e a mão-de-obra barata [...] Então as pessoas aproveitam e aproveitam muito entendeu, tanto é que essas indústrias têxteis, somente esse bloco aí são três indústrias de grande porte de um grupo só [Adar, Córdex, Avanti]. Por que? Você acha que não podia estar lá em Americana esse pessoal trabalhando com mão-de-obra qualificada, não! Eles vieram pra cá pra ganhar dinheiro, desempregou alguém lá, com certeza, e empregou alguém aqui, onde um trabalhava... onde o salário de um paga três aqui hoje. Sem contar os encargos sociais, e as questões sociais do trabalho, que o sindicato aqui infelizmente não está podendo atuar ainda.*¹⁸¹

Para os trabalhadores oriundos das fábricas têxteis de Americana, região em que a atuação sindical ainda mantém certa representatividade, as barreiras impostas para impedir

¹⁸⁰ Ibidem.

¹⁸¹ Cláudio Antonio de Saul, depoimento citado.

que seja levada adiante a proposta de sindicalização dos trabalhadores têxteis tornam-se evidente; primeiro, por ser essa cidade, lugar que tem pouca tradição em lidar com as relações de trabalho fabril; e segundo, que para os empregadores, esse é um dos motivos que os incentivaram a mudarem suas fábricas de cidade; portanto, em Três Lagoas a última coisa que eles querem ver é trabalhadores tentando disputar espaços com eles nas negociações trabalhistas.

Essa reação de temor do patronato frente à ação dos trabalhadores, pode ser interpretada como receio de dar abertura para a estruturação de ferramentas a serem utilizadas por empregados no enfrentamento com os patrões. O que os empregadores procuram é manter certa tranquilidade e evitar maiores problemas futuros, sustentando a postura de não ceder aos menores focos possíveis de organização trabalhista.

Por esse viés, mantêm-se as normas existentes na lógica capitalista, que vem exigir determinado individualismo, propondo que as novas técnicas de automação e de organização do trabalho sejam mais dependentes do trabalhador, sufocando a sua sensibilidade coletiva. Não obstante, para os trabalhadores, o que é almejado são intenções que, talvez, não estão inseridas na leitura de um sindicalismo combatente no sentido do combate “corpo a corpo” contra a exploração patronal, evidenciando prioritariamente a busca pelo assistencialismo coletivo.

Entendo que o Sindicato tende a assumir, prioritariamente, a postura de órgão assistencialista. O histórico de perda de representatividade no universo do trabalho - devido ao modelo econômico neoliberal - tem minado a capacidade de atuação de trabalhadores, conduzidos em meio à reforma no papel do Estado, expondo-se a uma intensa disputa por espaços e pela sobrevivência, em meio a um jogo com poucas regras, quase sem juiz e, por fim, contra um adversário muito mais forte que ele.

É em meio a este cenário que fazemos a leitura das prioridades apresentadas no Artigo 4º do estatuto do Sindicato:

Art. 4º - São deveres do sindicato:

- a) Colaborar com os poderes públicos no desenvolvimento da solidariedade social;*
- b) Promover a conciliação nos dissídios coletivos de trabalho e a arbitragem, esta quando solicitado;*
- c) Manter serviços de assistência judiciária e outras para os associados;*
- d) Pagar, pontualmente, as contribuições devidas à Federação;*

- e) *Fixar os quantitativos e repassar às entidades de grau superior os valores devidos em decorrência de contribuição Assistencial arrecadada e Contribuição, para custeio do Sistema Confederativo da Organização Sindical;*
- f) *Votar, por seu delegado representante, nas eleições e outros atos de interesse da Federação;*
- g) *Sempre que possível, e de acordo com as suas possibilidades, manter em seu quadro pessoal, convênio com entidades assistenciais ou por conta própria, um assistente social com as atribuições específicas de promover a cooperação operacional na empresa e a integração da classe;*
- h) *Na medida do possível, manter cooperativas de consumo e de crédito e agências de colocação para seus associados.*
- i) *Zelar pela manutenção do sistema Confederativo de Organização Sindical;*
- j) *Participar da eleição dos representantes da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho – CIPA, quando cabível.*¹⁸²

Esses tópicos nada mais são do que a reprodução do Artigo 514 da Consolidação das Leis do Trabalho, desse modo se propondo a operar conforme as leis que regem as relações trabalhistas, não distanciando do controle exercido, tanto pelas instituições privadas, quanto pelo Estado, para a manutenção da ordem social.

Grosso modo, esse estatuto demonstra a intenção de utilização de um sindicato para proporcionar recursos que atendam algumas necessidades sociais básicas dos seus filiados. Dessa maneira, os trabalhadores agem em uma direção em que tanto o patrão quanto o governo demonstram pouco interesse em atuar. Eles pretendem utilizar a representação sindical para conseguir benefícios para a sociedade a que pertencem, propondo levar, ao trabalhador organizado, valores tradicionais do ambiente fabril e um pouco de colaboração mútua, o que pode vir a permitir a oferta de bases sólidas à constituição de uma vida moral e digna.

Contrariados com a atitude tomada pela administração da fábrica, esses trabalhadores demitidos resolvem tocar adiante suas propostas e partir para a batalha contra seus patrões, fazendo uso das armas disponíveis:

Logo em seguida dessa demissão nossa, o Cláudio entrou em contato com o Ministério do Trabalho aqui [em Três Lagoas] e o Ministério do Trabalho acertou um agendamento pra gente ir a Campo Grande, e nós fomos denunciar a empresa por perseguição sindical no Ministério Público. Na época o Ministério Público nos

¹⁸² ESTATUTO do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis, Calçados, Confecções, Papel, Plástico, Vidros Vestuários e Afins do Município de Três Lagoas-MS. *Dos deveres do sindicato*. Três Lagoas-MS, 23 mai. 2004, p. 01-02. [grifos meus].

*atendeu e denunciemos não só nós trabalhadores do sindicato, mas também outros trabalhadores que foram demitidos também se juntaram a nós e fomos todos pra lá.*¹⁸³

No dia 25 do mês de julho de 2004, alguns dos trabalhadores demitidos da fábrica *Avanti* compareceram na sede do Ministério Público - Procuradoria Regional do Trabalho em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, para prestar informações sobre o que estava ocorrendo com os membros da diretoria do Sindicato, denunciando as retaliações que vinham sofrendo no interior da fábrica, mesmo antes de serem dispensados:

*[...] chegando, inclusive, a proibir os diretores do sindicato de adentrar nas instalações da fábrica, não deixando os diretores do sindicato a utilizarem os aparelhos telefônicos, retiraram as funções dos diretores [...] e afirmando que rasgariam o estatuto do sindicato e a Constituição Federal que garante os direitos sindicais dos Trabalhadores.*¹⁸⁴

Consta no termo de declaração que após a dispensa dos primeiros funcionários, o gerente administrativo, Nelson Tupy, ordenou que recolhessem seus pertences, proibindo a circulação dos mesmos nas dependências da fábrica. Este os obrigou a retornarem para suas residências a pé, visto que a fábrica fica em local afastado da área urbana e o sistema de transporte urbano apresentava-se bastante debilitado naquela época, não atendendo os arredores do parque industrial.

Ainda nas declarações, informaram que os trabalhadores envolvidos no ato de fundação do sindicato foram demitidos conforme venciam as suas férias. No Termo de Declaração apresenta-se também que: “*A empresa alegou, para a demissão dos dirigentes do sindicato, que não aceitavam sindicalistas dentro das suas instalações*”.¹⁸⁵

Em ato de pura humilhação e demonstração de poder, dias antes da dispensa de Francisco Silvestre e Cláudio de Saul, o gerente de produção, Sérgio Bastos, chamou Cláudio de Saul em sua sala e lhe disse “[...] *que eles iriam embora para casa com o sindicato e amanheceriam sem ele [porque] a empresa rasga até Constituição e não aceita o Sindicato*”.¹⁸⁶

¹⁸³ Clayton Oliveira Acunha, depoimento citado.

¹⁸⁴ MINISTÉRIO Público do Trabalho. Procuradoria Regional – 24ª Região. *Termo de Declaração*. Campo Grande-MS. 25 de jun. 2004. p. 01.

¹⁸⁵ Ibidem. p. 02.

¹⁸⁶ TRIBUNAL Regional do Trabalho de Mato Grosso do Sul, 24ª Região. op. cit., 2005, p. 06.

Um episódio chama a atenção, pela falta de sensibilidade e tamanho desrespeito para com a condição humana, é o caso da funcionária Luciana Oliveira Acunha:

*[...] no dia 02.06.2004, a Sra. Luciana Oliveira Acunha, após a demissão e diante da confirmação da gravidez, retornou a empresa e foi determinado o seu retorno para o trabalho no dia 04.06.2004, mas diante de complicações em seu estado, a mesma teve que ser internada, culminando com a perda da criança, e ao retornar ao emprego no dia 21.06.2004 foi sumariamente demitida.*¹⁸⁷

A revolta dos patrões contra os trabalhadores pertencentes à diretoria do Sindicato alcançou proporções totalmente virulentas. Depois de desatar o evento com Luciana Oliveira Acunha, conforme nos relata Jorge Vieira, que estava trabalhando na fábrica naquela ocasião, a diretoria da fábrica pegou todos seus funcionários de surpresa, tomando a seguinte atitude:

*Não sei o que aconteceu, o que foi discutido na Diretoria, sem motivo nenhum, realmente, de fato foi sem motivo nenhum, todas as outras meninas foram mandadas embora da fábrica, eu não tenho conhecimento do que estava acontecendo do que estavam prevendo entendeu? Se realmente havia um corte [dispensa em massa de funcionários], mas foram mandadas embora todas, sem justificativa nenhuma.*¹⁸⁸

Percebe-se uma atitude leviana que faz vir à tona a intensidade das ações daqueles que possuem o domínio real do regime fabril. Sem poupar qualquer esforço e sem se preocupar com a reação da opinião pública, os diretores da empresa *Avanti* resolvem pulverizar das dependências de sua fábrica todo e qualquer vestígio feminino.

Demonstra-se, de forma evidente, a insensibilidade para com as mães, esposas e filhas que ali estão, enfiadas naquele ambiente hostil, que de longe seria o último local em que essas mulheres gostariam de estar se pudessem fazer a escolha, mas que por força da necessidade terminam por se submeterem, sem muito questionarem, a sujeição pouco humana dos mandantes possuidores do poder econômico.

Toda essa explosão de forças pouco racionais, que se arrastaram pelo chão da fábrica, leva também o grupo de líderes da empresa ao embate. Sérgio Bastos, apesar da apelação e utilização de um discurso bastante ácido no ato da dispensa de Cláudio de Saul e Francisco Silvestre, era tido pelos trabalhadores como possuidor de uma política que visava

¹⁸⁷ MINISTÉRIO Público do Trabalho. Procuradoria Regional. – 24ª Região. *Termo de Declaração*. op. cit., 2004, p. 01.

¹⁸⁸ Jorge Henrique Vieira, depoimento citado.

atender um pouco o trabalhador, motivo que termina desgastando sua relação com seus superiores:

Ele [diz Jorge Vieira, referindo-se a Sérgio Bastos] defendia a permanência das meninas na empresa e a Diretoria, não sei porque razão acabou escolhendo mandar elas embora [...] esse gerente ele era responsável pela produção, mas não fazia parte do sindicato, ele ficou sabendo do sindicato depois [...] ele visava muito o trabalhador entendeu? Lógico ele não conseguia tudo porque acaba sendo barrado em muitas coisas, mas ele visava muito e pra empresa eu acho que isso não é de agrado à empresa uma pessoa que está ali e que visa muito o trabalhador, acabou sendo substituído.¹⁸⁹

A atuação de Sérgio Bastos, em um primeiro momento, segue as normas da fábrica, agindo em defesa dos interesses patronais, assumindo, em nome da empresa, ser capaz de rasgar até a Constituição Federal, ou seja, se posicionando acima das leis do Estado para responder aos interesses do patrão.

Em um segundo momento, ao perceber que as ações da diretoria da fábrica excederam os limites do bom senso - atingindo pessoas alheias com as intrigas que tem como protagonistas alguns trabalhadores, que faziam parte do grupo que tentam fundar o Sindicato, e a diretoria da fábrica, que nega aceitar a constituição dessa instituição trabalhista “bem debaixo de seu nariz” -, Sérgio Bastos passa a negar tal atitude de seus patrões, expondo um sentimento que segue em sentido contrário ao exigido pelo seu cargo, culminando com a sua dispensa da fábrica.

Na ação patronal impera a intolerância, qualquer vestígio de desvio das normas fabril encerra em demissão, seja qual for a posição do sujeito dentro da hierarquia da fábrica. Em muitos casos, fica o responsável pelo padecer dos trabalhadores no âmbito da abstração, sem que este responsável seja identificado pelo infortúnio de tantas pessoas.

O poder econômico e o monopólio dos meios de produção escondem determinados sujeitos por traz de uma camuflagem de substantivos: patrão, diretoria, supervisor, gerente, etc., que aparecem freqüentemente nos relatos dos trabalhadores quando querem referir-se aos sujeitos que exercem o controle e o poder do mando dentro das relações de trabalho.

¹⁸⁹ Ibidem.

Muitas vezes, no olhar dos trabalhadores, os patrões encontram-se simbolizados como seres revestidos com uma aura transcendental ¹⁹⁰, causando a impressão de estranhamento, a ausência de aproximação dos patrões com a linha de produção, por certo, tende a proteger a imagem de determinados sujeitos, isentando-os da responsabilidade pelos fatos ocorridos no seio da atividade produtiva.

Algumas das grandes figuras empreendedoras de Três Lagoas são quase anônimas para aqueles que se encontram frente à linha de produção. Eles costumam aparecer, por vezes, na hora de ostentarem sua opulência, como mostra a revista *Moda MS* que se denomina “A revista da indústria da tecelagem e do vestuário em Mato Grosso do Sul”, fundada para expor a seu público os investimentos feitos no segmento têxtil dentro do Estado.

Em sua segunda edição de julho de 2006, a revista faz emergir em matéria intitulada “Grupo Avanti, Gerando progresso e oportunidades em Três Lagoas” a figura de Roberto Faé, Diretor desse grupo, para falar de seus investimentos econômicos em Três Lagoas. Entre valores em dólares investidos, concessões fiscais adquiridas, e elogios da localização da cidade para atender as expectativas de escoamento de seus produtos, um item aparece como empecilho para a consolidação do *progresso* de suas fábricas, qual seja:

*Faé lamenta e confessa que a maior dificuldade continua sendo a mão-de-obra [...] reclama o raciocínio de pessoas que ‘depois de um ano, quer sair da empresa para obter os benefícios trabalhistas’ que classifica como cultura imediatista. O diretor se empenha para mudar esse quadro executando na empresa atividades de psicólogos, assistentes sociais para a criação de uma cultura diferente. Opina que isso acontece como agravante da mão-de-obra abundante em Três Lagoas.*¹⁹¹

¹⁹⁰ Fábio Barrios, ao se referir à dificuldade de compreender quem realmente é o responsável pelos acontecimentos dentro da fábrica, faz a seguinte declaração: “Eu me sinto usado né cara, pô! Usado jogado de lado, e aí eu nem sei quem é o meu patrão, não sei se o que ele está dizendo pra mim é verdade, que ele vai cumprir o que está falando pra mim no próximo mês. Então é com isso daí que você indigna, você não sabe com quem você trabalha, [...] **Você que é um funcionário e tem uma empresa como patrão, entendeu? Um rei ou um santo**, que tudo ele vai dar jeito para você, aí o funcionário pensa assim, aí ele vê que não é assim ele indigna [...] Eu fico pensando da onde que sai tanto desânimo assim? Dos caras [os patrões], é os caras que fazem isso com a gente, é os caras que tiram as esperanças da gente, teve um cara lá que falou assim pra mim: ‘bicho! Tem hora que eu penso assim Fabinho, **tem hora que eu penso que é Deus lá no céu e esses caras aqui na terra**’ porque a gente depender de uns caras desses que não está nem aí pra gente, se a gente vai comer bem, se a gente vai dormir hoje debaixo de um teto, e a gente ter que ficar aqui rapaz! Dando o sangue da gente por causa de quatro ou cinco notas de papel”. Fábio César Barrios, depoimento citado. [grifos meus].

¹⁹¹ Revista Modas MS, op. cit., 2006 p.13.

É nos momentos em que as luzes se fecham focalizando “personagens ilustres” e seus grandes feitos, que homens como Roberto Faé costumam entrar em cena, expondo seu *status* de pioneiro do desenvolvimento industrial de Três Lagoas.

Esses personagens tendem a evitar trazer sua imagem ligada às ações que, por exemplo, fizeram pessoas como Fábio Barrios e seus colegas padecerem por atrasos de seus salários, que impediram homens e mulheres de se organizarem, que dispensaram todas as suas funcionárias sem apresentar nenhuma justificativa palpável, dotados da faculdade de transformarem as estruturas culturais que se mostram diferenciadas da sua, implantando, numa fusão com fogo flamejante, a lógica do espírito do capitalismo na alma do trabalhador.

Sem se dar por vencidos, os trabalhadores dispensados negam entregar suas carteiras de trabalho para que sejam rescindidos seus contratos de trabalho e entram com Reclamação Trabalhista junto a Justiça do Trabalho. No dia 29 de julho de 2004 é proferida a sentença judicial, negando o pedido de readmissão de cargo, para tanto alegam que: *“Como não houve homogeneização na fundação do sindicato, não há estabilidade para protegê-los”*.¹⁹²

Logo após a decisão do juiz, os trabalhadores, sem perder as esperanças, levantam-se novamente e partem para mais uma batalha judicial; procuram juntamente com o advogado, Vanderlei José da Silva, entrar com ação no Ministério Público do Trabalho, pedindo novamente a reintegração de cargo e quebra da liminar que suspendeu o registro do Sindicato, além de uma indenização por perdas e danos morais.

As medidas tomadas pelos empregadores tiveram como consequência a paralisação do processo de fundação da entidade sindical, mas, os acontecimentos, aos poucos vão tomando formas que contrariam as expectativas do patronato. No dia 28 de setembro de 2004, o Ministério Público do Trabalho profere a decisão, ordenando a reintegração de nove dos treze trabalhadores demitidos da fábrica *Avanti*, sendo eles os integrantes da diretoria do Sindicato.¹⁹³

Após serem informados sobre a liminar que deu direito de retorno ao trabalho, todos os trabalhadores demitidos se apresentaram com seus uniformes em frente da fábrica,

¹⁹² RECLAMAÇÃO de Trabalhadores não é aceita. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 30 jul. 2004, p. 11.

¹⁹³ LIMINAR garante volta de trabalhadores. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 01 set. 2004, p. 11.

esperando a ordem para que retomassem seus postos de trabalho. Orgulhosos do desfecho dos fatos, suas presenças em frente ao portão da fábrica representou uma pequena conquista diante dos olhares comuns, mas grandiosa para aqueles personagens que se propuseram levar adiante seu ideário de organização até as últimas conseqüências.

Em seu depoimento, Cláudio de Saul exalta: *“Essa é uma vitória para todos os trabalhadores, não só daqui, mas até de outros sindicatos que se solidarizam com nossa situação”*¹⁹⁴. Reconhecendo a importância dos resultados alcançados até aquela ocasião com o esforço coletivo, valorizando a participação de todos aqueles que acompanharam o desencadear do processo na justiça, colaborando com o seu resultado final.

A carência de relações sociais mais sólidas entre aqueles trabalhadores que se vêm coagidos a agirem sob a égide do princípio do individualismo contrasta com ações de outros agentes, vivendo realidades semelhantes, dividindo os mesmos espaços de trabalho, porém, possuidores de maior sentimento coletivo.

Estes últimos sentem a necessidade de buscar formas de organização para tentar reforçar os laços de solidariedade no interior da fábrica, comprovando que o trabalhador não se projeta de forma estática e homogênea dentro dos galpões de fábrica. Em meio aos percalços, e mesmo que ainda não alcançado o outro lado do túnel de suas histórias, passaram a conhecer o ritmo de seu caminhar, sentindo seus pés tocando o chão da fábrica com mais firmeza.

A reintegração ao trabalho imposta perante a liminar do dia 28 de setembro de 2004, e posta em prática com a reintegração no emprego no dia 31 do mesmo mês, foi somente um pequeno alívio diante da tormenta que ainda estava por vir. Após terem conseguido com muito custo adentrar novamente os espaços da fábrica, novas formas de hostilidade para com os trabalhadores recém readmitidos foram surgindo:

*Sabíamos que nós estávamos sendo massacrados ali [relata Clayton Acunha], todos os companheiros estavam entrando ali para dentro do refeitório no horário de almoço, todo mundo almoçando e ninguém podendo chegar e cumprimentar você, por quê? Porque a gente sabia que se algum deles fossem conversar com nós poderia ser mandado embora e a gente sempre procurava falar para o pessoal: ‘não chega perto de nós porque senão você pode ser mandado embora’.*¹⁹⁵

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ Clayton Oliveira Acunha, depoimento citado.

Mesmo conseguindo ter seus empregos de volta e provar a impostura patronal diante dos direitos dos trabalhadores, no interior da fábrica continuou a ocorrência de retaliações: qualquer aproximação de trabalhadores com os idealizadores do Sindicato era motivo de suspeita de vínculo aos interesses desse grupo.

Como a reintegração foi apenas provisória, como prazo para o julgamento da tentativa de derrubada da liminar de cancelamento da fundação do Sindicato, a empresa ainda conseguiu dispensar os trabalhadores que faziam parte da diretoria do Sindicato por mais duas vezes, fazendo, por fim, minar definitivamente as expectativas de Cláudio de Saul, Francisco Silvestre, Clayton Acunha e seus outros companheiros:

*Nos não voltamos mais para a empresa [diz Clayton Acunha], ela demitiu nós todos, aceitamos a demissão porque cada um tinha que seguir sua vida porque já estava ficando difícil pra cada um, ninguém estava mais suportando na época. Todo mundo já endividado, eu endividado, e o Cláudio também muito mais endividado ainda [...] e cada um começou a ter que lutar.*¹⁹⁶

Sem receber nenhum tipo de indenização e sem ter concluído o processo junto à justiça trabalhista, todos os envolvidos na fundação do Sindicato tiveram que retomar suas vidas particulares e buscarem por novos empregos para garantirem sua sobrevivência. Seguindo individualmente por caminhos diferentes, perdendo de vista o ideário de coletividade do qual acharam possível ser colocado em prática, mas que foi fortemente combatido pelas ações do industrial Roberto Faé e seus assessores.

Neste sentido, me atenho à tese de Karl Marx, que inicia o Caderno I de seus manuscritos com a seguinte conclusão: “[A] aliança entre os capitalistas é habitual e produz efeito; [a] dos trabalhadores é proibida e de péssima consequência para eles”.¹⁹⁷ Sem alcançar resultados satisfatoriamente visíveis, muitas pessoas envolvidas na fundação do sindicato tiveram que reiniciar suas vidas “começando lá de baixo”, como diz Clayton Acunha, enfrentando outras formas de entraves, pois após o infortúnio da tentativa de fundação do Sindicato terminaram “fichados” na “lista negra” de várias empresas instaladas na cidade.

¹⁹⁶ Ibidem.

¹⁹⁷ MARX Karl. Caderno I, [I] Salário. In: _____. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 23.

Francisco Silvestre achou por certo ir embora da cidade, e outros amargaram anos de subemprego até conseguirem se restabelecer novamente em empregos formais, retornando à frente da linha de produção em fábricas de outros seguimentos, não mais têxtil, como fez Clayton Acunha e sua irmã Luciana Acunha, ou mudando totalmente de profissão como fez Cláudio de Saul. Outros trabalhadores envolvidos acabaram perdendo contato, com isso, levando ao arrefecimento o ideário de uma possível organização, por menor que seja, dos trabalhadores das fábricas têxteis.

A impossibilidade de finalizar o projeto de sindicalização dos trabalhadores têxteis de Três Lagoas encontra-se inserida em uma realidade semelhante a dos apontamentos feitos por José Ricardo Ramalho e Marcos Aurélio Santana¹⁹⁸ que, ao revisitarem os últimos trinta anos fazendo um balanço da posição ocupada pelo sindicalismo nas relações de trabalho, irão concluir que: em tempos de dieta neoliberal o trabalho assume novos formatos e os atores sociais encontram-se em número representativo descentrados dele.

As relações de trabalho forjadas nas fábricas têxteis de Três Lagoas evidenciam a fragilidade em que se apresentam às ferramentas de luta dos trabalhadores, e o sindicato não mais representa a arma mais poderosa de atuação do trabalhador na defesa de seus interesses, demonstrando dificuldades, tanto em seus aspectos de *movimento social* quanto de *instituição trabalhista*, em manter o processo organizativo dos trabalhadores.

Com o espaço de manobra dos sindicatos reduzido, coloca-se em risco às práticas de ação e conquistas desenvolvidas ao longo do século vinte. Esse arrefecimento da atuação dos sindicatos tende a produzir certa decadência das ações coletivas, originando indivíduos desafiados “[...] entregues a própria sorte e força para lidar com as inseguranças e os riscos que os circundam”.¹⁹⁹

A incapacidade de manutenção de uma vitória completa dos trabalhadores, na hora de tentar concluir seu projeto de organização institucionalizada no interior das fábricas têxteis de Três Lagoas, certamente está relacionada com esse novo modelo neoliberal. O enfraquecimento dos sindicatos com tradição combativa tem como uma de suas conseqüências a migração de fábricas dos grandes centros em direção ao interior do país.

¹⁹⁸ RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicato e a nova questão social. In: _____. (orgs.). *Além da Fábrica: trabalhadores, sindicato e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 11-43.

¹⁹⁹ Ibidem. p. 22.

É prática destas empresas migrantes que chegaram em Três Lagoas, criarem estratégias que impeça um possível germinar de idéias coletivas no interior da planta fabril, mantendo em seu quadro funcional trabalhadores por ela formados ou em via de capacitação profissional. Os contratantes agem no sentido de formar, a um só tempo, o perfil profissional almejado e conter qualquer articulação trabalhista que venha instrumentalizar o trabalhador, o que possivelmente daria condições a este de melhor definir o seu papel nas relações de produção.

Os empresários industriais mantiveram sua postura, forçando a manutenção de certa passividade dos trabalhadores de Três Lagoas para garantir maior proveito da força de trabalho em suas fábricas. Entretanto, numa perspectiva thompsoniana²⁰⁰, não se pode esperar que empresários implantem fábricas em Três Lagoas sem que o fazer-se da situação faça florescer nos trabalhadores, em meio a experiência fabril, formas de consciência de sua condição humana, derivadas da gama de relações exteriores e interiores presente do meio social em construção.

A percepção da condição social no qual está exposto o trabalhador em Três Lagoas talvez não aflore novamente estruturada em forma de tentativa de organização sindical. Acredito que, por receio, tendo como exemplo a frustrada ação de Cláudio de Saul e seus companheiros, mas não se pode perder de vista que a consolidação do parque industrial ainda está em andamento e que a dinâmica das mudanças continua intensa no panorama trêslagoense²⁰¹.

Haverá novas ações de trabalhadores, haja vista que enquanto os empreendedores seguem com seus métodos de exploração do trabalhador, os trabalhadores seguem com suas transformações em detrimento da ação dos empreendedores, como apontou Cláudio Batalha em seu estudo sobre o trabalho nas primeiras fábricas brasileiras. Para o autor, antes que o trabalhador fabril articulasse um discurso de identidade em torno da noção de trabalho, de

²⁰⁰ Para E. P. Thompson o fazer-se do trabalhador enquanto classe é um fato que abrange a história política e a economia, desse feito não se apresentando de forma espontânea no interior do sistema fabril. Ele chama a atenção para que não vejamos na constituição do trabalhador enquanto classe a presença de alguma força exterior atuando sobre determinado material bruto, desprovido de humanidade, transformados em uma “vigorosa raça de seres” o autor ainda salienta que: “a classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada”. THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa. A maldição de Adão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, v. 2, p. 18.

produtor ou mesmo de classe social, ele tem uma identidade que é visível e objetiva, identidade essa que decorre de sua condição de existência.²⁰²

Existindo essas condições, logo, a identidade *subjetiva* aos poucos se fará presente, ou seja, através de suas idéias, suas maneiras, seus hábitos e suas intenções de lutar por seus direitos e contra a exploração dos patrões que, através da coerção, farão o possível para que não surjam empecilhos frente a sua empreitada.

Todavia, como apontei em estudo realizado em 2004 sobre as estratégias políticas de propaganda para atrair investimentos para Três Lagoas, os empregadores não podem contar eternamente com uma tranquilidade livre da “*pressão asfixiante*” das ações dos trabalhadores. Isso porque as perspectivas destes, mediante o que acham ser melhor para a estruturação de suas vidas é necessidade real presente em sua condição enquanto ser humano e não simplesmente resultado de sua função de trabalho.²⁰³

A cargo do despontar de novos empreendimentos na cidade, foram sendo fundadas várias entidades destinadas a garantir um quadro de mão-de-obra minimamente apto para atender as frentes de trabalho, que foram surgindo conforme as fábricas iam sendo instaladas. A necessidade urgente de se ter este, ou aquele profissional, causou muita exaltação nos personagens que se responsabilizaram por garantir o pacote completo de incentivos oferecidos aos capitalistas empreendedores.

E o trabalhador, maravilhado com a quantidade de empregos disponíveis na cidade, e sem saber ao certo o que lhe esperava dentro dos galpões de concreto que se levantavam um após outro, se colocavam em filas, buscando por cursos profissionalizantes, ou por uma vaga de trabalho. Depois de passado o período de qualificação ou seleção, veio o contrato de trabalho, iniciando uma nova jornada, a de assimilação e estranhamento das regras disciplinares da fábrica.

Políticos, empresários, redatores de jornais, educadores entre outros agentes, pertencentes à elite hegemônica lançaram-se em uma intensa jornada, tendo como intuito, por meio da montagem de uma estrutura ideológica de dominação, incutir no trabalhador o

²⁰² BATALHA, Cláudio H. M. A identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou legitimidade? *Revista Brasileira de História: Política & Cultura*. São Paulo, v.12, nº 23/24. p.111-124. set. 1991/ago. 1992. p. 119.

²⁰³ ALVES, Walter Assis. Industrialização recente: novas relações socioeconômicas em Três Lagoas-MS. *Esboços – Revista de pós Graduação em História da UFSC*, Florianópolis: n. 14, 2005, p. 114.

papel que a ele está sendo legado nessa expedição rumo ao desenvolvimento industrial de Três Lagoas.

Questões referentes à qualificação de mão-de-obra, e as primeiras articulações em torno da noção de aceitação e de negação da condição de trabalho, tanto pelos próprios trabalhadores como por aqueles agentes envolvidos indiretamente com a produção fabril, serão apresentadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

RECRUTAMENTO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, EMPREGO E DISCIPLINA FABRIL NA HISTÓRIA DO TRABALHO DE TRÊS LAGOAS

*Os homens fazem sua própria história,
mas não a fazem como querem;
não a fazem sob circunstâncias de sua escolha
e sim sob aquelas com que se defronta diariamente,
legadas e transmitidas pelo passado.*
Karl Marx.²⁰⁴

As circunstâncias históricas, apresentadas nos capítulos anteriores dessa dissertação, abarcam, em movimentos diversos e inconstantes, a vida de milhares de homens e mulheres. Esses, por sua vez, encontram-se inseridos em um ambiente de sociabilização e de trabalho bastante dinâmico, que impõem certas transformações em seus modos de vida, promove alterações tanto nas práticas sociais e políticas quanto nas econômicas, forja novas formas de representações, em que capitalistas e trabalhadores são os agentes reais desse processo estruturado nas relações de produção fabril.

Mediante a isso, propondo dar continuidade as abordagens apresentadas até aqui, se faz necessário entender como foi o germinar dos elementos, compostos por forças em que o capital e o trabalho são seus maiores condutores, capacitados a moverem a vida de diversas pessoas em direção a transformações advindas de um passado recente, mas que tem como pilar valores históricos bastante complexos, trazidos, experimentados, inseridos na realidade três lagoense, por ser esse espaço urbano visto por instituições e determinados grupos sociais, como propício para atender a interesses econômicos diversos.

3.1 O dilema da falta de mão-de-obra para atender à linha de produção

No princípio das negociações e venda da imagem de Três Lagoas como possuidora de um perfil que possibilitasse a instalação de fábricas²⁰⁵, discursos brandos foram

²⁰⁴ MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 17.

²⁰⁵ Nas alternativas apresentadas nas propagandas que circulam pelo país, além dos incentivos fiscais, que aparecem como ponto positivo para a atração das indústrias, destacam-se as vias de transportes: a Rodovia

proferidos, com o intuito de mostrar que os eventos seguiam a ordem regular das coisas, com cada agente ou grupo ciente de seu posicionamento e dos benefícios que tal processo iria trazer para suas vidas.

Na ótica do secretário de Turismo, Comércio e Indústria, Magid Thomé Filho - em matéria publicada no *Jornal do Povo*, no suplemento especial de comemoração de natal do ano de 1997 -, o projeto ideológico de desenvolvimento apresenta-se amparado pela pretensa localização geográfica privilegiada, e nas leis de incentivo fiscal.

Desse modo, Três Lagoas passa a ser concebida como espaço apropriado para receber os investimentos advindos de capital industrial, e, por sua vez, reflete a expectativa de vê-la abastecida com ofertas de empregos, melhorando o nível de emprego para a população, favorecendo o setor comercial, aumentando as vendas e as futuras arrecadações tributárias, estadual e municipal.²⁰⁶

Neste mesmo sentido, o empresário e presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Benjamin Stein-Bruch, publica matéria no jornal de circulação nacional *Folha de São Paulo* onde fala de sua visita a Três Lagoas. O *Jornal do Povo*, por sua vez, reproduz trechos dessa matéria em que ele menciona o desenvolvimento industrial que inicia na cidade:

*Ao todo surgiram ali 1500 novos postos de trabalho. Para uma cidade de aproximadamente 80 mil habitantes, trata-se de um número nada desprezível. Se cada trabalhador tiver quatro dependentes, significa que as fábricas proporcionam alguma renda para quase 10% da população da cidade. [...] Três Lagoas me trouxe á lembrança que é possível combater o desemprego com uma política de incentivo aos empreendedores, sejam eles micro, pequenos, médios ou grandes.*²⁰⁷

Marechal Rondon, interligando Três Lagoas a Capital de São Paulo e ao Porto de Santos; os trilhos da Ferrovia Novo-Oeste interligando Três Lagoas a São Paulo, Bolívia e ao Paraguai; a Hidrovia Tietê-Paraná que permite a condução de cargas da capital paulista até Buenos Aires, na Argentina, percorrendo um total de 2,8 mil Km integrada ainda com Minas Gerais e Goiás. Quanto ao potencial energético, assinala-se: o Complexo de Urubupungá com 4,6 milhões de kw de potência energética; o Terminal de Gás Centro de Distribuição City Gate, do Gasoduto Brasil Bolívia que cobre 11 municípios do Mato Grosso do Sul e a Usina Termoelétrica de Três Lagoas com potencial de 640 MW total de geração de energia. Com este panorama é configurado o perfil do potencial energético e da posição geográfica que Três Lagoas tem a oferecer, valores tidos como essenciais no processo de divulgação para atrair investimentos. PREFEITURA Municipal de Três Lagoas. Incentivos Industriais existentes. Gerência de Desenvolvimento Econômico - Indústria, Comércio, Turismo e Cultura. op. cit., [entre 1997 e 2004].

²⁰⁶ ENERGIA farta é triunfo da Região. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 26 dez. 1997, p.06.

²⁰⁷ DESENVOLVIMENTO é destaque. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 17 abr. 2002, p. 11.

Como já apresentado no início da dissertação, é por vezes através dos números que esses empreendedores procuram sedimentar a imagem de evolução social na cidade, o que dá a entender é que os benefícios trazidos, e a trazer, pelas fábricas iniciam-se e finalizam nos valores quantitativos.

Sobre a visita do executivo da CSN, o *Jornal do Povo* tece o seguinte comentário: “[...] o empresário voltou impressionado com a alegria que as pessoas simples do interior demonstram nos olhos pelo fato de poder trabalhar. **Trabalho proporcionado pelo empenho do governo municipal**”.²⁰⁸ A edificação de fábricas possibilita alimentar a idéia de que todos serão amplamente beneficiados, trabalhadores felizes, comerciantes satisfeitos e Governo Municipal comprometido com seus projetos de desenvolvimento, etc.

Porém, as forças históricas que possibilitaram conduzir Três Lagoas ao *status* de “pólo promissor de desenvolvimento”, para além dos esforços de seus governantes, estão ligadas a conjunturas muito mais complexas, atuando como mola propulsora do momento histórico vivido por esta cidade, de modo crucial, compreendendo um caráter mais amplo e com conseqüências nem sempre correspondente ao desejo de parte de seus idealizadores.

Giuseppe Coco, ao avaliar questões referentes ao desenvolvimento industrial e trabalho nos dias atuais, como possível provedor de cidadania, considera:

*[...] não é mais possível pensar que o processo de assalariamento de massa (o desenvolvimento industrial) possa funcionar como instrumento de integração cidadã, ou seja, de distribuição de renda e de universalização de direitos. A dinâmica está completamente invertida. É a distribuição previa de renda que pode permitir a universalização dos direitos, dos padrões de consumo e, sobretudo da integração produtiva.*²⁰⁹

Portanto, tentar posicionar o processo de desenvolvimento industrial como capacitado a transformar a cidade em um “oásis do desenvolvimento” pode ser lido como meio utilizado, por parte do grupo hegemônico, para disfarçar o caráter complexo, e as verdadeiras intenções existentes na essência desse processo em instalação. Em vista disso, seus discursos tornam-se carregados de floreios políticos, ignorando a realidade histórica que perpassa tanto a economia, a política e o mundo do trabalho.

²⁰⁸ Ibidem. [grifo do jornal]

²⁰⁹ COCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 39.

Sobre o representativo papel que o Estado deve assumir diante das novas realidades econômicas, visando diminuir as desigualdades e inserir de forma mais ampla e estável a população trabalhadora, Giuseppe Coco pontua:

*Apontamos desde já um primeiro deslocamento: na medida em que a cidadania não é mais fruto da inserção produtiva, mas a condição desta, todas as problemáticas das correlações integração-exclusão, desenvolvimento-desigualdade se transformam. Ou seja, a desigualdade torna-se a causa e não mais a consequência do crescimento lento. Isto significa que o Estado tem de repensar as políticas econômicas na perspectiva imediata da redução (ou superação) das desigualdades, isto é, da determinação de um acesso aos serviços, de uma universalização dos saberes que não podem mais ser postergado na espera do efeito do crescimento (e de seus impactos sobre a dinâmica do emprego), mas que constituem a condição deste.*²¹⁰

Fazer o percurso certo para se alcançar a real cidadania, exige muito mais sobriedade e menos discurso, e o que é essencial: investimento público em áreas de atendimento a população trabalhadora pobre; e isso é outro assunto do qual pouco se fala, pois estão todos encantados com a idéia de que: “*Três Lagoas é o paraíso das isenções*”.²¹¹

Voltando as palavras de Karl Marx, presente no início de seu texto “*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*”, e apresentado como epígrafe nesse capítulo da dissertação, Os homens podem fazer sua própria história, porém, não sob circunstâncias escolhidas por ele, existindo forças históricas atuando constantemente em suas vidas.

É por meio dessa perspectiva que venho desenvolvendo minha análise dos episódios que são projetados no interior da realidade três lagoense, entendendo-as como uma edificação que foi intensamente planejada, no entanto sua execução escapa aos croquis apresentados nas plantas de seus arquitetos, recebendo projeções muito mais intensas e complexas, que fogem à perspectiva idealizada.

²¹⁰ Ibidem, p. 88.

²¹¹ PARAÍSO das isenções. Três Lagoas quer crescer abrindo mão de impostos. *O Estado de São Paulo*, Caderno de Economia. Disponível em: <<http://www.jt.estadão.com.br/noticias/98/02/03ec1.htm>>. Acesso em 02 mar. 1998.

Em matéria que fala sobre o quantitativo de geração de empregos pelo setor têxtil, Marcos Leonardo Moura²¹² - que passa a ocupar a cadeira de Magid Thomé Filho, na reestruturada Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico - apresenta certa preocupação a respeito da carência de força de trabalho capacitada para assumir as vagas de trabalho disponíveis. Para ele:

*As indústrias, porém, ao virem para a cidade, se ressentem da falta de mão-de-obra apta a trabalhar com indústria. Durante a sua história o trabalhador três Lagoense se acostumou a atuar em fazendas e comércio, onde as exigências são diferentes da indústria. Esse é nosso grande desafio, conscientizar o trabalhador sobre o grau de comprometimento de uma indústria, com sua rigidez em turnos, horários e preocupação com a produção.*²¹³

Nesta ocasião, esse representante do Governo Municipal percebe a eminência das forças históricas impondo certo movimento no organismo social em construção, os costumes dos homens e mulheres três Lagoense, que é herança cultural advinda de uma realidade econômica camponesa e comercial, são trazidos na fala de Marcos Leonardo Moura, como algo que impõe obstáculos no trilhar do desenvolvimento almejado.

Na mesma página desse jornal - que teve como prioridade nesse primeiro de maio de 2002, queixar-se da qualidade da mão-de-obra do trabalhador local -, com o tema “Trabalho para os jovens” é dada seqüência ao debate:

*A falta de uma consciência sobre como encarar o trabalho numa indústria faz com que haja grande rotatividade nas empresas instaladas. Até pela falta de adaptação dos funcionários às cobranças do dia-a-dia numa indústria de alto nível. Segundo Moura, apenas com capacitação e aprimoramento é que o candidato poderá almejar uma vaga nas novas indústrias que estão chegando, com condições de permanecer no emprego.*²¹⁴

Nesta matéria, os trabalhadores são intimados a ingressarem em cursos de capacitação profissional, como prerrogativa para não perderem sua vaga no bonde do

²¹² Marcos Leonardo Moura é irmão da professora de Letras da UFMS, Márcia Moura, que foi Vereadora no período do segundo mandato do Governo Municipal de Issan Fares (2001-2004). Neste período Magid Thomé Filho deixa a pasta da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico para ser Vice-prefeito e Marcos Moura assume o cargo. Ele é hoje Diretor Suplente do Sindicato Rural de Três Lagoas, um sindicato de proprietários rurais, sua irmã Márcia Moura, assumiu em 2009 a Vice-prefeitura de Três Lagoas, e a pasta da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, que inclui os departamentos de Indústria, Comércio e Turismo de Três Lagoas.

²¹³ INDUSTRIALIZAÇÃO gera 2,1 mil empregos. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 01 mai. 2002, p. 03. [grifo meu].

²¹⁴ TRABALHO para os jovens. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 01 mai. 2002, p. 03.

desenvolvimento que passa pelos trilhos da cidade. Os cursos de formação profissional surgem como pré-condição para a inserção nas fileiras de emprego fabril.

A questão da mão-de-obra especializada para atender as fábricas que são instaladas e a adaptação à disciplina rígida da fábrica são dilemas que surgem no limiar da instalação de fábricas em Três Lagoas, expondo a desarmonia quase sempre existente entre capital e trabalho.

O fato de criarem cursos profissionalizantes, por si só, sem um estudo detalhado dos principais pontos de carências de força de trabalho especializado, não suaviza o desencontro entre abertura de vagas e disponibilidade do profissional capacitado para o posto, como mostram os dois casos apresentados abaixo.

Em um primeiro caso foi disponibilizado, pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), quarenta vagas para um curso de treinamento empresarial e só dez vagas foram preenchidas.²¹⁵ Em uma situação adversa, o então vereador, e posteriormente vice-prefeito, Luiz Akira, um dos políticos responsável pela aprovação de leis municipais de incentivos fiscais, relata que:

*Em outro caso, a Chamflora pediu ao Sistema Nacional de Emprego (SINE) um reciclador de celulose, especialidade que já deveria existir aqui devido à vinda de uma empresa, como a Champion [hoje International Paper], que necessitava deste profissional. Dentro de quarenta inscritos, não existia nenhuma pessoa qualificada para este cargo.*²¹⁶

Ao refletir sobre esta situação, percebo que a insuficiência de meios adequados para promover a formação de mão-de-obra, para atender as solicitações das indústrias, torna problemático o acesso ao emprego para o trabalhador, e para o patrão dificulta a consolidação de uma equipe profissional tecnicamente preparada para atender a linha de produção de suas fábricas. Causando, o que alguns economistas costumam identificar como desemprego estrutural, expondo a inexistência de pessoas com perfil profissional exigidos pelas empresas.

3.2 As articulações para a montagem de um quadro capacitado para atender à linha de produção têxtil

²¹⁵ MÃO-DE-OBRA: Comissão quer estimular aperfeiçoamento. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 12 mar. 1997, p.03.

²¹⁶ Ibidem.

É a partir das articulações políticas e montagem das estruturas de formação de mão-de-obra que posso melhor entender como foram forjadas as estratégias de recrutamento, seleção e inserção de trabalhadores no universo de relações de produção fabril. Por ser esse momento o princípio do contato entre trabalhadores, instituições de formação profissional e os capitalistas industriais, ele assume uma abrangência significativa para complementar à compreensão do percurso trilhado por trabalhadores durante os anos que perpassam a história do trabalho fabril em Três Lagoas.

Surgem vagas em cursos de formação profissional, mas não aparecem candidatos para preenchê-las; empresas solicitam profissionais e a cidade não os têm disponíveis para atender à demanda. Ambas as situações ilustram a complexidade existente no interior desse processo acelerado de desenvolvimento econômico, e o trabalhador é quem sofre as mais duras consequências, se expondo a situações, por vezes, constrangedoras.

Fornecer meios adequados e conscientes para que esses trabalhadores possam ser inseridos no mercado de trabalho, viabilizar força para amenizar o impacto do encontro dessas relações entre capital industrial e trabalho, deveria ser prioridade nas ações dos grupos possuidores da hegemonia política e econômica. Tais ações devem ter por fundamento articulações que envolvem estratégias de qualificação de mão-de-obra eficiente e consciência de que não só o emprego pode melhorar a vida da totalidade de uma população.

Ismael Gilio chama a atenção para essas questões ao apresentar a seguinte perspectiva:

A seu turno, os municípios vêm desenvolvendo políticas de incentivo a implementação de novos empreendimentos geradores de empregos, sem que, necessariamente, disponha de mão-de-obra qualificada para atender a nova demanda. Ou seja, deve-se estar atento para que a cidade esteja preparada para abrigar as funções que os atuais e novos empreendimentos solicitam [...] O atual momento econômico exige dos municípios a capacidade de analisar as tendências estruturais do ambiente, nesse caso os fenômenos sociais e econômicos, e de ativar os recursos (físicos, financeiros e humanos) na qualificação de sua mão-de-obra.²¹⁷

A formação de mão-de-obra é questão primordial para que se possam implantar indústrias em novos territórios que se propõem a industrializar-se, no entanto, somente a

²¹⁷ GILIO, Ismael. op. cit., 2000. p. 95.

formação básica de mão-de-obra pode não resolver todas as questões que envolvem a inserção de trabalhadores nas linhas de produção fabril.

Na tentativa de avançar, no sentido de criarem cursos certos para atenderem a demanda das fábricas, foram feitas parcerias entre o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, Prefeitura Municipal, SENAI e SINE; com o apoio de instituições como Ministério do Trabalho, Fundo de Amparo ao Trabalhador, Secretaria de Trabalho, Emprego e Renda; também a Comissão Estadual de Emprego de Mato Grosso do Sul e Comissão Municipal de Emprego.

Essas instituições criaram, por meio do *Projeto Saber*, sob administração do SINE, o *Plano Municipal de Qualificação (PMQ)* destinado a traçar em planilhas um estudo apurado das necessidades de profissionais qualificados mais urgentes e específicas para atender a linha de produção das fábricas, procurando eliminar o desencontro entre abertura de cursos e a oferta de vaga de emprego.

Essa planilha tem o caráter de viabilizar os cursos que são prioritários, para atender às necessidades de força de trabalho das empresas que instalam unidades de suas fábricas na cidade. Por meio dessas planilhas são traçados os seguintes planos: a) elaborar os cursos por ordem de prioridade das aberturas de vagas de trabalho, b) identificar à clientela apta para fazerem os cursos, nesse caso, se, desempregados, empregados ou sob risco de perder o emprego, c) identificar para qual atividade econômica específica será destinada à formação de mão-de-obra, d) selecionar o número de pessoas a serem qualificadas, e por fim, e) elaborar uma justificativa da abertura do curso.²¹⁸

Depois que o SINE faz a inscrição e seleção conforme identificação do perfil profissional que as fábricas necessitam, os candidatos são direcionados à escola do SENAI, que inicia um processo de estruturação dos cursos de capacitação para atender a demanda das fábricas.

No SENAI encontra-se outra planilha, essa denominada *Sistema de Controle de Produção (SCOP)*. Através desse material tive acesso ao quadro de pessoas formadas pelo SENAI nos mais variados cursos, mês a mês, durante os anos 1998 a 2003. Optei por

²¹⁸ GOVERNO Popular do Mato Grosso do Sul, Projeto Saber. *Plano Municipal de Qualificação*. Três Lagoas, 2001. s/p.

selecionar apenas os cursos que correspondem ao trabalho no setor têxtil, por ser esse o setor circunscrito na pesquisa.

A delimitação da coleta desses dados que são componentes da Tabela 02, não ocorreu por achar esse corte temporal relevante para a pesquisa. Esses dados eu encontrei no “*Núcleo de Documentação Histórica Honório de Souza Carneiro*” da UFMS, Câmpus de Três Lagoas. Proveniente de um trabalho de coleta de fontes feito por essa instituição no ano de 2004, o que fez com que os dados tivessem como final o ano de 2003.

Por vezes, fui até o SENAI à procura de acesso a informações em seus arquivos, na tentativa de acrescentar ao meu trabalho dados posteriores a 2003, mas, por motivos diversos, fui impedido de ingressar nesses arquivos, fazendo com que encerrasse em 2003 os valores da tabela montada a partir das planilhas do SENAI.

O ano de 2003 foi o marco final da maioria dos cursos que atenderam a demanda das fábricas têxteis, ficou apenas o curso de costura industrial, ainda que de maneira reduzida, funcionando posteriormente nas instalações do SENAI. Pois, devido à falta de estrutura que existia no prédio do SENAI, já em 2002 os cursos existentes começaram a serem substituídos por outros, destinados ao setor industrial calçadista. Essa substituição foi motivada pela abertura de novas demandas das fábricas de calçados que vieram para Três Lagoas oriundas de Birigui e Franca, no interior de do Estado de São Paulo.

Por conseguinte, os números apresentados na Tabela 02, que versa sobre a relação de cursos oferecidos pelo SENAI, são amplamente significativos para que sejam extraídas algumas informações sobre o andamento do processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas. Esta tabela apresenta alguns valores representativos para a compreensão da dinâmica forjada em torno da expectativa de consolidação de um quadro de mão-de-obra apta para atender aos anseios dos empreendedores industriais.

Em função disso, tem-se no programa de desenvolvimento da cidade a preocupação de se criar condições para que os trabalhadores possam ser inseridos no mercado de trabalho, através de cursos profissionalizantes fornecidos principalmente pelo SENAI, que tem acolhido com atenção a solicitação de empresas para que os cursos disponibilizados possam atender às suas demandas.

Tabela 02 – Relação de cursos oferecidos pelo SENAI para atender a linha de produção das fábricas têxteis de Três Lagoas. Anos letivos 1998 a 2003.

Nome do curso	Gênero		Idade				Escolaridade			Situação	
	M	F	Até 18	19/24	25/34	Mais de 35	Fund.	Médio	Superior	Emp.	Desemp.
Costura industrial	12	3	1	3	5	5	10	2	-	3	9
Modelista industrial	-	8	-	-	2	6	6	2	-	-	8
Total 1998	12	11	1	3	7	11	16	4	-	3	17
Costura industrial	28	237	37	54	80	94	194	68	3	4	261
Tecelão	47	5	2	17	24	9	-	46	6	-	52
Rementina	8	61	12	19	30	8	5	62	2	-	69
Total 1999	83	303	51	90	134	111	199	176	11	4	382
Costura industrial	53	296	57	84	118	90	232	114	3	-	349
Tecelão	48	2	12	22	11	5	15	30	5	-	50
Rementina	-	59	12	20	19	8	13	43	3	-	59
Urdideira	-	24	3	11	8	2	-	24	-	-	24
Prep. confecção de cortinas	20	57	9	24	25	19	48	28	1	3	74
Revisor de tecidos	-	23	-	9	8	6	-	21	2	-	23
Bordados em fitas	-	27	4	6	9	8	13	11	3	-	27
Elétrica básica industrial	15	-	-	4	9	2	6	9	-	15	-
Total 2000	136	488	97	180	207	140	327	280	17	18	606
Costura industrial	23	259	27	71	100	84	144	126	12	40	242
Tecelão	139	-	21	81	33	4	48	78	13	-	139
Prep. confecção de cortinas	23	88	13	44	28	26	58	51	2	-	111
Prep. confecção de jeans	2	18	1	3	5	11	11	9	-	-	20
Operação de empilhadeira	19	-	-	9	7	3	5	9	5	19	-
Total 2001	206	365	62	208	173	128	266	273	32	59	512
Costura industrial	17	202	37	48	82	52	123	93	3	-	219
Tecelão	36	30	21	30	15	-	45	18	3	-	66
Prep. confecção de cortinas	39	154	13	73	67	40	110	78	5	-	193
Introd. mec. tec. Industrial	18	-	1	4	4	9	6	12	-	-	18
Elétrica manutenção ind.	14	1	1	4	7	3	6	9	-	-	15
Encanador industrial	17	-	-	10	1	6	8	9	-	-	17
Operador de empilhadeira	23	-	8	7	8	8	8	13	2	23	-
Total 2002	164	387	81	176	126	118	306	232	13	23	528
Costura industrial	15	174	36	74	62	17	72	108	9	2	187
Operador de máquinas	-	30	2	10	16	2	14	16	-	-	30
Operador tingidora e pintura	17	3	2	8	6	4	11	9	-	-	20
Assistente adm. Industrial	33	37	6	33	23	8	1	42	27	41	29
Mecânica manutenção máq.	18	-	18	-	-	-	18	-	-	-	18
Operação de empilhadeira	41	1	-	14	17	11	17	25	-	36	6
Total 2003	124	245	64	139	124	42	133	200	36	79	290
Total geral	725	1799	356	796	771	550	1247	1165	109	186	2335

Fonte: Sistema de controle de produção (SCOP), SENAI, Unidade de Três Lagoas. Elaboração: W. A. Alves.²¹⁹

²¹⁹ As planilhas PMQ e SCOP, que possuem os dados que serviram para a montagem da Tabela 03, foram cedidas pelo Núcleo de documentação “Professor Honório de Souza Carneiro” da UFMS, campus de Três Lagoas.

Com o passar dos anos, após a chegada das primeiras fábricas, os cursos surgiram com a perspectiva de suprir as necessidades da linha de produção. Entre os anos de 1998 e 2003 encontra-se o período sazonal da edificação do parque industrial têxtil de Três Lagoas²²⁰ e, por conseguinte, a formação profissional para atender esse setor produtivo ocupa a maioria das vagas disponíveis.

Nesse período, sobressaiu a formação de profissionais especializados em costura industrial, em sua grande maioria mulheres. Segundo os dados do *Sistema de Controle de Produção (SCOP)* do SENAI, os números de abertura de vagas saltaram de 12 alunos formados em 1998 para 265 em 1999. O SENAI mantém essa margem numérica de aperfeiçoamento de pessoal em costura industrial pelos quatro anos subseqüentes, com queda na formação prática desses profissionais a partir de 2003 com 189 capacitados. Perfazendo um total de 1274 trabalhadores que passaram pelos cursos de costura industrial até 2003.

Dessa forma, a formação de um quadro feminino de mão-de-obra, e, por conseguinte, a inserção de parte dessas mulheres no mercado de trabalho fabril, promove uma intensa mudança no seio das relações sociais existentes em Três Lagoas, no que tange às questões que abrangem os papéis que, por vezes, é reservado às mulheres.

Papéis esses representados não no sentido que abarca a vida em família, quando esta é sustentada por princípios morais ditos tradicionais, e sim, no sentido dos espaços de trabalho que parte significativa de mulheres trabalhadoras três Lagoenses eram obrigadas a ocuparem, por força da falta de oportunidades oferecidas no restrito mercado de trabalho existente, até então, na cidade.

A expansão do trabalho feminino, dentro das estruturas componentes da reestruturação produtiva, está relacionada às questões salariais. Trabalho feminino simboliza, para o patronato, economia com gastos na manutenção do quadro de força de trabalho contratada. O mesmo pode ser dito, segundo Ricardo Antunes, no que concerne aos direitos trabalhistas e condições de trabalho. Fica também relegado o papel feminino na

²²⁰ Cf. Tabela 01- Entradas com Reclamação Trabalhista junto a Justiça do Trabalho de Três Lagoas/MS - Reclamações de trabalhadores do setor têxtil 2003/2007, apresentada na página 62, nela tem-se as informações referentes ao ano de chegada de algumas das fábricas têxteis em Três Lagoas.

fábrica, àqueles serviços que exigem qualificação rudimentar, muitas vezes fundada em trabalho intensivo.²²¹

As fábricas, ao trazer a expectativa de ampliação das frentes de trabalho, causam certa inflexão na vida de muitas mulheres, absorvidas por essas novas funções profissionais que privilegiam o gênero feminino²²². Para muitas delas o trabalho na fábrica, *a priori*, é bastante significativo, pois esse panorama pode configurar como a possibilidade de aumento do orçamento familiar, a saída da condição de desemprego ou subemprego.

A inserção no mercado de trabalho formal simboliza a conquista de certa dignidade, mesmo que seja uma dignidade regada pela exploração capitalista. Verônica Medeiros é uma dessas mulheres que da condição de subempregada tornou-se trabalhadora na fábrica de tecidos. Ao perguntar sobre a existência de oportunidades de trabalho antes da chegada das fábricas, Verônica Medeiros enfatiza:

*A princípio eu não tinha opção, se não tivesse esse serviço na fábrica o que eu estaria fazendo hoje? Olha que nem no meu caso, eu trabalho e estudo, hoje eu penso assim, em dar continuidade aos estudos, mas eu penso assim, se não fosse essa empresa eu talvez não... talvez eu estaria trabalhando de doméstica ou vendedora, a princípio era o que eu tinha na minha realidade naquele momento.*²²³

Vendedoras, domésticas, “donas de casa”, vão trocando ou incorporando outras funções, assumindo posição frente às máquinas de costura industrial, assim como nas urdideiras, ocupando outros espaços no interior das relações de trabalho e de vida na cidade.

Outro curso cogitado foi o de tecelão que teve demanda durante os anos de 1999 a 2002, com um contingente de 307 profissionais indispensáveis para colocarem em movimento a produção no setor têxtil. Os trabalhadores formados nos cursos de tecelão

²²¹ ANTUNES, Ricardo. op. cit., 1999, p. 105-106.

²²² Os motivos que levam muitos desses empreendedores optarem pelo trabalho feminino, assim como o estudo do papel da mulher dentro desse processo - que vai da vida em família, como mãe, esposa, dona de casa; para uma vida que passa a acrescentar o trabalho na fábrica aos seus papéis já desempenhados em sociedade - é muito relevante, pois como os números mostram, intensificou-se a inserção de mulheres no mercado de trabalho formal de Três Lagoas pós a chegada das fábricas. Por hora, não existe a possibilidade de avançar nesse tema, por força do tempo disponível para a conclusão desse trabalho, e também por não ser esse o enfoque da pesquisa, mas não descarto a possibilidade de debruçar-me sobre essas questões em outro momento.

²²³ Verônica Janaina de Medeiros - 26 anos, casada, natural de Três Lagoas. Ela é mãe de três filhas, trabalhou como faxineira em vários empregos, entrou na fábrica no ano 2000 ocupando esse mesmo cargo, hoje é chefe de turno no setor de urdir fios de tecido. Além de ser mãe, trabalhadora, concluiu curso superior de licenciatura em história na UFMS. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2007.

serão distribuídos em diversos setores da produção têxtil, não ficando restrito apenas às tecelagens.

Os cursos de preparadores de cortinas e de jeans, por sua vez, demonstram que os segmentos do setor têxtil compreendem desde a fabricação do fio de tecido à produção de bens de consumo. Além da fabricação de cortinas e calças jeans, existem outras produções derivadas de tecido, como a fabricação de bolsas, mochilas, meias, bonés; assim como uniformes para escolas, empresas e para o exército brasileiro. Estes últimos segmentos do setor têxtil utilizam, em grande parte, aquelas trabalhadoras formadas nos cursos de costura industrial.

As pessoas escolhidas para fazer os cursos têm, na sua maioria, idade entre 18 e 35 anos. Os níveis de escolaridade oscilaram em termos de ensino fundamental e médio, com alguns trabalhadores com ensino superior. Ainda segundo as planilhas do *Plano Municipal para Qualificação (PMQ)*, o público alvo para esses cursos foi composto, em sua grande maioria, por trabalhadores desempregados.²²⁴

Ao priorizar os desempregados na pauta dos recrutamentos para os cursos, tenta-se evitar a evasão de trabalhadores de outros setores empregatícios para o setor industrial têxtil. O desejo de migrar para o trabalho na fábrica, em muitos trabalhadores é motivado pela idéia de que o emprego na fábrica possa ser mais rentável, possibilitando, por exemplo, fazerem planos de ascensão profissional.²²⁵

Dessa forma, parte da população três lagoense é moldada às novas circunstâncias econômicas, que exigem profissionais com habilidades diferenciadas daquelas até então prevalentes na cidade como requisito para a inserção no mercado de trabalho.

Um grande volume de mão-de-obra passa a ser qualificada, de forma acelerada, porquanto, segundo a ótica exposta em matéria do *Jornal do Povo*: “Enquanto há muitos profissionais sem qualificação nenhuma perdendo as chances de encontrar bons empregos,

²²⁴ Esse método de só aceitar nos cursos trabalhadores desempregados não funcionou muito bem, pois, a expectativa de emprego garantido após a frequência no curso, fez muitos trabalhadores abandonarem seus empregos para poderem se enquadrar no perfil exigido pelos cursos de formação profissional do SENAI. A expectativa de trabalho na cidade até então correspondia às vagas disponíveis no setor comercial, administrativo ou ao trabalho no campo.

²²⁵ É articulada entre os grupos empresariais de Três Lagoas a intenção de se evitar a evasão de um setor empregatício para outro, a possibilidade de maiores garantias de estabilidade profissional na fábrica dificulta, para os empregadores do comércio, manterem seu quadro funcional estável.

*outros tem que estudar e se capacitar para ter condições sequer de disputar vaga nas indústrias”.*²²⁶

O gerente municipal de desenvolvimento econômico, Marcos Leonardo Moura, complementa: *“Toda a equipe do Dr. Issan tem a preocupação de fazer um trabalho especial com os jovens. Inculcando neles a necessidade do estudo e do aprimoramento constante, podemos ter gerações comprometidas com uma visão moderna do trabalho, e com certeza com chances reais de vitórias profissionais”.*²²⁷ Desse modo, assenta-se a idéia de investimentos em formação prática de trabalhadores como atitude suficiente para gerar inclusão no mercado formal de trabalho e renda.

3.3 Dos cursos de capacitação profissional às frentes de trabalho nas fábricas têxteis

Quando existentes, os cursos de capacitação de mão-de-obra são impostos pelas circunstâncias econômicas atuais, com carga horária quase sempre insuficiente, refletindo no padrão de qualificação dos trabalhadores. Portanto, cabe aqui o seguinte questionamento: será que apenas por meio de uma capacitação prática, o mercado de trabalho trêslagoense resolve sua carência de profissionais aptos para atender as exigências do mercado de trabalho que se levanta na cidade?

Considerando a projeção que esses investidores procuram dar a seu arcabouço produtivo - que é a organização de sua produção, capacitada à manutenção ou inserção em um mercado competitivo globalizado -, o aproveitamento desses cursos acelerados e de curta duração torna-se irrisório. Formam-se trabalhadores habilitados para executarem determinadas tarefas práticas, requeridas pelo mercado de trabalho que emerge, mas isso não é o que a ideologia do capitalismo neoliberal de flexibilização do trabalho impõe.

Ismael Gilio percebe que no atual estágio de desenvolvimento tecnológico, ampla oferta de mão-de-obra barata e semiquificada estão perdendo importância em termos produtivos, e não representam vantagens expressivas no cenário econômico internacional.²²⁸

²²⁶ TRABALHO muda perfil na cidade. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 01 mai. 2002, p. 01.

²²⁷ *Jornal do Povo*. op. cit., 01 mai. 2002, p. 03.

²²⁸ GILIO, Ismael. op. cit., 2000, p. 62.

A idéia de economizar nos investimentos para a formação de um corpo profissional capacitado para as novas técnicas da produção automatizada e de organização do trabalho, pode significar a aplicação dos métodos de reestruturação produtiva com uma grande fissura existente entre as máquinas utilizadas pelas fábricas de tecidos, que são dotadas de alta tecnologia e o trabalhador com formação técnica debilitada, com domínio limitado das esferas da produção, dotadas de avançada tecnologia.

O modelo de flexibilização do trabalho segue a idéia de politecnia, e para Demerval Saviani:

*Ela [a politecnia] postula que o processo de trabalho desenvolva, numa unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. Um pressuposto dessa concepção é de que não existe trabalho manual puro, e nem trabalho intelectual puro. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana, enquanto constituída pelo trabalho.*²²⁹

Somente por meio de uma formação que contemple a união entre trabalho manual e intelectual poderá elevar a qualidade da mão de obra apta para atuar plenamente nessas frentes de produção tecnologicamente modernas. Alcançando estágios que ultrapassem os métodos de organização da produção impostas pelas escolas econômicas liberais tradicionais. Na perspectiva de Demerval Saviani, daria a possibilidade de “domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o trabalho produtivo moderno”.²³⁰

Nessa perspectiva, tem-se como exemplo os cursos de formação profissional oferecidos pelo SENAI para atender a demanda de mão-de-obra das indústrias têxteis de Três Lagoas, esses cursos configuram como o primeiro requisito para o emprego na fábrica, porém, *a priori*, eles não garantem maior autonomia no trabalho. Para isso, segundo Ismael Gilio:

[...] requer-se iniciativa, capacidade de operar em equipe, de interação social, espírito crítico, disciplina, capacidade de aprender novas funções e de adaptação a novas situações, atitude mais aberta e favorável a mudanças, capacidade de

²²⁹ SAVIANI, Demerval. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1987, p. 15.

²³⁰ Ibidem, p. 17.

*identificar problemas e de tomar decisão, capacidade de seleção, trato e interpretação de informações.*²³¹

No conteúdo programático do curso de tecelagem, são registradas oitenta horas de aulas práticas no tear, e mais vinte horas de habilidades básicas²³², com um tempo não equivalente à metade de um mês de experiência de trabalho real no chão da fábrica, no mais, constitui-se como um dos poucos cursos que foram disponibilizados para atender ao setor têxtil.

Uma tecelagem moderna precisa de uma diversidade de profissionais para girarem as engrenagens de suas várias etapas de produção. Os cursos disponibilizados pelo SENAI, como mostra a Tabela 02, ficaram focalizados, em sua maioria, na formação de tecelões e operadores de máquina de costura industrial. Porém, fábricas como a *Nellitex* e a *Avanti*, utilizam outros tipos de profissionais que não foram incluídos nos programas de formação desses cursos profissionalizantes, como exemplo, operadores de fiação.

As vagas de trabalho disponibilizadas para o setor de fiação foram, em sua maioria, ocupadas por pessoas formadas no curso de tecelão, curso que promove habilidades totalmente diferentes das aptidões exigidas pelo setor contratante. Desse modo, coloca-se para os trabalhadores que são encaminhados para esses setores, um outro dilema, existente para engrossar o caldo de seus estranhamentos: a falta de habilidade para atuar operando máquinas totalmente desconhecidas.

Em síntese, o curso disponível para formar um tecelão pode ser o primeiro passo para o emprego nas fábricas, mas não garante a condição de profissional com práticas razoáveis para operar equipamentos complexos e sofisticados, de base micro-eletrônica.

Roberto Leme Batista, que na mesma perspectiva de Ismael Gilio, avalia as questões que dizem respeito à empreitada em busca da realização de qualificação profissional para atender ao sistema de reestruturação produtiva, chama a atenção para essa questão, pontuando que:

Essa realidade exige trabalhadores que possuam não apenas habilidades específicas para a sua operação, pois é necessário saber prever eventuais falhas, fazer reparos de

²³¹ GILIO, Ismael. op. cit., p. 68.

²³² CERTIFICADO de participação no curso de tecelão, realizado pelo SENAI, Três Lagoas/MS. Registro nº 2934.

*emergência e tomar decisões relativas à produção, para evitar que as atividades produtivas sejam interrompidas, provocando prejuízos ao capital.*²³³

Frente a essas considerações, observamos que a formação prática precária apresenta-se como obstáculo na labuta diária do trabalhador atuante nas fábricas têxteis de Três Lagoas. Os cursos de capacitação profissional disponíveis nem sempre correspondem às necessidades das fileiras da linha de produção, fazendo com que as fábricas inundem de trabalhadores despreparados, exigindo deles posicionamento profissional para o qual não foram instrumentalizados.

Mesmo com a falta de experiência, o trabalhador tem que garantir a atividade da máquina, e por sua vez, a produtividade. A carência de habilidades para lidar com a operação de máquinas é observada pelos patrões de forma depreciativa, expondo os trabalhadores a situações de descrédito, no que concerne à sua capacidade de aprendizado e atuação profissional.

Como Cláudio de Saul, no momento inicial da atuação das fábricas têxteis, ocupava cargo de encarregado de produção - o que lhe mantinha, por vezes, mais próximo da diretoria da fábrica em que trabalhava -, ele ouviu por várias vezes a seguinte colocação de seu gerente: *“Aqui tem uma lenda em que o trabalhador de Mato Grosso do Sul não trabalha, inclusive o gerente da empresa falava assim: ‘aqui o trabalhador bebe tereré’²³⁴ e planta mandioca e vive assim... entendeu, o cara não quer saber de trabalhar”*.²³⁵

A maneira em que se fazem alusão às dietas alimentares dos três lagoenses e, por sua vez, dos povos sul-mato-grossenses, como plantadores de mandioca e bebedores de tereré tem forte conotação xenófoba, ligando as questões da influência cultural paraguaia e indígena dessa região à suposta imagem de preguiça e degeneração. Isso traz certo

²³³ BATISTA, Roberto Leme. op. cit., 2003, p. 154.

²³⁴ O tereré bebida típica da região pantaneira e paraguaia é utilizada tradicionalmente em ritual de confraternização entre as pessoas. A bebida tornou-se popular no Estado de Mato Grosso do Sul. Tal ritual consiste em sentar-se em grupo, geralmente de familiares e vizinhos e socializarem uma cuia abastecida com erva mate desidratada, na qual é acrescentada água gelada, sorve-se com uma pipeta a água com que se regou a erva. Entre os grupos de jovens o tereré ocupa outros espaços, e no caso dos trabalhadores fabris, o tereré termina por acompanhá-los até a linha de produção, numa versão improvisada com copo descartável para colocar a erva, geralmente feito com lata de refrigerantes, e garrafa descartável PET (Politereftalato de etila) para abastecer a água fresca colhida no bebedouro da fábrica e levada para as frentes de produção. Daí, talvez, tamanho ranço dos patrões contra essa bebida.

²³⁵ Cláudio Antonio de Saul, depoimento citado.

constrangimento nos trabalhadores locais, haja vista que, tal conotação permeou e permeia os ambientes de trabalho em várias fábricas da cidade.

Fabio Teodoro dos Santos, trabalhador que fez vários cursos no SENAI e foi contratado para atuar como operador de fiação, narra os primeiros momentos como operador de fiação na fábrica *Nellitex*:

*Naquela época lá, como a máquina era uma máquina de última geração então ninguém entendia muito bem o que estava fazendo ali. Então, assim, os primeiros seis meses foram penosos, dominar a máquina e tal, aprender tudo certinho. Foi meio cobrado ali em cima, o cara ficava ali em cima 'ou [olha o] resíduo, a produção, vamos, vamos, vamos...' Mas depois que ele [o encarregado] aprendeu a regular a máquina, dominar ela, aí o serviço deu uma evoluída, uma prosperada boa, mas antes disso foi só cobrança, encheção de saco, aquela xingação da porra, o Calango [apelido do encarregado] gritando no ouvido da gente, dava vontade de meter a mão na orelha dele. Hoje é assim ainda, mas deu uma controlada boa mesmo, mas antes era bem chato trabalhar ali.*²³⁶

Maquinaria de alta tecnologia, e trabalhadores despreparados para atuarem frente a elas, essa é parte da rotina de trabalho no início da produção nas fábricas têxteis, arrastando por meses essa relação tensa entre os homens e mulheres que fazem frente à linha de produção. Vejamos que, segundo Fábio dos Santos, nem o próprio encarregado²³⁷ conhecia o processo de operação da máquina de fiação, causador de grande desperdício de resíduos - sobra da produção que vai ser reaproveitada na reciclagem - e gerador de pouca produtividade.

A falta de conhecimento técnico das funções e regulação dessas máquinas termina por recair sobre os ombros dos novos operadores, que são os mais baixos na escala hierárquica do setor, acusados de preguiçosos, sofrendo tamanha pressão por parte de seus superiores, forçados a adequarem a rotina tensa da fábrica por meio de métodos carregados de insultos.

De maneira mais sóbria, o ex-encarregado de produção, Cláudio de Saul, tece suas considerações a respeito da questão em pauta:

²³⁶ Fábio Teodoro dos Santos, depoimento citado. [grifos meus].

²³⁷ Em muitos casos, os encarregados de produção das indústrias têxteis são pessoas com vários anos de experiências no setor têxtil e, por motivos diversos, já se encontravam fora do mercado de trabalho fabril, e foram reintegrados no mercado formal de trabalho pelas fábricas de tecidos de Três Lagoas. Suas experiências estão ligadas a equipamentos já obsoletos, de manuseio mais rústico.

*Na verdade eu via que não era verdade, o que existia era uma falta de orientação, é, uma **adequação do trabalhador na indústria**, tanto que, quando era final de semana a indústria virava seis por doze, vinte e quatro horas, não parava, trocava os turnos, finais de semana a gente tinha, por exemplo, no começo, vinte funcionários, iam quatro, cinco pra indústria, a gente saia correndo ligando nas casas chamando, mas isso aí foi de início, depois o pessoal aprendeu que tinha que respeitar o horário, tinha que cumprir o horário, nós já ... após muitas reuniões com os funcionários, explicando para eles que não pode parar, entendeu, aí o pessoal se adequou e acabou o problema.*

O que Cláudio de Saul chama de dificuldade de adequação ao trabalho na indústria, Karl Marx identifica como um movimento impregnado de estranhamento, a exteriorização da atividade produtiva, o trabalho como não pertencente ao trabalhador, a infelicidade de se ver em uma condição impossível de desenvolver qualquer atividade física ou espiritual livre, e sim forçado, involuntário, obrigatório.²³⁸



Foto 2 - BARRIOS, Fábio C. *Trabalhador frente à máquina de fiação*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.

No mais, no ramo da atividade econômica de fabricação de fios, algumas dessas fábricas nunca tinham atuado, e as máquinas adquiridas por elas são capazes de executarem

²³⁸ MARX, Karl. op. cit., 2004, p. 82.

todos as etapas da produção de um fio de tecido, por conseguinte, os homens contratados para dirigirem a execução dessas máquinas, em tempo algum trabalharam nessas máquinas.

A fotografia em exposição acima é de uma máquina de fiação, essa máquina processa todas as etapas da produção do fio de tecido em suas mais variadas cores e medidas. Insere-se nela a matéria prima que é o polipropileno, após percorrer a trituração dessa matéria prima, derretimento, formação dos fios e por fim a texturização; têm-se as rocas de fios prontas para atender a fabricação de tecidos na tecelagem.

Sua operação e regulagem são bastante complexas, por tratar-se de fios bem finos produzidos em alta velocidade, o processo de regulagem dos pontos onde se processa os fios de tecido exige sensibilidade semelhante à afinação de um instrumento de cordas, o que demanda certa paciência e determinado conhecimento da máquina.

Cláudio de Saul faz um extenso e importante relato a respeito do processo de produção de uma fiação, tecendo comparações entre as máquinas das fábricas em que atuou em Americana e as novas máquinas instaladas em Três Lagoas:

Hoje a tecnologia nas máquinas em Três Lagoas está muito na frente de Americana, tanto que a produção está muito mais num fluxo muito maior do que em Americana, porque, porque as máquinas são mais rápidas, rodam oitocentos metros por minutos, lá em Americana era quatrocentos e cinquenta, quinhentos metros por minutos, você vê dobra a produção aqui em relação ao maquinário que tinha lá e que tem aqui, isso faz com que o trabalhador trabalhe muito mais aqui [...] lá [em Americana] a gente chama de arriada na indústria têxtil, pra você fazer uma arriada era seis horas de espaço de uma para outra, oito horas, até dezesseis horas tinha, aqui [em Três Lagoas] é quatro horas, três horas já está saindo uma arriada, quer dizer então, você atua muito mais na máquina do que lá, o fato de ela ser mais moderna não quer dizer que você, a sua mão de obra é menos nela, não é, acaba sendo mais porque ela produz muito mais, te ocupa muito mais na máquina, você não tem tempo pra sair, tanto que na hora de almoço é feito um revezamento, aquele operador vai pra almoçar outro vem ficar aqui no lugar, entendeu é assim, é feito uma escala, e tem que ser assim porque senão pára a máquina e não pode parar, o lema é não parar.²³⁹

A alta tecnologia apresentada pelas novas máquinas de fiação, além de exigir maior esforço e atenção dos operadores, apresenta outras qualidades e vantagens que interessam muito mais aos patrões que aos trabalhadores, vejamos na sequência do relato de Cláudio de Saul:

²³⁹ Cláudio Antônio de Saul, depoimento citado.

*A máquina, aqui pra você fazer o lançamento dela é muito mais rápido, ela é toda automática, quer dizer, lá eu me lembro muito bem que nós lançávamos uma máquina em seis operadores, três de um lado e três de outro; aqui dois operadores lançam, então quer dizer você tira o trabalho de quatro operadores pra fazer o mesmo serviço em um lançamento. A arriada, lá você precisava pegar uma pistola a ar, pegar roca por roca tirar e lançar, aqui ela é automática faz sozinha. O operador já tá correndo pegar as rocas lá no fundo pra não cair, então você entendeu, tirou mais [trabalhadores da linha de produção]. Lá você tirava a roca e um outro levava, aqui não, um só resolve, então quer dizer, essa modernidade tem dado melhor qualidade e maior produtividade, mas na questão de mão-de-obra, ela tem tirado a mão-de-obra do trabalhador, tirado o espaço do trabalhador.*²⁴⁰

As discussões em torno das transformações tecnológicas, mudança no perfil da qualificação dos trabalhadores em vista de maior especialização, estímulo a polivalência, trabalhos em equipes, novas estratégias de controle de mão-de-obra, por vezes saem dos círculos teóricos do capitalismo e podem chegar até a linha de produção de forma fragmentada, aplicadas de maneira ineficiente, gerando tensões, adaptações nem sempre condizente com as cartilhas teóricas.

Fábio dos Santos, a partir de suas experiências cotidianas em contato com as máquinas no setor de fiação, é enfático ao responder sobre o auxílio na sua formação para atender às necessidades existentes na frente de produção: “[...] quem capacitou a gente ali foi o tempo de experiência [...] foi mais o tempo mesmo, não foi ninguém não cara!”²⁴¹

É no ato da produção que a maioria dos trabalhadores das fábricas de tecido de Três Lagoas adquirem suas experiências, no chão da fábrica o que ocorre condiz muito mais com a realidade do trabalho do que as horas passadas nos cursos de formação de mão-de-obra, pois nesse ambiente o trabalhador termina por ter que aprender mais sobre a rotina disciplinar exigida pelas normas da fábrica, do que como operar uma máquina.

As formas que são forjadas as relações de produção fogem à linearidade dos modelos teóricos, sofrendo diversas adaptações, por um lado, com ações de trabalhadores buscando como resultado aliviar o peso de seu trabalho e garantir melhores condições de vida, e por outro, com os empreendedores procurando o melhor aproveitamento da força de trabalho e de produção.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ Fábio Teodoro dos Santos, depoimento citado.

3.4 Estratégias de conscientização e distribuição de papéis no interior das relações de produção

David Harvey, ao refletir sobre questões referentes à aplicação de métodos disciplinares para o controle das forças de trabalho e manutenção dos propósitos de acumulação de capital, aponta que para tanto é preciso envolver:

*[...] em primeiro lugar, alguma mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que tem de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo. A socialização do trabalhador nas condições de produção capitalista envolve o controle social bem amplo das capacidades físicas e mentais.*²⁴²

É perceptível o reflexo que a morosidade e insuficiência relacionada ao planejamento da capacitação da mão-de-obra apresenta, quando as articulações entre entidades de formação de mão-de-obra e poder público caminham em velocidade inferior a da instalação de parques indústrias na cidade.

A direção tomada pelo foco de iniciativas dos grupos hegemônicos que tem em mãos as rédeas do poder econômico e político e que deveria atuar criando estruturas para dinamizar o fluxo de circulação de trabalhadores, entre a formação prática e a atividades no interior das relações de produção, segue ilustrada como um improviso diante das circunstâncias por eles próprios planejadas.

Neste caso, devo considerar que o desenvolvimento industrial de Três Lagoas ocupa lugar de destaque na pauta dos discursos hegemônicos que permeiam essa cidade desde meados da década de 1970, o marco simbólico desse desejo de *progresso*, está fincado na conclusão da construção da “Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias” e concomitantemente do lançamento da pedra inaugural do “Distrito Industrial de Jupia” em 1975.²⁴³

²⁴² HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 119.

²⁴³ Cf. a imagem do Anexo D – “Monumento das Indústrias”, na página 177. Essa imagem refere-se ao monumento erguido em 12 de abril de 1975, como pedra inaugural do Distrito Industrial de Jupia e que ficou conhecido como “Monumento das Indústrias”. O distrito industrial teve ínfima representatividade no cenário econômico local, parte de seu espaço posteriormente foi destinada a outras atividades, como exemplo, a área reservada para implantação de um “cinturão verde” municipal.

Não podemos acreditar que - com quase trinta anos de debate em torno da tentativa de desenvolvimento industrial de Três Lagoas - tudo aconteceu tão repentinamente que “mal deu para arrumar a casa”.

Essa é a impressão que se tem, quando circulamos por entre as várias aflições que toma o discurso hegemônico, diante das conseqüências desfavoráveis que a dinâmica fabril trêslagoense tem causado, tanto para o trabalhador quanto para o empregador, como venho discorrendo acima no texto, resultando em: baixa produtiva, acidente de trabalho, ausência no emprego por doença ou insatisfação, entre outros problemas que vão aparecendo no decorrer do processo.

Após notarem os efeitos causados pela precariedade da formação da mão-de-obra trêslagoense, começa a disseminar críticas sobre a forma em que vem atuando os novos operadores de máquinas no interior das fábricas. Outras estratégias de tentativa de sedimentação da consciência laboral e disciplinar fabril são forçadas, desdobradas na acepção trivial de falta de capacidade do trabalhador em entender as mudanças ocorridas em suas vidas a partir de sua inserção no universo de trabalho fabril.

Odaírcio Garcia, economista e presidente da empresa Champion Papel e Celulose Ltda, uma das indústrias instaladas em Três Lagoas, apresenta sua colaboração para o entendimento do papel delegado a cada indivíduo dentro das relações de produção em fragmento selecionado pelo *Jornal do Povo*:

*Entendemos o nosso papel de empregador, mas também nossa responsabilidade para com o crescimento e difusão do espírito de cidadania nas comunidades onde vivem nossos colaboradores e colegas. [...] os componentes estão todos aí, daí nosso otimismo em dias melhores, desde que empresas, governantes e cidadãos entendam qual é a responsabilidade de cada per si.*²⁴⁴

Eis, segundo a mentalidade patronal, o lugar legado para cada um nessa jornada, os papéis têm que ser bem distribuídos e assimilados. Para o patrão, o que lhe cabe é oferecer empregos para a população, promovendo, *latu sensu*, o espírito de cidadania e inclusão, e “os colaboradores”, esses devem retribuir com seu suor diário e sua dedicação total às causas da empresa em que trabalha, superando “suas imperfeições” e oferecendo garantia de um maior rendimento produtivo.

²⁴⁴ AS EMPRESAS e a comunidade. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 10 mai. 1997, p. 2.

Nesta perspectiva, de colaboração mútua, dedicação ao trabalho, amor à camisa da firma etc., os empreendedores acreditam que pode ser revertido o quadro de insubordinação, de desinteresse e incapacidade de assimilar a disciplina no trabalho. Para tanto, consultores foram contratados para proferir palestras sobre motivação e relações comerciais no mercado de trabalho, com a finalidade de incutir nos trabalhadores uma nova postura frente à disciplina do trabalho.

O primeiro palestrante a despontar em Três Lagoas, com a tarefa de implantar no trabalhador a idéia de que a ele é reservado determinadas posições no interior das relações de trabalho, foi Silvio Luiz, que no dia 31 de julho de 1997 esteve no SENAI proferindo palestra sobre a visão dinâmica e atual das relações comerciais no mercado de trabalho, ou seja, compra e venda da força de trabalho.

Na sua visão economicista neoliberal, segundo o *Jornal do Povo*, “[...] atingir índices elevados de produtividade e lucro exige de empresas e empregados consciência sobre os desafios que permeiam na atualidade a economia globalizada”.²⁴⁵

A questão é que os desafios lembrados por Silvio Luiz, não são homogêneos, no interior das relações produtivas, trabalhadores e patrões ocupam posições distintas. A divisão das responsabilidades, o retorno econômico obtido com a elevação da produtividade, pesam na balança capitalista de maneira mal distribuída. Desse modo, fica o trabalhador posicionado no lado mais pesado da balança, na hora de aferir responsabilidades com a elevação da produção, e do lado mais leve, no momento de computar a distribuição do lucro.

Para os homens e mulheres, que têm como propriedade apenas sua força de trabalho, tais negociações, objetivam-se em maior responsabilidade e menos retorno econômico, sujeitados a superexploração e condenado ao trabalho árduo e aos baixos salários. Em síntese, não passa de pura demagogia o discurso de consciência recíproca sobre os desafios econômicos da atualidade.

Outro palestrante pertencente à caravana dos agoureiros do capitalismo, incumbido de tentar levar o consenso para os agentes inseridos na concorrência intercapitalista²⁴⁶, foi

²⁴⁵ CONSULTORES visitam Três Lagoas para proferirem palestras para trabalhadores. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 02 ago. 1997, p. 03.

²⁴⁶ Paulo Sergio Tumolo, ao fazer um estudo sintético sobre o significado do trabalho expresso nas obras de Karl Marx, aponta duas contradições básicas do movimento do capital, qual seja: a concorrência intercapitalista, que é a

Alfredo Rocha, psicólogo, filósofo e sociólogo do capitalismo, especializado em comunicação. Ele viaja o território brasileiro proferindo palestras para trabalhadores e empresários, esteve em Três Lagoas no dia 12 de agosto de 1997, e trouxe em sua bagagem a palestra intitulada *Motivando todos para a qualidade*.

Seu interlocutor, Felício de Melo, promotor da palestra e gerente da empresa Serviço Nacional de Desenvolvimento Empresarial, apresenta as idéias de seu palestrante: “*Ele procura conscientizar a todos da qualidade pessoal e profissional, fazendo com que funcionários adotem nova postura*”.²⁴⁷

Com esse discurso de unicidade no mundo do trabalho, com patrões e empregados remando na mesma direção, e no mesmo barco, Felício de Melo continua sua explanação para o *Jornal do Povo*, do que é apresentado na palestra de Alfredo Rocha:

*Se não estiver produzindo [o trabalhador], ele esta contribuindo para fazer água. Um mito que Rocha desfaz é de que no Brasil o empregado acredita que é explorado e apenas gera lucro para o patrão. Na realidade, Rocha demonstra que o funcionário, com sua produção, trabalha é para ele, gerando sempre ganhos. Para tanto, Rocha enfatiza que desperdício, mesmo considerados a principio insignificantes, têm custo alto no final das contas. Uma das comprovações a que se chega é que as pessoas pessimistas ou negativas acarretam em improdutividade no trabalho.*²⁴⁸

É surpreendente a maneira como esses palestrantes visualizam o universo produtivo capitalista, assim como, a destreza em trazer em suas discussões uma infinidade de disparates em relação à realidade econômica em seus mais variados contextos, concentrando seus discursos naquilo que agrada aos ouvidos de capitalistas entusiastas, numa ansiedade enorme de ocultar a frieza e as tensões que perpassam as realidades originadas em meio aos mecanismos desenvolvidos no seio do capitalismo moderno.

Esses profissionais ardilosos têm como proposta, venderem por onde passam, um pacote contendo o que de mais vago e superficial existe no mundo das ideologias²⁴⁹, com

expressão da divisão social do trabalho no capitalismo; e a contradição entre as duas classes sociais fundamentais, burguesia e proletariado, materializado na divisão do trabalho na empresa capitalista. TUMOLO, Paulo Sérgio. *O significado do trabalho no capitalismo e o trabalho como princípio educativo: ensaio de análise crítica*. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/ts8.doc> Acesso em 27 de outubro de 2008, p. 14

²⁴⁷ PALESTRA motiva funcionários. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 02 ago. 1997, p. 03.

²⁴⁸ Ibidem. [grifos meus]

²⁴⁹ Jorge Luis Acanda utiliza como plataforma teórica para refletir sobre o conceito de liberalismo, o termo *ideologia* segundo a acepção dada a esse termo por François Chatelet, que por sua vez, procura dar um sentido mais amplo a esse termo que o seu significado, entre vários outros, de “falsa consciência”. Venho

palavras regadas de olhar comum, sem precisão nem propriedade; e acreditam serem capazes de simplesmente injetá-las numa realidade social em transformação, com todas as suas fissuras e fraturas expressas em movimentos concretos cadenciados pelas engrenagens das máquinas.

Eles trazem palavras positivas, sustentadas por pontos de vista teórico débil e as lançam com falsa propriedade, numa expressão de intensa aflição diante do que é evidente: do ato de compra e venda de mão-de-obra até a possibilidade de realização completa dos preceitos capitalistas existentes nele, existem uma miríade de movimentos históricos, nunca lineares e modelares; e sim, plurais, dotados de intensidade, de choque de interesses, de busca pela subsistência, de realização de sonhos, que é a busca por tornar-se real e efetivo um desejo, e tudo isso é bem mais forte que simples palavras ornamentadas, porém pouco sustentáveis.

O receio de colocar em risco os investimentos implantados em solo trêslagoense demanda essas manobras. Para evitar oscilações em torno do projeto hegemônico de construção de um pólo de desenvolvimento industrial, vale todo tipo de investimentos. Essa idéia de implantar nos trabalhadores padrões de comportamentos que condizem com uma perspectiva capitalista utópica, com trabalhadores e empregados munidos dos mesmos ideais em favor da produção, irá permear todo o ano de 1997.

Em algumas ocasiões a idéia de colaboração mutua aparece como ensinamento de como devem atuar os cidadãos na grande tarefa de edificação do *progresso*. Em outros momentos esses discursos aparecem como palavras de ordem contra os “incapazes” de entenderem a “essência” do trabalho na vida dos homens. O *Jornal do Povo* vai buscar um texto no jornal do *Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina*, para poder apontar os ganhos e perdas quando se está inserido no mundo do trabalho:

utilizando o termo *ideologia* em perspectiva semelhante à elaborada por François Chatelet, visto que abrange um sentido mais amplo. Para François Chatelet, citado por Jorge Luis Acanda, tem-se: “*Ideologia é o sistema mais ou menos coerente de imagens, idéias, representações globais e, também, gestos coletivos, rituais religiosos, estruturas de parentesco, técnicas de sobrevivência (e de desenvolvimento), expressões que agora chamamos de artísticas, discursos míticos ou filosóficos, organização de poderes, instituições, e os enunciados e forças que essa põe em jogo, sistema que tem por fim regular, no seio de uma coletividade, de um povo, de uma nação, de um Estado, as relações que os indivíduos mantêm com os seus, os estrangeiros, a natureza, o imaginário, o simbólico, os deuses, a esperança, a vida e a morte*”. CHATELET, François; MAIRET, Gérard. appud ACANDA, Jorge Luis. op. cit., 2006, p. 72-73.

*Tem gente que não percebe que viver reclamando só serve para piorar as coisas. Conheço pessoas que só vivem para reclamar de tudo. Com uma visão extremamente negativa das coisas, essas pessoas só conseguem ver defeitos, erros, encontrar motivos para, cada vez mais reclamar de tudo e de todos.[...] Conheço empregados que ao invés de ver os benefícios que recebem da empresa, as coisas positivas que seu emprego lhe oferece, vivem reclamando de pequenas coisas, achando ruim de coisas sem importância e criando um clima de insatisfação nos outros e em si próprio. Esses funcionários só reconhecem os valores e benefícios de suas empresas depois que são dispensados, depois que deixam a empresa e, arrependidos, vão ter maior contato com a realidade exterior e ver que a empresa em que trabalhava era, de fato, uma boa empresa ou pelo menos procurava ser e fazer o melhor que podia.*²⁵⁰

O estado de vitimização depositado na figura da *empresa* é manifesto, e o funcionário é apontado como um mal sujeito, ingrato para com o benefício de se estar empregado. Com tom ameaçador seu final é prognosticado: a exclusão do mercado de trabalho, pois a *empresa* não tolera o sentimento de insatisfação em suas dependências. Neste sentido, a *empresa* é a salvaguarda dos males do mundo exterior, para ter a garantia de sua proteção, exige-se em troca total consideração e dedicação a ela, segue a transcrição:

*[...] conheço pessoas que só falam mal de seus chefes, de seus subordinados, de sua empresa, de seus colegas de trabalho. Essas pessoas são doentes. Não podem ser consideradas pessoas sãs. Quem vive reclamando, falando mal dos outros, reivindicando dia e noite maiores benefícios, é uma pessoa que precisa ser retreinada a ver o outro lado do mundo, o outro lado das pessoas. [...] Como é você? Será que você não adquiriu um verdadeiro ‘vício’ de reclamar de tudo e de todos? Será que você não adquiriu o mal habito de falar mal de sua empresa, de seu chefe, de seus subordinados, de tudo e de todos. [...] Mude enquanto é tempo. Seja sincero com a sua própria consciência e veja que há muitas coisas positivas em seu trabalho, em sua empresa, no seu chefe, nos seus subordinados. Pense nisso. Sucesso!*²⁵¹

O sentido colaboracionista toma todo o texto, e é isso que se deseja, tornar-se senso comum em Três Lagoas à idéia de colaboração popular para com os interesses hegemônicos capitalistas, que seus habitantes se sintam parte integral do processo de desenvolvimento local, colocando a cidade e a *empresa*, como preceitos acima de seus próprios anseios enquanto pessoa, enquanto ser humano.

O tom ameaçador vem fechar o texto, a negação das normas impostas pelo capitalismo, o não enquadramento nos propósitos econômicos alimentados pelos dirigentes locais, é sinal patologicamente identificável. E por fim, a pergunta, com seu teor de

²⁵⁰ PARE de reclamar (e produza mais). *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 06 ago. 1997, p. 10. Matéria transcrita do *Jornal do Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina*, julho de 1997.

²⁵¹ Ibidem.

advertência: “*Como é você?*”, chamando o trabalhador para que faça uma auto-avaliação, e a partir dessa introspecção consiga identificar que tipo de sujeito ele é, sabendo que tipo de sujeito se deve ser, por certo, fica a advertência: cuidado! Você sabe qual é o fim de quem não se enquadra, não queira ser, nem andar fora da linha imposta pelo capitalismo.

Em última análise, a coerção é método a ser utilizado pelos empregadores através da ameaça de dispensa do emprego: “*Esses funcionários só reconhecem os valores e benefícios de suas empresas depois que são dispensados*”, ou seja, ou o funcionário se enquadra ao perfil que é conveniente para a empresa, ou então não serve para ocupar determinado posto de trabalho.

A reivindicação também é ato de insubordinação que não se deve cometer, e se cometido, somente passando por um novo processo de treinamento em que este possa enxergar pelos olhos do capital e ver o “*outro lado do mundo*”, o da subordinação passiva diante dos interesses do patrão.

Contagiado com essa fluência de discursos em torno dos papéis que devem ser ocupados pelos homens e mulheres no interior das relações de trabalho, o *Jornal do Povo*, na pessoa de seu diretor, Stênio Congro, não poderia deixar de lançar também a sua parcela de colaboração na construção desse pilar ideológico de dedicação ao trabalho:

*O cidadão bem orientado na vida é aquele que sempre se houve com plena e integral dedicação ao trabalho diário e às suas tarefas específicas, sempre terá motivos de satisfação e alegria para registrar na sua vida ou pela vida inteira, recebendo aplausos de aprovação dos seus superiores, que passam a cada dia a confiar mais e mais no seu funcionário. Assim é que o cidadão recebe sempre as missões mais difíceis de serem cumpridas, porque os chefes reconhecem que no seu trabalho, já comprovado e provado no serviço à dedicação plena no cumprimento do dever, configurado, afinal, além dos deveres que é obrigado a acatar e respeitar, a existência de elos de amizade que nascem fortes e indestrutíveis. Numa grande empresa é preciso que surjam profissionais desse quilate e capacidade [...] **Para essa missão indispensável que os chefes e donos desses conglomerados se atenham à escolha de homens e mulheres qualificados para esses serviços importantes. Quem for capaz e qualificado para essa boa e eficiente escolha poderá partir para a solução ideal e o êxito e coroamento de vontades na obtenção de lucros, através da eficiente fórmula de aplicação do capital.***²⁵²

²⁵² CONGRO, Istênio. A dedicação ao trabalho. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 02 out. 1997, p. 02. [grifos meus].

Apesar de serem textos datados de 1997, eles estão significativamente relacionados à expectativa de desenvolvimento fabril instaurada na mentalidade três lagoense²⁵³, e a perspectiva de exigência de qualificação já é apontada como pré-requisito para alcançar o perfil desejado pelos contratantes. Uma vez que o mercado de compra e venda da força de trabalho para atender o processo de produção capitalista que se abre na cidade é exigente, no que tange a seleção de mão-de-obra competente para atendê-lo:

*O pensamento constante [dá seqüência o texto de Stênio Congro], vetor de equilíbrio permanente da vontade da chefia ou das chefias, são elementos que se juntam todos os dias, qual coração pulsante, para dar e marear a vontade dos elementos maiores e responsabilidade da organização comercial, que jamais poderá falecer por falta de elementos seguros e formados por aqueles que pensam em serem úteis e capazes, sem quaisquer erros, **não decepcionando dirigentes que conduzem e orientam a embarcação, posta na imensidão das águas revoltas** do mercado incerto e as vezes, mal orientadas pelas próprias decisões governamentais.*²⁵⁴

Com linguagem poética carregada de alegorias, Stênio Congro apresenta, mais uma vez, a idéia moralista de que “estamos todos no mesmo barco”. Ele expõe a fábrica como um grande barco comandado pelo capitalista empreendedor, e o trabalhador como o marujo que tem que colaborar com sua força de trabalho conforme a vontade de seus superiores para que possam, patrões e empregados, contribuírem de forma harmônica com a travessia desse barco nas águas revoltas do mercado econômico incerto.

Essas matérias são sugestivas para se entender a tentativa de implantar o espírito de submissão e dedicação nos trabalhadores, buscando mantê-los inertes, apáticos em relação ao contexto social, político e econômico que os cercam; indiferentes às suas práticas sociais, suas representações, seus pilares edificados historicamente, prostrando-se piamente as vontades dos patrões; forçando assim, a fragmentação de sua consciência enquanto agente social em detrimento da implantação de outras visões de mundo, de outros preceitos, fundados puramente na atividade produtiva, no capital econômico.

²⁵³ Cf. a imagem da matéria do *Jornal do Povo* no Anexo E – Imagem da primeira página do *Jornal do Povo*, Suplemento Especial de Natal, 26 de dezembro de 1997, da página 178, intitulada: *Industrialização está chegando*. Nesta edição o jornal traz uma charge de um Papai Noel em momento de aterrissagem, com seu trenó cheio de fábricas para presentear Três Lagoas. Essa ilustração colabora para a compreensão da maneira em que se pretende instituir a idéia de desenvolvimento fabril na mentalidade da população três lagoense.

²⁵⁴ CONGRO, Istênio. A dedicação ao trabalho. *Jornal do Povo*, op. cit., 1997, p. 02. [grifo meu].

Uma questão que deve ser considerada é que, embora os discursos apresentados em palestras provavelmente podem chegar à parte dos trabalhadores, todavia, as matérias publicadas no *Jornal do Povo* carecem de forças para alcançar tamanha projeção, levando-se em conta o perfil de seu público leitor, que, hipoteticamente, pode não ser composto por trabalhadores fabris.

Por conseguinte, tal escopo pode ser desenhado com outro propósito, para além da tentativa de conscientização popular do valor do trabalho nos moldes capitalista. Projetado com o intuito de mostrar para os empreendedores que – não perdendo de vista que neste período estão ocorrendo as negociações para objetivar a instalação de fábricas na cidade – apesar da insuficiência de qualificação profissional, da falta de uma tradição fabril, existe um simultâneo trabalho de implantação dos valores e normas fabris nos homens e mulheres que tomarão frente à linha de produção em suas fábricas.

3.5 A realidade fabril por detrás dos discursos hegemônicos

Em Três Lagoas foi grande o progresso na atração de empreendedores²⁵⁵. Entretanto, a administração municipal atuou com certa lentidão no que tange a criação de condições para que o trabalhador se torne apto à enfrentar essas mudanças em sua realidade social, proporcionando meios para que a circulação dos trabalhadores entre a fábrica e seus lares tornassem menos custosos; dessa forma garantindo melhoria na qualidade de vida dessa população de trabalhadores fabris em formação.

Cláudio de Saul expõe de forma clara essa carência de investimentos capazes de aliviar o peso do sofrimento dos trabalhadores, ao transitarem entre o cotidiano na fábrica e a vida em suas residências:

[...] chegando aqui, a indústria estava em fase de início, tinha poucas máquinas, encontrando assim uma certa dificuldade, porque? Pelo fato de a empresa estar começando não existia uma estrutura inteira ainda, faltava ônibus, faltava pro pessoal ir trabalhar, faltava restaurante na empresa [...] de início faltava refeição nessa indústria, sabe! Não porque a indústria não dava, não! Ela comprava marmite, mas chegava, azedava, o trabalhador ia comer mais tarde porque tinha que operar uma

²⁵⁵ Cf. a tabela exposta no Anexo A – *Indústrias instaladas em Três Lagoas desde 1997 e em processo de instalação*, na página 174. Essa tabela traz informações sobre o total de fábricas instaladas em Três Lagoas a partir de 1997, ou em processo de instalação; expõe o planejamento de investimentos econômicos empreendidos para a instalação das fábricas e o número de contratações a serem consolidadas.

*máquina, então tava azeda, a gente tinha que sair a noite, final de semana, por exemplo, atrás de refeição. Foi muito difícil.*²⁵⁶

Carência de transportes públicos que contemplem ampla circulação urbana, fiscalização inadequada nos restaurantes que prestam serviço para as fábricas, são parte da rotina dos trabalhadores trêslagoense. Fatores que terminam prejudicando a saúde do trabalhador e, por conseguinte, o bom andamento da produção, pois, trabalhador doente torna-se menos produtivo, como mostra a matéria do jornal *Correio do Estado*, editada por Messias Queiroz:

*Em Três Lagoas, cerca de 70 funcionários de duas empresas de tecelagem e fiação – Corttex e Avant – sofreram intoxicação alimentar e tiveram que ser levados para o hospital [...] Alguns operários que não quiseram se identificar temendo represália, disseram que o problema começou após o almoço, servido na segunda-feira. As refeições são terceirizadas [...] O quadro clínico de cada paciente varia de intensidade conforme a resistência orgânica. No geral, os pacientes reclamam de diarreia, vômito, enjôo e mal-estar.*²⁵⁷

Esse lapso com a dieta alimentar dos trabalhadores ilustra as formas de tratamento recebido por eles, e a insuficiência de fiscalização e manutenção de uma vigilância sanitária ativa nos refeitórios e restaurantes que prestam serviços de distribuição de refeições para as fábricas.

E os trabalhadores, esses ainda são coagidos a não se expressarem sobre o fato, o que pode levar a sofrerem represália. Neste caso, é típico da diretoria das fábricas reprimir com suspensão, o que leva à perda do direito à cesta básica, ou até à dispensa do trabalhador que ousar querer comentar os fatos que simplesmente dizem respeito às suas vidas.

Por conseguinte, o diretor da fábrica *Corttex*, Hector Flores, tece as seguintes considerações: “Não queremos acusar ninguém, mas as **responsabilidades serão apuradas, a fim de que a questão não se repita**”²⁵⁸. Com esse tom de possuidor do ministério do julgamento dos “culpados”, ele aponta quais as atitudes tomadas pela empresa, o que dá a entender que alguém pode, sim, ser responsabilizado pelo ocorrido.

²⁵⁶ Cláudio Antônio de Saul, depoimento citado.

²⁵⁷ QUEIROZ, Messias. Comida intoxica cerca de 70 operários. *O Correio do Estado*, Campo Grande, 31 jul. 2002. s/p. [grifo meu].

²⁵⁸ Ibidem. [grifo meu].

Após Hector Flores omitir o nome da empresa terceirizada que serve as refeições, ainda segundo o jornal: *“Ele garantiu, porém, que a empresa contratada para servir as refeições segue as normas de higiene e segurança exigidas pela legislação em vigor”*.²⁵⁹

Por hora, temos: trabalhadores privados do direito de expressão, responsabilidades em vias de serem apuradas para que o evento não se repita e, por fim, esse diretor da fábrica *Cortex* se lança em defesa da prestadora de serviços que serve as refeições para os seus funcionários.

Na apreciação dos fatos, se a prestadora de serviços for posta como culpada, logo, a contratante, em partes também sofre algumas manchas em sua imagem pública; então, o que é insinuado nessa suposta apuração dos fatos que se encerrou na intoxicação de cerca de setenta pessoas é que, o caso pode ter por efeito um ato de insurgência contra o estômago dos trabalhadores, e o culpado pode estar entre as fileiras da fábrica.

Que seja afastada a possibilidade de identificação do autor do caso em tela, porém, o fato de quase setenta pessoas sofrerem intoxicação por consumirem alimentos estragados, por si só, já é representativo para podermos avaliar as formas como são desprezados os tratamentos básicos nestes primeiros momentos do forjar das relações, nem sempre estáveis, entre os agentes inseridos no seio das relações de produção.

Os métodos de motivação para que os trabalhadores se esforcem para se adaptarem ao regime de trabalho fabril, ficam flutuando no âmbito discursivo, no chão da fábrica é pouco visível as formas de retorno pelo bom andamento da produtividade, nenhum benefício torna-se apresentável para os agentes atuantes na linha de produção. Conseqüentemente, emerge um estado de desânimo que dá disposição para a percepção da condição de exploração a que se encontram sujeitos.

O esforço para implantar a idéia de colaboracionismo, forjado pelos órgãos de apoio aos interesses hegemônicos, aos poucos vai se esvaindo, perdendo consistência diante da realidade existente no plano real do chão de fábrica. Essas cartilhas montadas com a finalidade de conduzir metodicamente o comportamento daqueles homens e mulheres assentados nas dependências da planta fabril tornam-se superficiais, conforme são tecidas as práticas reais de exploração capitalista.

²⁵⁹ Ibidem.

Aos poucos, as experiências de vida e de trabalho, compartilhadas entre os vários agentes sujeitados ao regime de trabalho fabril toma formas objetivas, calcada nas práticas sociais impostas pelas circunstâncias históricas, num estado de reivindicação, de valorização concreta do ser humano, na intensa necessidade de se ter retorno real pelos esforços empreendidos, dignos de sua projeção social, enquanto sujeito que trabalha, que produz.

Verônica Medeiros é uma dessas pessoas que consegue perceber parte do reconhecimento e antagonismo que permeia a distribuição de papéis no interior das relações de produção:

Eu penso assim, a minha vida não se resume a um ambiente de quatro paredes numa empresa, certo! Para alguns dos meus colegas... é por isso que a minha encarregada diz que, de certa forma eu induzo, não! Eu não estou induzindo ninguém, eu só quero assim, que às vezes os meus colegas pensam que eles são mais do que isso, da mesma forma que eles aprenderam aquilo, ELES APRENDERAM AQUILO! Eles podem aprender outras coisas. Da mesma forma também lutar, já que eles conseguiram isso, conseguiram essa posição, lutar então por melhores direito. Que nem o que acontece às vezes com o refeitório lá da empresa, a comida é colocada lá como se fosse, sabe! Qualquer um fosse lá, como se fosse um bando de porcos lá. Às vezes você acha cabelo na comida, o suco lá, onde eles fazem o suco esses tempos atrás eles viram a cozinheira mexendo o suco com a mão. Então quer dizer, eu vejo que isso pra mim não é uma condição de trabalho boa. Às vezes os meus próprios companheiros de trabalho vêem aquilo e não falam nada, agem como se isso fosse uma coisa normal, então eu penso assim, às vezes eles se moldaram àquelas quatro paredes, e acham que fora daquilo não existem mais nada, e eu já penso, eu já penso não eu tenho certeza, que pra mim o mundo não se resume aquilo, e eu não quero aquilo pra mim, trabalhei... que nem eu te falei, é uma coisa momentânea uma coisa passageira na minha vida, não é o que eu quero para a minha verdade.²⁶⁰

Por meio de sua reflexão, torna-se perceptível os esforços de tentar entender alguns pontos cruciais capazes de atinar a percepção dos verdadeiros papéis tecidos no interior das relações de trabalho. Existe, nestes poucos momentos de contato dentro da fábrica, certa interação entre os colegas de trabalho, numa troca de experiências que circundam os alicerces da conscientização da condição social e de trabalho a que estão expostos, enquanto produto barganhado no mercado de compra e venda de mão-de-obra.

Nestas ocasiões, forjam-se fragmentos de identificação de certos valores, trazidos nos pequenos diálogos travados pelos próprios trabalhadores, que tem nesses curtos espaços

²⁶⁰ Verônica Janaina de Medeiros, depoimento citado.

de tempo, uma troca de experiências sobre a maneira que presenciam a sua projeção na fábrica, sobre o fazer-se de sua categoria, desconstruindo parte das ideologias hegemônicas, sentindo seus pés tocarem com mais firmeza o solo frio do chão de fábrica.

Contrário a expectativa dos discursos hegemônicos apresentados no texto, para Verônica Medeiros, existe muito mais que o simples fato de ser contratada para exercer determinada função na fábrica. O empenho do trabalhador para se qualificar e ser selecionado para assumir determinada função na fábrica é o primeiro estágio a ser enfrentado, a jornada de enfrentamentos existente no universo de trabalho não se encerra no simples fato de se estar empregado, é a partir daí que o trabalhador deve seguir em sua luta diária, para conseguir elevar o seu valor, adquirir respeito e dignidade pelo seu papel representado.

Verônica Medeiros traz a questão da alimentação com o propósito de ilustrar o descaso que sofrem os trabalhadores nessas horas que se encontram expostos para atender a conveniência capitalista, pois se o trabalhador é energia depositada na movimentação da produtividade, o alimento é energia que mantém os braços fortes do trabalhador.

Ela não é a única trabalhadora a tecer essa comparação. Essa importância facultada a alimentação no trabalho é forjada por muitos trabalhadores, é também no ato de nutrir-se que conseguem perceber o descaso patronal. Verônica Medeiros utiliza o ambiente existente no refeitório da empresa em que trabalha para expor sua indignação, na continuidade de sua fala, ela explica a forma de tratamento a que estão sujeitados durante os turnos de trabalho na fábrica.

Se, em um primeiro momento, se tem à idéia de que, mesmo trabalhadores pobres aparentam ser pouco exigentes na questão alimentar, essa pouca exigência está muito mais ligada à incapacidade de obter uma dieta alimentar diversificada e mais nutritiva, do que nos valores depositados no modo de proceder com seus hábitos alimentares, trato com os alimentos, afetividade com a atividade alimentar em família.²⁶¹

²⁶¹ A alimentação sempre ocupou papel central na vida cotidiana da maioria das pessoas, independente de sua posição social. Alguns estudiosos têm se debruçado sobre a questão alimentar, tecendo considerações importantes para entendermos o valor representativo que ocupa o alimentar-se no cotidiano das pessoas, independente de sua condição social ou intelectual. Luce Giard, faz uma avaliação enriquecedora sobre os hábitos alimentares na França, e apreende a sua constituição como pertencente ao domínio das tradições e das inovações socioculturais dos povos, capacitado a satisfazer as necessidades do momento, trazer alegrias, com considerável investimento afetivo. Em sua apreciação, uma comida feita para muita gente não tem nem sabor

Esses trabalhadores, ao darem início a tarefa laboral fabril, sentem fortemente o afastamento dos laços afetivos tradicionalmente elaborados e mantidos no seio da família, e a cozinha é apresentada como espaço privilegiado de manifestação desses valores. Fabio Barrios relata que nos refeitórios das fábricas, o tempo disponibilizado para se fazer uma refeição é de pouco duração, o que expressa, além do distanciamento dos valores familiares, a dificuldade de se completar o ciclo digestivo exigido pelo organismo humano:

Quando está produzindo vai um por vez [ao refeitório], e é meia hora só de almoço, eu mesmo tenho o costume de comer muito devagar, isso aí eu não sei porque, desde... em casa mesmo eu como devagar, pra mim não dá uma digestão legal [...] você sente pra caramba quando você acaba de comer assim, e tem que pegar no serviço, meia hora só, às vezes você tem que deixar a comida no prato, ir lá bater o cartão pra não perder a cesta, que é fornecida assim, quando você não atrasa dez minutos, a gente tem que ir lá deixar a comida no prato, bater o cartão e correr [...] é uma coisa bem difícil, pra quem precisa, tem que ter sangue mesmo.

A inversão de valores vai acontecendo de forma agressiva, o que facilita a percepção das transformações que o trabalho na fábrica causa na vida daqueles que lá se encerram. Se, por algum tempo, acreditou-se que o trabalho fabril poderia ser um passo em direção a dignidade e a inserção social, essas pequenas coisas, como o ato de alimentar-se, fazem o trabalhador pensar, avaliar os prós e contras de se *estar inserido* no mercado formal de trabalho.

Todo o discurso existente em torno da idéia de trabalho como alavanca social, passa a demonstrar para o trabalhador que o percurso a ser trilhado em busca de melhores condições de vida é bem mais longo, não apresentado como fato encerrado, na simples realização do acesso ao emprego formal.

É a partir desses momentos - sejam eles percebidos através do descaso para com sua alimentação, seja em função do tempo excessivo de trabalho, do estranhamento ou medo da máquina, do não recebimento em dia pelas horas trabalhadas - que o trabalhador percebe a limitação de seus espaços de circulação dentro da sociedade capitalista. Ao sentir-se lesado, impossibilitado de exercer suas funções vitais e sociais plenamente, ele entristece, e ao

e nem identidade. GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, v. 2, p. 209-332.

sentir-se desamparado ele nega a idéia de que está assentado ao lado do patrão nesse remar contra a maré por “*águas revoltas do mercado*” capitalista.

Em vista disso, as relações que foram forjadas com o intuito de garantir a harmonia no seio das relações de trabalho em Três Lagoas, com todos os seus jogos estratégicos de conscientização ou conformação de papéis, parte-se em pedaços, e emerge desse fragmentar-se do discurso hegemônico, outras compreensões, não montados como um conjunto de meios convenientes para alcançar um único fim, pois o fim projetado pelo patrão, se algum dia foi, já não é mais entendido como o mesmo fim para o trabalhador.

Ao iniciar às discussões presente nessa dissertação, foram feitas considerações sobre os números de contratações referentes ao ano de 2007. Essa abertura de vagas de trabalho divulgadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego, e publicadas no *Jornal do Povo*, aparece como a maior realização do ano, como sinal de melhora na condição de vida das pessoas comuns. Proponho agora retomar tais valores numéricos, e a partir deles tecer outras considerações.

Como venho fazendo uma releitura desses dez anos em que começaram a despontar as primeiras fábricas em Três Lagoas, muitos eventos ocorridos durante esse tempo, e analisados à luz de uma base empírica crítica, possibilitaram uma interpretação mais encorpada das movimentações feitas por essa variedade de agentes sociais ocupantes desses espaços que abrangem a cidade.

A Tabela 03, apresentada logo abaixo, compreende em seu conteúdo, o fluxo de contratações e desligamento de trabalhadores durante os principais anos correspondentes à instalação das fábricas de tecido, e expõe os mesmos números apresentados pelo *Jornal do Povo* naquele 17 de outubro de 2007, divergindo apenas por divulgar os números de contratações referentes ao ano inteiro, já os dados divulgados pelo *Jornal do Povo*, vão de janeiro a setembro de 2007.

Tais números possibilitam uma análise carregada de informações que foram adquiridas após o percurso por esse intenso momento histórico compreendido pela pesquisa, acompanhado por aqueles que são seus maiores representantes, seus verdadeiros protagonistas: os trabalhadores das fábricas de tecidos de Três Lagoas.

Tabela 03 – Fluxo de empregos formais de todos os setores contratantes de mão-de-obra e do setor têxtil: admissões, desligamento e emprego consolidado.

Ano	Admissões		Desligamentos		Variação absoluta (emprego consolidado)	
	Todos os setores	Setor têxtil	Todos os setores	Setor têxtil	Todos os setores	Setor têxtil
2000	4457	170	4133	79	324	91
2001	5904	484	4895	176	1009	308
2002	7132	758	5681	372	1451	386
2003	6569	744	6323	505	246	239
2004	8916	979	7698	772	1218	207
2005	8737	971	8707	826	30	145
2006	8962	1063	8612	1014	350	49
2007	13728	1009	9735	890	3993	119
Total	64405	6178	55784	4634	8621	1544

Fonte: Perfil do Município, Três Lagoas-MS, MTE/Caged. Elaboração: W. A. Alves.²⁶²

Ao ater-me aos valores contidos nesta tabela, visualizo os vários anos referentes às contratações consolidadas pelas fábricas de tecidos, e percebo a baixa evolução no número de trabalhadores contratados. Dos 6.178 postos de trabalho abertos somente 1.544 foram consolidados, o que equivale a uma média de um quarto de estabilidade referente a todas as contratações efetuadas nesses oito anos. Isso quer dizer que não foram abertas 6.178 vagas de trabalho por necessidade de mão-de-obra para atender a linha de produção, durante os anos de 2000 a 2007, pois foram feitos 4.634 desligamentos nesse período.

Entre a abertura de vagas de trabalho e os desligamentos, o fluxo de circulação de trabalhadores não corresponde a essas mais de seis mil contratações. O número de contratação não é um número real efetivo. Se existe uma aproximação do número real de trabalhadores inseridos nessa circulação de contratações e desligamentos, suponho que seja equivalente a menos da metade das seis mil contratações, haja vista que, foram formados 2.521 trabalhadores pelo SENAI, entre empregados e desempregados; e existem 2.582

²⁶² Os dados que compõem a Tabela 03 foram retirados de: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Perfil do Município, Três Lagoas-MS. Disponível em: < <http://perfildomunicipio.caged.com.br>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

pessoas atuantes na linha de produção têxtil, segundo dados da Tabela 03, e Tabela 04 respectivamente.

Esse índice de recrutamento está ligado às novas estratégias do mercado de trabalho, amparado pelo método do regime flexível de contratos, que mantém um fluxo volátil de contratações e dispensa de trabalhadores, sem maiores barreiras burocráticas e controle legal. Configura-se, deste modo, a alta rotatividade, o que exige um exército de mão-de-obra excedente com capacitação prática. Exército excedente esse que é, *stricto sensu*, mais terciário do que industrial, que é também desemprego. Daí a acelerada investida na abertura de cursos de formação profissional executada em sua maioria pelo SENAI.

Por meio de novas formas de organização da produção, têm-se as subcontratações, que em Três Lagoas está estruturada com o apoio das empresas de terceirização de mão-de-obra, que se ocupam da tarefa de dar cobertura para as fábricas, fornecendo força de trabalho temporário.

Na transcrição parcial de um trecho do diálogo com o funcionário Rodrigo, da agência de recrutamento de mão-de-obra *Trainner Recursos Humanos*²⁶³, temos um panorama do papel desempenhado por esses órgãos de recrutamento de trabalhadores para atender a demanda das fábricas:

Tudo começa com o recrutamento e seleção, a fábrica necessita de funcionário, independente de função, nos ligam e pedem um certo número de funcionários por turno para teste. A agência faz o recrutamento e encaminha até a fábrica para entrevista e teste nas máquinas. Os encarregados pelo setor depois do teste fazem a escolha dos mais capacitados para o cargo desejado e manda a ficha com a função, setor e horário de serviço. [...] o funcionário começa a trabalhar e a Trainner é responsável por ele, desde pagamento de verbas rescisórias, impressão de holerites, abertura de cartão salário para recebimento etc. São contratos temporários de trabalho, onde ele tem um tempo de noventa dias, podendo ser prorrogado por mais noventa dias, compreendendo cento e oitenta dias com a agência. Isto é feito com a autorização do Ministério do Trabalho, de acordo com as leis trabalhistas. Neste tempo o funcionário pode ser efetivado ou dispensado, como pode pedir demissão, pois o contrato de trabalho temporário não tem a multa de quebra de contrato e nem dá direito ao seguro desemprego, por não ultrapassar os seis meses. Antes do vencimento dos cento e oitenta dias, a fábrica passa para a Trainner a relação de

²⁶³ A transcrição não apresenta a identificação de quem fez a entrevista, esse texto faz parte dos documentos arquivados no Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, na pasta de arquivo de documentos referente à coleta de dados realizada por alunos do curso de História e Geografia da UFMS, nos anos de 2002 a 2004. NÚCLEO de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, UFMS/CPTL. Transcrição de um trecho de entrevista com Rodrigo, Funcionário da Trainner Recursos Humanos. [2002 a 2004].

funcionários a serem efetivados, então vamos fazer a rescisão, e dar baixa na carteira de trabalho, e eles são contratados direto com a fábrica.

Dessa forma, é que se instaura os métodos flexíveis de administração dos contratos de trabalho, com um controle descentralizado dos recursos humanos utilizados para garantir a produtividade, filtrando os processos burocráticos de contratações pelas fábricas, garantia de menos gastos com a manutenção de um quadro volátil de contratações e demissões de funcionários. O que representa uma aceleração na circulação de trabalhadores com baixa capacitação prática, impossibilitando os homens e mulheres disponíveis no mercado de trabalho de garantir uma melhor formação profissional e estabilidade no emprego.

Além do fluxo de rotatividade, que pode ser lido nesses números do Ministério do Trabalho e Emprego, conforme Tabela 03, soma-se a essa instabilidade, a incapacidade dos patrões de manter uma política de relações de trabalho que contemple os interesses dos trabalhadores. Como vimos, a atração pelo emprego fabril sofre alterações a partir do momento que trabalhadores começam a sentir o peso do tratamento dispensado a eles por força da árdua disciplina e do descaso presente no interior da fábrica.

A leitura dúbia do número de contratações, feita pelo grupo hegemônico, que ostenta os poderes econômicos e políticos de Três Lagoas - e que são responsáveis pela estruturação dos espaços que tem possibilitado aos investidores industriais hospedarem suas fábricas na cidade -, pode estar relacionado à tentativa de equiparar quantitativamente a abertura de frentes de trabalho à altura dos investimentos econômicos feitos para assentar essas fábricas em solo três Lagoense.

Na Tabela 04, exposta abaixo, temos os valores econômicos investidos para concretizar a edificação das fábricas têxteis em Três Lagoas. Deve-se ser considerado que parte da verba aplicada para consolidar a instalação dessas fábricas foram tirados dos cofres do município, com a compra de terreno a ser doado²⁶⁴, ou por parte de financiamentos feitos

²⁶⁴ Segue a epígrafe da Lei n. 1552 de 16 de julho de 1999: “Autorizo o poder executivo a adquirir área imobiliária rural e a ceder, em regime de comodato, para posterior doação das áreas adquiridas às empresas Nellitex Indústria Têxtil Ltda e Cortex Indústria Têxtil Ltda e dá outras providências”. Palavras do prefeito Issan Fares, que com essa lei autorizou a Prefeitura a tirar de seus cofres a quantia de duzentos mil reais para efetuar a compra e posteriormente doar a área às empresas acima citadas. PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. Lei n. 1552, 16 jul. 1999.

através do Fundo Constitucional do Centro-Oeste, com intermédio do Banco do Brasil, que concede financiamento para a construção dos prédios e compra de maquinários.²⁶⁵

Tabela 04 – Investimentos para instalação da fábrica têxtil e média de empregos gerados

Ind. Instaladas	Área de atuação	Investimento (mil R\$)	Empregos
MD8/Nellitex	Têxtil	28.500,00	250
Multibrasil	Confecção e Acessórios de Vest.	500,00	60
Corttex	Têxtil (cortinas)	31.200,00	850
Avanti	Têxtil (fiação de Polyester)	50.000,00	150
Suzel	Confecção Jeans	130,00	46
Comask	Confecção Jeans	2.300,00	161
Grupo Pasmanik	Confecção	2.000,00	60
Sultan	Têxtil (cama, mesa e banho)	200,00	60
Adar	Malharia	58.400,00	350
MP Aviamentos	Têxtil (fios e malhas)	4.000,00	100
Linhas Bonfio	Linhas	14.670,00	185
Fibrasil	Confecção e Acessórios de Vest.	1.500,00	60
Fatex	Têxtil (cortinas)	14.700,00	220
Corradi Mazzer	Têxtil (Jeans)	3.112,00	30
Total		211.212,00	2582

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Indústria, Três Lagoas. Elaboração: W. A. Alves.

De modo crucial, existem grandes motivos para se tentar ampliar a valorização dos postos de trabalho abertos, considerando que somente 1.544 empregos (Tabela 03) foram consolidados durante esses oito anos em que as fábricas de tecido encontram-se atuante na cidade, o que equivale um pouco mais que a metade dos 2.582 (Tabela 04) postos de trabalho disponibilizado de forma permanente, segundo divulgação feita pela Secretaria Municipal de Administração, Comércio e Indústria de Três Lagoas.

Esses números tornam-se pequenos, frente às isenções financeiras de 67% do ICMS disponibilizados aos empreendedores, o que também coloca a arrecadação tributária num nível muito baixo; a abertura de créditos e a doação de áreas para implantação das fábricas, contabilizando *duzentos e onze milhões de reais*, parte retirada dos cofres públicos. Esses, sim, são valores significativos.

Toda essa verba distribuída para um pequeno grupo de empresários industriais, tendo como retorno, segundo discurso hegemônico, a abertura de vagas de emprego para grande parte da população. Nesta lógica, se faz necessário construir meios para dar ênfase e

²⁶⁵ PREFEITURA Municipal de Três Lagoas. Incentivos industriais existentes. op. cit., [1997 ou 2004] p.06.

tentar incrementar as 2.582 vagas de trabalho disponibilizadas em troca de todos esses investimentos feitos, ou seja, forja-se a idéia de grandiosidade não existente no fluxo de contratações de mão-de-obra por essas empresas.

A opulência das edificações dessas fábricas soma-se a aquisição de equipamentos importados, dotados de tecnologia de ponta, computadorizados e com comandos digitais, o que faz com que seja investido grande soma em dinheiro para que essas fábricas possam entrar, de forma mais ou menos competitiva, no mercado mundializado da produção. Desse modo, o que se vivencia são as grandes fábricas com seus espaços tomados por máquinas modernas e quase ausentes de trabalhadores.



Foto 3 - BARRIOS, Fábio C. *Corredores de uma tecelagem moderna I*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.



Foto 4 - BARRIOS, Fábio C. *Corredores de uma tecelagem moderna II*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.



Foto 5 - BARRIOS, Fábio C. *Corredores de uma tecelagem moderna III*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.

Olhando para essa seqüência de imagens expostas acima, tiradas da tecelagem de uma fábrica em um dia de semana produtiva, pode-se perceber a quase ausência de homens e mulheres entre as máquinas, o que corresponde o baixo efetivo de trabalhadores necessário para colocar em funcionamento um número representativo de teares modernos.

Corredores vazios de trabalhadores. Esse é o cenário existente no interior da planta fabril moderna. Tentar incutir na população de Três Lagoas essa idéia de desenvolvimento industrial como gerador de benefícios, traduzidos em empregos, é tarefa que exige certo grau de astúcia. Visto que, muitos valores existentes dentro da realidade três lagoense, referentes a sua projeção como cidade industrializada, exigem que sejam camuflados, ou mal interpretados, pois dessa forma aproxima-se da implantação do senso comum que roga pelo *progresso* para todos.

Contudo, existem aqueles homens e mulheres que encontram inseridos nesse processo com a venda de sua força de trabalho, e para essa gente, que convive diariamente com a realidade da fábrica, a idéia de *industrialização* como símbolo do *progresso*, passa longe de ser fato consumado, o que eles conseguem ver e sentir, dentro desse panorama que se ergue na cidade, é a intensificação de seu estado de servidão diante da máquina, e o que é mais extraordinário, não se prostram perante suas próprias privações e desposseção.

CONCLUSÃO

Pensar parte da realidade três lagoense, neste período em que estão ocorrendo às transformações advindas de seu processo de desenvolvimento industrial, não foi tarefa fácil. Seria cômodo acompanhar determinados olhares que espriam por entre suas paisagens, sejam eles, dos que dizem serem os “construtores” dessa obra, ou dos que estão posicionados como sujeitados a ela, se assim fosse, não estaria fazendo um exercício historiográfico.

Ao aproximar-me dos dez últimos anos para analisar os acontecimentos que tomaram projeção no interior da realidade do trabalho fabril três lagoense, foram diversos os fatores que se levantaram ante meu olhar. Diante disso, percebi a necessidade de tentar compreender e explicar alguns pontos desses eventos, não tomando somente meu foco analítico como condutor da reconstrução de parte da história de Três Lagoas, pois dentro desse espaço, para além dos fatos, me atenho a histórias de vida, de relatos de pessoas, de documentos construídos por pessoas.

É a partir dos utensílios forjados por agentes que viveram esse momento peculiar que posso expandir a análise e observar ações, não de indivíduos isolados, mas pertencentes a grupos, que em sua essência se inter-relacionam em constante estado de tensão, atuando sobre o mesmo espaço, transformando-o. Neste sentido, é que tomo o processo de “desenvolvimento industrial” de Três Lagoas como um edifício construído por várias mãos, em uma complexa rede de relações entre os diversos indivíduos, que sofrem estímulos vindos de várias direções.

Quando me deparei com a difícil tarefa de encontrar o caminho a ser percorrido por entre a história do trabalho em Três Lagoas, e que possibilitasse um transitar por várias de suas partes, foi pelas mãos das pessoas comuns, por meio dos relatos de trabalhadores, que encontrei a trajetória a ser seguida. Com suas narrativas apresentadas não como aquela figura triunfante, vencedora, e sim, a figura de um trabalhador em sua humilde armadura, que possui como recursos, não muito mais que a vontade de persistir lutando por dias melhores, num forjar de idéias e interpretações dos significados que emergem nesse universo em que encontram inseridos.

Universo esse em que homens e mulheres atuam diariamente, relacionando com máquinas e vivendo experiências, construindo formas de atuações e representações do que é o sujeito, e quais são as suas reais práticas sociais, em constante fusão, numa riqueza de detalhes ímpar, em suas mais variadas formas, nada homogêneo.

Na trajetória dos trabalhadores têxteis de Três Lagoas, suas ações, por vezes, seguiram em direção à luta contra o distanciamento entre si - fator que o trabalho na fábrica ajuda a intensificar, como meio de evitar o fortalecimento dos grupos de trabalhadores -, o que lhes permitiriam um melhor posicionamento no interior das relações trabalhistas.

As investidas em busca de direitos e liberdade não cessaram desde o momento em que os trabalhadores entraram em contato com as fábricas têxteis. São diversas as cenas em que podemos captar formas de atuação desses agentes, revelando a insatisfação que o *sujeitar-se* ao trabalho árduo e baixos salários causam.

As ações dos trabalhadores são percebidas como evolução crítica de negação quanto à sua condição social de submissão aos interesses patronais. Essas movimentações, individuais ou coletivas, não são vistas como falta de uma organização mais sólida do trabalhador, e sim como capacidade de se mostrarem atuantes e dinâmicos diante de sua real situação, num estado de confrontação no interior das redes de relações de forças tecidas em Três Lagoas.

Tais comportamentos, em alguns momentos emergem como sentimentos de insatisfação pessoal da condição de trabalho, e seguem em direção a identificação e construção do grupo, forjando aproximações, construindo idéias e aspirações que se compõem em atuações reais, multiformes, de negação de uma condição. É isso que neste trabalho é mostrado, ou seja, a existência de uma não conformidade, de um não condicionamento passivo diante do aparato ideológico capitalista.

As negociações que, até o momento, foram travadas no interior das relações de trabalho, a princípio, pode originar dos acordos de gabinete, o que pode ser lido nos contratos de trabalho, que apesar de ser forma contratual que abrange dois agentes que exprimem formas antagônicas de relações e interesses, sofrem mediações do Estado - este último tem demonstrado maior aproximação aos interesses dos empreendedores - no forjar dos preceitos presentes neste documento que, por sua vez, quase sempre chegam até os

trabalhadores somente no ato de firmar acordos de compra e venda da mão-de-obra, ficando seu papel reservado com poucos poderes no endosso de sua oferta de força de trabalho.

O que a pesquisa pôde mostrar é que as relações existentes no interior das relações de trabalho ultrapassaram o limite burocrático, ou seja, os contratos de trabalho; tomando forma nos galpões das fábricas com as disputas por espaços, entre empregados e patrões, permeada por pressão permanente; ocupando os tribunais das instituições legais, como as entradas de Reclamações Trabalhistas junto às 1ª e 2ª Vara do Trabalho de Três Lagoas; indo para as ruas e chegando até a opinião pública, como a paralisação de setembro de 2007.

Por outro lado, os patrões têm se apresentados incansáveis na hora de maquinarem meios para manter a lógica de acumulação de capital, fazendo uso de todas as ferramentas disponíveis para frear a atuação de seus empregados. Desse modo, tentando evitar que as relações de convívio ultrapassem o ambiente de trabalho e ganhe espaços fora de seu foco de vigilância, mantendo a ordem fabril com intensidade.

Os trabalhadores três Lagoenses são conduzidos a aprenderem mais sobre disciplina fabril, na tentativa de forjar potencialidades que capacite trabalhadores para suportar as exigências existentes no interior da planta fabril. Por conseguinte, impondo limites, impedindo-os de avançarem em direção a obtenção de uma profissão técnica, que por sua vez, permitiria a esses um maior espaço dentro do jogo das relações de produção.

Torna-se evidente que existem as estruturas ideologicamente planejadas, que nascem nas negociações de montagem de parques industriais e seguem sofrendo influências de forças diversas cotidianamente a partir de sua implantação, pois ao sair das pranchetas e tornarem-se objetivas, tais espaços se tornam palco de atuações de grupos diversos, e estes grupos levam em seu trilhar, a composição de outras histórias, de identificação e de antagonismos, de sujeição e de subversão, de perda e também conquista de espaços, e esses espaços vão se compondo num tempo histórico ilimitado.

As pessoas têm sentido e sofrido, de maneira direta ou indireta, os reflexos das mudanças. O ritmo que aos poucos foi cadenciando o caminhar da população três Lagoense, ao mesmo tempo em que é sentido diretamente por aqueles agentes que atua no interior desse corpo transformador, é também levado, por outros meios, para as outras pessoas que

de forma indireta, recebem o impacto do processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas.

As informações levadas para a população geral por meio da imprensa sofrem determinada seleção, sempre é notificada levando em consideração a posição política daquele que informa, considerando que quase sempre as informações estão direcionadas e estritamente ligadas aos interesses dos grupos hegemônicos.

Fazendo uso de ferramentas de divulgação e controle ideológico, procurando a implantação de um consenso, a divulgação dos números de contratações, como algo grandioso; assim como a idéia de *progresso*, como algo necessário e de acessibilidade a todos; aparecem nos discursos hegemônicos com o intuito de legitimar a parcialidade dos dirigentes municipais para com os empreendedores, e dar propriedade à exploração da mão-de-obra local como parte natural do processo de construção das relações de produção, devendo ser acatado por todas as pessoas da cidade com a finalidade de colaborarem para elevar Três Lagoas ao *status* de pólo industrial.

Na proposta de contar parte desse período histórico de Três Lagoas, preocupado em evitar as lacunas causadas pela necessidade dos olhares dirigidos, procurei entremear os vários focos de observação, respeitando o valor de cada um, seja a imprensa local, os documentos das instituições dirigentes e os relatos colhidos de trabalhadores das fábricas de tecido e de pessoas ligadas a esses trabalhadores.

A partir da junção de fontes empíricas, apoiado num arcabouço teórico acurado, capaz de oferecer instrumentos conceituais importantes, foi possível levar adiante a reconstrução histórica de parte do processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas sem cair nas malhas do senso comum, da linearidade e reducionismo historiográfico e outros males que são difíceis de escapar na hora do debruçar-se sobre determinado contexto histórico dotado de imensa complexidade.

Não foi meu objetivo reconstruir toda a história do trabalho fabril de Três Lagoas. O que vem a ser minha curiosidade, a parte que me cabe nesse palco historiográfico é sutil, se pensarmos a extensão que tal realidade toma, o que aqui nas páginas dessa dissertação foram escritas é relevante enquanto um capítulo, talvez! Dessa história, nunca a sua total extensão, sabemos disso.

Prestei aqui a minha colaboração para não deixar que essas histórias se percam na imensidão do tempo, seja nos arquivos empoeirados das instituições ou nas lembranças desses homens e mulheres que há poucos anos se apresentaram, sonhadores e esperançosos, diante das imensas filas de contratação de mão-de-obra, desejando uma vaga de trabalho na fábrica.

Conheço um pouco disso, pois lá também estive, no dia 03 de janeiro de 2001, depois de passar pelo curso de formação de tecelão do SENAI, e mais três meses de contrato temporário pela agência de empregos ACSER Recursos Humanos e um ano e meio como funcionário da *Nellitex*. Por pouco tempo trabalhei na fábrica, mas o suficiente para esboçar uma idéia do que é a vida no interior de seus galpões.

Fábricas continuam a chegar em Três Lagoas, o cenário urbano vai se modificando, o fluxo de trabalhadores migrantes também aumenta, na sua maioria para atender a demanda da construção civil, a cidade recebe como pode essa gente que chega, novas formas de estranhamento e aceitação, novos costumes implantados, num entrecruzamento dialético de manifestações sociais, econômicas, políticas e ideológicas.

Como disse no final da introdução, o tempo da pesquisa em história do tempo presente não consegue acompanhar o tempo dos acontecimentos históricos, portanto, encerro aqui a minha colaboração neste pensar crítico e historiográfico de uma fração da realidade três lagoense. Os anos de 1990 até meados de 2000 é o máximo que meu olhar de pesquisador pode alcançar neste momento, outros estudos sobre o processo de desenvolvimento industrial de Três Lagoas com certeza virão, com outras perspectivas, e isso é bom, o que não se pode é ignorar essa realidade que se ergue, o que não se pode é deixar de registrar suas memórias.

FONTES

01. Jornais e Revistas

Jornal do Povo, Três Lagoas, 02 fev. 1975.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 14 mar. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 12 mar. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 10 mai. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 02 ago. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 06 ago. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 20 ago. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 02 out. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 26 dez. 1997.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 10 jan. 1998.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 17 abr. 2002.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 01 mai. 2002.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 08 mai. 2004.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 01 set. 2004.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 30 jul. 2004.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 01 set. 2004.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 08 dez. 2007.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 17 out. 2007.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 26 jan. 2008.
Jornal do Povo, Três Lagoas, 25 jan. 2008.
Noticias & Negócios, Campo Grande, 03 jul. 2004, p. 10.
O Correio do Estado, Campo Grande, 31 jul. 2002.
O Correio do Estado, Campo Grande, 08 mai. 2004.
Revista Modas MS, Campo Grande, n. 02, jul. 2006.

02. Entrevistas Realizadas

Cláudio Antônio de Saul – 45 anos, casado, natural de Aparecida do Oeste, SP. Durante treze anos atuou como operador de fiação em fábricas têxteis de Americana-SP, cidade de origem da maioria das fábricas têxteis instaladas em Três Lagoas. Trabalhou três anos na *Avanti* ocupando a função de Encarregado de Produção, antes de ser dispensado por motivo de seu envolvimento com a tentativa de fundação do Sindicato de Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de Três Lagoas-MS. Entrevista realizada no dia 06 de maio de 2007.

Clayton Oliveira Acunha. - 37 anos, solteiro, natural de Três Lagoas, MS. Trabalhou como Operador de Máquina na fábrica *Avanti* durante quatro anos e meio, hoje atua como Auxiliar Administrativo na Metalfrio Solution S.A. Esteve envolvido na tentativa de fundação do Sindicato. Segundo seu depoimento, ele foi a pessoa que deu a idéia a Cláudio de Saul para levar adiante a fundação do Sindicato. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2008. Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2008.

Fábio César Barrios - 29 anos, solteiro, natural de Três Lagoas, MS. É Frentista de Rama, mora em casa alugada com sua mãe Ivandir, de 58 anos, que trabalha há 28 anos como costureira. Ele trabalhou como ajudante de mecânico diesel durante três anos em uma empresa ferroviária chamada FerroNorte. Após ser dispensado desta empresa resolveu voltar para a casa de sua mãe. De volta para Três Lagoas, ficou desempregado mais da metade do ano de 2005, conseguindo arrumar emprego somente em novembro deste mesmo ano na empresa *Nellitex*. Entrevista realizada no dia 11 de fevereiro de 2008.

Fábio Teodoro dos Santos - 24 anos, casado, natural de Três Lagoas, MS. Atua na *Nellitex* desde o ano 2000, começou a trabalhar nesta empresa antes de completar maioridade, na função de Auxiliar de Serviços Gerais. Hoje ocupa a função de Contra Mestre no setor de fiação de tecidos. É casado e tem uma filha, trabalha no turno das dez horas da noite às cinco horas da madrugada, por vezes, durante o dia faz “bicos” de auxiliar de pedreiro, pois seu salário não garante todas as despesas de seu lar. Entrevista realizada no dia 03 de outubro de 2007.

Jorge Henrique Vieira - 24 anos, solteiro, natural de Três Lagoas, MS. Trabalha na fábrica *Avanti* há seis anos, hoje ocupa a função de Analista de Laboratório Têxtil. Criado pela mãe e avó, tem duas irmãs; de família humilde, não vê como penoso o trabalho na fábrica e acredita ser este ambiente propício para o aprendizado e crescimento profissional. Entrevista realizada em 22 de maio de 2008. Entrevista realizada no dia 22 de maio de 2008.

Judson Vieira - 33 anos, solteiro, natural de Corumbá, MS. Veio de Corumbá para Três Lagoas em 2001, juntamente com mais um de seus irmãos com o intuito de trabalhar nas fábricas de tecidos. Sua mudança de cidade foi incentivada por seu irmão mais velho que já estava em Três Lagoas atuando como instrutor no Senai, local onde é ministrado cursos de qualificação para atender a demanda de mão-de-obra das fábricas têxteis. Em Corumbá trabalhava no comércio, na *Nellitex* atuou durante cinco anos como Operador de Fiação, mudando de emprego em março de 2006, indo trabalhar na *Adar Indústria, Comércio, Importação e Exportação* como revisor de tecidos. Justifica a sua troca de emprego como busca de melhores condições de vida e trabalho. Entrevista realizada no dia 17 de fevereiro de 2008.

Marisol Pires - 38 anos, casada, natural de Andradina, SP. Secretária da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul. Ela é a pessoa que fez o primeiro contato com os trabalhadores da *Nellitex* no dia da paralisação, também acompanhou todo o processo das negociações entre Federação e trabalhadores. Nesta parte de seu relato, ela aponta a dificuldade que teve para entender o que os trabalhadores queriam, não compreendia a maneira de expressarem suas idéias. Entrevista realizada no dia 17 de março de 2008.

Paulo Dias Jr. - 32 anos, casado, natural de Três Lagoas, MS. É Encarregado de Produção na fábrica MP Tecidos, que fabrica tecidos de tãtãl para confecção de roupas esportivas e uniformes. Trabalhou desde os quatorze anos como operador e fazendo manutenção de máquinas copiadora. Teve facilidade para assimilar o tempo da fábrica, está convencido de que o que tem hoje: uma casa, um carro e família (esposa e um filho); é consequência de sua disciplina rígida de trabalho, seja trabalhando aos sãbados, domingos ou feriados; e a humildade e companheirismo sã suas grandes virtudes. Começou a trabalhar em fábricas

têxteis como técnico de tecelagem e na função de contra mestre, considera-se pioneiro na área técnica de tecelagem no Mato Grosso do Sul, por ter participado desde a montagem das máquinas com a chegada das fábricas de tecido na cidade em 2000. Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2007.

Roberto Ferreira da Silva - 26 anos, casado, natural de Pernambuco. Morou no Ceará onde trabalhou como operador de linhas de transmissão, veio para Três Lagoas em busca de emprego nas fábricas têxteis. Empregado a partir de 2006, na *Nellitex* ocupou primeiramente a função de Auxiliar de Mecânico e hoje atua como Mecânico Industrial. Esse é seu primeiro emprego em fábrica e tinha como expectativa a melhora de vida em função de bons salários, mesmo não estando satisfeito com o valor que recebe vê-se em estado de crescimento profissional por ter conseguido subir de cargo. Entrevista realizada no dia 22 de março de 2008.

Rodrigo - A transcrição não apresenta a identificação de quem fez a entrevista, esse texto faz parte dos documentos arquivados no Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, na pasta de arquivo de documentos referente à coleta de dados realizada por alunos do curso de história e geografia da UFMS, nos anos de 2002 a 2004. NÚCLEO de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, UFMS/CPTL. Transcrição de um trecho de entrevista com Rodrigo, Funcionário da Trainner Recursos Humanos. Entrevista realizada. [2002 a 2004].

Sinvaldo de Souza - 28 anos, solteiro, natural de Três Lagoas. Passou parte de sua infância morando no campo, trabalhou no comércio e com vinte anos iniciou seu trabalho na *Nellitex* ocupando a função de Auxiliar de Produção no setor de produção de fios de tecido (Fiação), em oito anos de trabalho chegou a Mestre Têxtil, em um período em que a fábrica estava (e ainda está) passando por crise financeira. Trabalha diariamente das sete horas da manhã às sete horas da noite, sendo responsável pelo setor de fiação da fábrica, rotineiramente estende sua jornada até a meia noite, outras vezes é chamado de madrugada para atender a produção, condicionando quase todas as suas horas do dia em detrimento dos interesses da fábrica. Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2008.

Verônica Janaina de Medeiros - 26 anos, casada, natural de Três Lagoas. Ela é mãe de três filhas, trabalhou como faxineira em vários empregos, entrou na fábrica no ano 2000 ocupando esse mesmo cargo, hoje é chefe de turno no setor de urdir fios de tecido. Além de ser mãe, trabalhadora, concluiu curso superior de licenciatura em História na UFMS. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2007.

03. Imagens

Foto 1 - BARRIOS, Fábio C. “Rama”: Setor de resinagem de tecidos. 15 ago. 2008. il. color, 9 cm.

Foto 2 - BARRIOS, Fábio C. *Trabalhador frente à máquina de fiação*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.

Foto 3 - BARRIOS, Fábio C. *Corredores de uma tecelagem moderna I*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.

Foto 4 - BARRIOS, Fábio C. *Corredores de uma tecelagem moderna II*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.

Foto 5 - BARRIOS, Fábio C. *Corredores de uma tecelagem moderna III*. 15 ago. 2008. il. color, 10 cm.

04. Tabelas

Tabela 01- Entradas com Reclamação Trabalhista junto a Justiça do Trabalho de Três Lagoas/MS – Reclamações de trabalhadores do setor têxtil 2003/2007. Fonte: I e II Vara do Trabalho de Três Lagoas, TRT/MS. Elaboração: W. A. Alves

Tabela 02 – Relação de cursos oferecidos pelo SENAI para atender a linha de produção das fábricas têxteis de Três Lagoas. Anos letivos 1998 a 2003. Fonte: Sistema de controle de produção (SCOP), SENAI, Unidade de Três Lagoas. Elaboração: W. A. Alves

Tabela 03 – Fluxo de empregos formais de todos os setores contratantes de mão-de-obra e do setor têxtil: admissões, desligamento e emprego consolidado. Fonte: Perfil do Município, Três Lagoas-MS, MTE/Caged. Elaboração: W. A. Alves.

Tabela 04 – Investimentos para instalação da fábrica têxtil e média de empregos gerados. Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Indústria, Três Lagoas. Elaboração: W. A. Alves.

05. Documentos digitais

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Perfil do Município, Três Lagoas-MS. Disponível em: < <http://perfildomunicipio.caged.com.br> >. Acesso em: 21 ago. 2008.

HISTÓRICO. *Jornal do Povo*, Três Lagoas, 17 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.jptl.com.br/index1.htm>>. Acesso em 17 ago. 2007.

NELLITEX, A. Empresa. Disponível em: <<http://www.nellitex.com.br/empresa.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

O Estado de São Paulo, Caderno de Economia. Disponível em: <<http://www.jt.estadão.com.br/noticias/98/02/03ec1.htm>>. Acesso em 02 mar. 1998.

PREFEITURA Municipal de Três Lagoas. Incentivos Industriais existentes. GERÊNCIA de Desenvolvimento Econômico - Indústria, Comércio, Turismo e Cultura. *O impacto da política de incentivos fiscais no município de Três Lagoas*. (Microsoft PowerPoint). [1997 ou 2004].

06. Documentos Oficiais

Ata da assembléia geral extraordinária de fundação do Sindicato dos trabalhadores nas indústrias têxteis, calçados, confecções, papel, plástico, vidros, vestuários e afins do município de Três Lagoas-MS, de posse da diretoria e aprovação do estatuto do sindicato. Três Lagoas-MS, 23 de maio de 2004, não paginado.

BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24º Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 079/2003. Três Lagoas-MS, 19 mai. 2004.

BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24º Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 491/2004. Três Lagoas-MS, 11 mai. 2004.

BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24º Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 516/2004. Três Lagoas-MS, 19 mai. 2004.

BRASIL. Poder Judiciário, Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho 24º Região. *Reclamação Trabalhista*, Processo n. 1646/2007. Três Lagoas-MS, 08 out. 2007.

CERTIFICADO de participação no curso de tecelão, realizado pelo Senai de Três Lagoas/MS. Registro nº 2934.

ESTATUTO do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis, Calçados, Confecções, Papel, Plástico, Vidros Vestuários e Afins do Município de Três Lagoas-MS. Três Lagoas, 23 mai. 2004.

FEDERAÇÃO dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul; Cortinas Corttex Ltda. *Acordo Coletivo de Trabalho*. Documento lavrado na Delegacia do Trabalho, Três Lagoas, 04 out. 2002.

GONSALVES, J. Batista. **Sugestão faz**. [1997 ou 1998]. Paginação irregular.

GOVERNO Popular do Mato Grosso do Sul, Projeto Saber. Plano Municipal de Qualificação. Três Lagoas, 2001. s/p.

MINISTÉRIO Público do Trabalho. Procuradoria Regional – 24ª Região. *Termo de Declaração*. Campo Grande-MS. 25 jun. 2004.

PODER JUDICIÁRIO DE MATO GROSSO DO SUL - Comarca de Três Lagoas-MS. *Termo de Conclusão*. Três Lagoas-MS, 01 jun. 2004.

PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. Lei n. 1552, 16 jul. 1999.

PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. Lei n. 1937, 16 dez. 2004.

PREFEITURA Municipal de Três Lagoas Estado de Mato Grosso do Sul. *Altera dispositivos da lei nº 1.955, de 21 de fevereiro de 2005 e dá outras providências*. Lei n. 2.100, 28 nov. 2006.

SECRETARIA Municipal de Assistência Social, Cidadania e Trabalho. *Conhecendo Três Lagoas*. Três Lagoas, 2005. Não paginado.

TRIBUNAL Regional do Trabalho de Mato Grosso do Sul, 24ª Região. Processo n. 0989/2004. *Acórdão*. Campo Grande-MS, 17 nov. 2005.

BIBLIOGRAFIA

- ACANDA, Jorge Luis. *Sociedade Civil e Ideologia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- ALVES, Walter Assis. Industrialização recente: novas relações socioeconômicas em Três Lagoas-MS. *Esboços – Revista de pós Graduação em História da UFSC*, Florianópolis: n. 14, 2005, p. 101-116.
- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do Trabalho, Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ARÓSTEGUI, Julio. O objeto teórico da historiografia. In: _____. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 303-354.
- BATALHA, Cláudio H. M. A identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou legitimidade? *Revista Brasileira de História: Política & Cultura*. São Paulo, v.12, nº 23/24. p.111-124. set. 1991/ago. 1992.
- BATISTA, Roberto Leme. Reestruturação produtiva, ideologia e qualificação: crítica da noção de competência e empregabilidade. In: BATISTA, Roberto Leme; ARAUJO, Renan (orgs.). *Desafios do Trabalho: capital e luta de classes no Século XXI*. Londrina, PR: Práxis, 2003, p. 143-172.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRASIL. *Constituição Federal Consolidação das Leis do Trabalho, Legislação Previdenciária*. Organizado por Nelson Mannrich, 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.
- BRECHT, Bertolt. O canto das máquinas. In: _____. *Poemas (1913-1956)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*, São Paulo: FTD, 1996.
- CADERNOS do Mestrado. *O movimento sindical no interior: o caso dos trabalhadores têxteis e metalúrgicos (1978-1980)*. Série “história do Trabalho”, n. 1, Piracicaba, SP: ed. Unimep, 1984.
- CARDOSO, Adalberto Moreira. Os Sindicatos e Segurança Socioeconômica no Brasil. In: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). *Além da Fábrica: trabalhadores, sindicato e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

COCO, Giuseppe. Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2000.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. Anos 1990: a estabilidade com desigualdade. In: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. (orgs.) *Além da Fábrica: Trabalhadores, sindicato e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 109-139.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso ou progresso como ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro, O papel da História Oral na historiografia moderna. In: MEIHY, JOSÉ C. S. B. (org.) *(Re) introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p.22-32.

FRENCH, John. *Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. v. 2, p. 209-342.

GILIO, Ismael. *Trabalho e educação: Formação profissional e mercado de trabalho*, São Paulo: Nobel, 2000.

GODELIER, Maurice. Trabalho, In: Romano, R. (org.) *Enciclopédia Einaudi. Modo de produção/desenvolvimento/subdesenvolvimento*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda. 1986, v. 7, p. 11-62.

GRAMSCI, Antônio. Caderno 12 (1932). In: _____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v. 2, p. 13-53.

_____. Jornalismo. In: _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985, p. 159-204.

_____. Introdução ao estudo da filosofia e do materialismo histórico. In: _____. *Concepção dialética da história*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 09-89.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio; AGIER, Michel; CASTRO Nadya Araújo. (orgs.) *Imagens e Identidades do trabalho*. São Paulo: Ucitec, 1995.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª impressão revista, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HOGGART, Richard. “Nós” e “eles”. In: _____. *As utilizações da cultura. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Presença, 1973, p. 87-158.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (et al.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004, p. 116-138.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e história: algumas questões em torno da relação entre telegrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro (et al.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004, p.14-53.

MARX, Karl. Caderno I, [I] Salário. In: _____. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 23-38.

_____. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: _____. *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Boi Tempo, 2004, p. 79-90.

_____. *O 18 Brumário e cartas a Kugelman*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MATTOS, Marcelo Badaró. Políticas nacionais e poder sindical: uma perspectiva comparada. In: MENDONÇA, Sonia e MATTA, Márcia (orgs.) *Nação e poder: as dimensões da história*. Niterói, RJ: Eduff, 1998, p. 47-66.

MORADIELLOS, Enrique. ¿Que es la historia? In: _____. *El oficio de historiador*. Madri: Siglo XXI, 2005, p. 03-31.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Tendências Recentes das negociações coletivas no Brasil. In: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. (orgs.) *Além da Fábrica: Trabalhadores, Sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003, p.271-298.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narrações, interpretações e significados nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1996, p. 63-70.

RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicato e a nova questão social. In: _____ (orgs.). *Além da Fábrica: trabalhadores, sindicato e a nova questão social*. São Paulo: Boi Tempo, 2003, p. 11-43.

SAVIANI, Demerval. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1987.

SILVA, Jeanne. *Sob o ju(o)go da lei: confronto histórico entre direito e justiça*, Uberlândia: EDUFU, 2006.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. *Luzes e sombras na cidade: no rastro do Castelo e da Praça Onze: 1920/1945*, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2006.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa. A maldição de Adão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, v. 2, p. 18.

_____. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 v. 1, p. 9-10.

_____. O termo ausente: experiência. In: _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182.

_____. *Senhores e Caçadores: a origem da Lei Negra*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum, estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 267-304.

TUMOLO, Paulo Sérgio. *O significado do trabalho no capitalismo e o trabalho como princípio educativo: ensaio de análise crítica*. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/ts8.doc> Acesso em 27 de outubro de 2008.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade - Estatística e fontes orais. In: MORAES, Marieta (org). *História Oral*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, Diadorin. 1994, p. 45-73.

WEIL, Simone. A racionalização. In: BOSI, Ecléa (org.) *Simone Weil. A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 111-127.

ANEXOS

Anexo A – Indústrias instaladas em Três Lagoas desde 1997 e em processo de instalação

Indústrias Instaladas	Área de atuação	Investimento (mil R\$)	Empregos Diretos
Mabel	Produtos Alimentícios (Biscoitos)	20.000,00	400
Cargill	Esmagadora de Soja	71.000,00	120
MD8	Têxtil (ind. Moveleira e automotiva)	28.500,00	250
Água Aquarela	Envasamento de Água Mineral	1.000,00	15
Multibrasil	Confecção e Acessórios de Vest.	500,00	60
GS Plásticos	Brindes Promocionais	2.000,00	200
Citroplast	Plásticos e Cartonagem	3.000,00	40
Plastitel	Etiquetas Plásticas	500,00	8
Plastisol	Etiquetas Plásticas	500,00	8
Corttex	Têxtil (cortinas)	31.200,00	850
Avanti	Têxtil (fiação de Polyester)	50.000,00	150
Suzel	Confecção Jeans	130,00	46
Curtume Três Lagoas	Curtume	2.000,00	50
Comask	Confecção Jeans	2.300,00	161
Grupo Pasmanik (GEP)	Confecção	2.000,00	60
Termelétrica	Usina de Energia à Gás	900.000,00	50
Sultan	Têxtil (cama, mesa e banho)	200,00	60
Água Labor	Envasamento de Água Mineral	800,00	10
Klin Calçados Infantis	Calçados Infantis	10.000,00	1000
Kidy Calçados Infantis	Calçados Infantis	4.000,00	820
MK Química	Produtos Químicos p/ Curtume	2.000,00	60
Tubotec – MS	Tubos de papelão p/ fiação	1080,00	17
Brascopper	Fios e Cabos (aço e cobre)	16.000,00	80
Adar	Malharia	58400,00	350
MP Aviamentos	Têxtil (fios e malhas)	4.000,00	100
Linhas Bonfio	Linhas	14.670,00	185
Fibrasil	Confecção e Acessórios de Vest.	1.500,00	60
JS Florestal	Cerraria	5.000,00	150
Apiários Flor da Acácia	Mel e Derivados	200,00	10
Fatex	Têxtil (cortinas)	14.700,00	220
Metal frio	Metal Mecânica	50.000,00	600
Feral	Metalúrgica (lã de aço)	12.000,00	200
Escala Blocos	Pré moldados e bloquetes	120,00	25
Emplal	Embalagens Plásticas	36.340,00	175
Kelli Cristina G Souza ME	Cerâmica	120,00	10
Corradi Mazzer	Têxtil (Jeans)	3.112,00	30
Philus Engenharia	Painéis, Quadros e Suportes	450,00	60
Central MS Telhas	Telhas Galvanizadas	5.000,00	30
Sub-Total		1.354.322,00	6.720

Indústrias em Instalação	Área de Atuação	Investimento (mil R\$)	Empregos Diretos
Coprosul	Química p/ Alimentos e Conservantes	14.436,00	60
Silotrês	Metalúrgica (Silos e Telhas)	6.060,00	60
Irmãos D´Agosto	Vergalhões e Chapas de aço	4.500,00	60
Gurgel Motores	Montadora de veículos	1.500,00	200
Central Plast	Tanques em fibra de vidro	530,00	40
RCG	Eletromecânica	20.500,00	435
VCP Florestal	Papel	2.300.000,00	900
International Paper	Celulose	700.000,00	500
Indama Tres Lagoas	Fecularia	12.000,00	110
Conde Duck (Meias)	Meias	4.000,00	150
Resimax	Resinas Plásticas	11.650,00	150
Mercopack	Embalagens e Laminados Plásticos	11.500,00	200
Lopes Transp. Log. Ind. Com	Pallets e Embalagens de Madeira	700,00	40
IFC / Cobrecom	Fios e Cabos (cobre)	24.928,00	80
Coexpan	Embalagens Plásticos e Celulósicos	67.080,00	63
Phyto Cosméticos	Perfumaria e Cosméticos	21.500,00	180
DMB Pré Moldados	Peças Estruturais p/ Const. Civil	2.800,00	30
Ananda Metais	Telhas galvanizadas / Dry wall	15.000,00	100
Homy Química	Produtos Químicos (alimentos)	16.000,00	150
Euromobile	Móveis	1.200,00	30
Rio Prata	Embalagens	31.000,00	150
SICO	Siderúrgica	799.000,00	300
Omya Química	Produtos para Clareamento Papel	30.000,00	30
Textil Suíça	Têxtil	12.000,00	20
Málaga	Pias		
Sub-Total		4.107.884,00	4.038
TOTAL		5.462.206,00	10.758

Fonte: Prefeitura Municipal de Três Lagoas. Secretaria Municipal de Administração, Comércio e Indústria de Três Lagoas.

Anexo B - Maquete Distrito Industrial I de Três Lagoas.

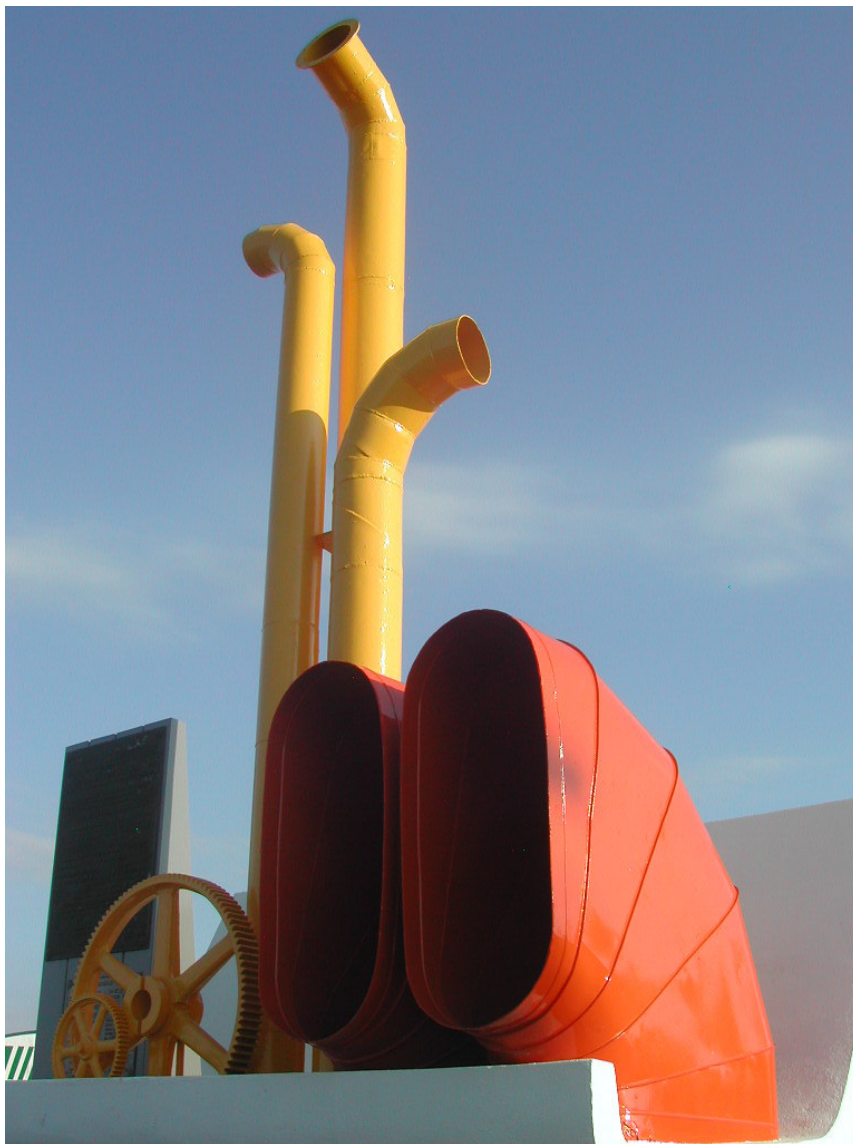


Fonte: Elaborado por Luciano Ventania sob encomenda da Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Três Lagoas/MS. [entre 2000 a 2008]

Anexo C - Vista panorâmica do Distrito Industrial I de Três Lagoas.



Fonte: DAVID, Nilo. Imagem panorâmica do Distrito Industrial I de Três Lagoas. MS Imagens/ Assessoria de Comunicação, Prefeitura Municipal de Três Lagoas. Jul. 2008. il. Color, 8 cm.

Anexo D - “Monumento das Indústrias”.

Monumento erigido em 12 de abril de 1975, como marco inaugural do Distrito Industrial de Jupiá. Construído pelo engenheiro Edson Longo Raimo durante o Governo Municipal de Hédio Congro. Na placa de inauguração localizada junto ao que ficou conhecido como “Monumento das Indústrias” apresenta-se a seguinte inscrição: *“Neste ponto, divisor de águas, fincado está o primeiro marco, símbolo do trabalho e da indústria [...] As suas águas [do Rio Paraná] tranqüilas e imensas nos unem aqui a São Paulo, que nos estende as mãos, para podermos igualar em valor e progresso”*.

Fonte: FARIA, Cleoslei de. Imagem do “Monumento das Indústrias”, Três Lagoas, jul. 2005. il. color, 15 cm.

Anexo E – Imagem da primeira página do *Jornal do Povo*, Suplemento Especial de Natal, 26 de dezembro de 1997.



Fonte: ALVES, Walter. Reprodução em fotografia da primeira página do *Jornal do Povo* de 26 de dezembro de 1997. Três Lagoas, 12 jan. 2009. il color. 13 cm.